

607 AEC ou 587 AEC?

Em que ano a antiga Jerusalém foi destruída? O que revela a evidência bíblica e histórica? Que importância tem isso hoje?

Mentes Bereanas

607 AEC ou 587 AEC?

Em que ano a antiga Jerusalém foi destruída? O que revela a evidência bíblica e histórica? Que importância tem isso hoje?

Análise da matéria dos artigos sobre cronologia publicados em dois números da revista *A Sentinela* – por um grupo de associados do *Mentes Bereanas*.

© *Mentes Bereanas* – 2016
www.mentesbereanas.info

Índice

Parte		Página
	Prefácio	1
	Introdução	2
01	Um Exame das “Evidências na Própria Bíblia”	5
02	O Que os Documentos <u>Realmente</u> Mostram?	12
03	“O que os eruditos dizem” — e o que eles <i>não dizem</i>	30
04	Simulações das Posições Lunares da Tabuinha VAT 4956	62
05	A Importância do Ano 607 AEC Para a Organização Torre de Vigia	96
	Resumo e Considerações Finais	103

Prefácio

Este tratado foi elaborado, em parte para atender ao pedido de diversos leitores que nos contataram (depois de terem lido os artigos dos números de *A Sentinela* de outubro e novembro de 2011), e em parte para o benefício das Testemunhas de Jeová convertidas mais recentemente, que talvez não tenham conhecimento dessa discussão que já vem ocorrendo há muitos anos. Outros interessados no assunto da cronologia do período neobabilônico poderão ter interesse em examinar esta matéria.

As matérias que apareceram nas revistas mencionadas não apresentaram *uma única idéia nova*. Estas revistas apenas repetiram o que já havia sido apresentado oficialmente em publicações anteriores da Torre de Vigia ou extra-oficialmente por apologistas desta organização. E todos os argumentos destas fontes já haviam sido completamente refutados em anos anteriores.

Embora este folheto repita alguns contra-argumentos apresentados há muito tempo, o que ele faz é, sobretudo, *resumir* os questionamentos. Para os leitores interessados numa discussão mais aprofundada, ao longo da análise estaremos indicando matérias pertinentes a cada ponto discutido, que se encontram atualmente disponíveis no site *Mentes Bereanas*.

O espaço nos faltaria se mencionássemos aqui os nomes de todos os que contribuíram para este tratado. Sem os dados levantados por estes pesquisadores – bem como o longo tempo que eles dedicaram à pesquisa, organização e aprimoramento das informações – dificilmente poderíamos tê-lo escrito num intervalo tão curto.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos essa dívida para com todas essas pessoas esclarecidas, de vários países do mundo, reservamos o nosso agradecimento principal à Pessoa que realmente o merece: o Deus da verdade. Foi muito gratificante constatar que, em todas as questões mais cruciais, a Palavra dele forneceu os dados que nos permitiram chegar às conclusões corretas. Não temos dúvida de que todo o mérito cabe a Ele, o inspirador dos homens fiéis da antiguidade que assentaram por escrito as informações essenciais para o entendimento deste assunto.

Os Editores.

Introdução

“POR QUE ISSO É IMPORTANTE” – A Justificativa Apresentada Para a Escrita dos Artigos

A *Sentinela* de 1º de outubro de 2011, pág. 26:

Mas por que se interessar na data exata em que o rei babilônio Nabucodonosor II destruiu Jerusalém? Primeiro, porque esse evento marcou um importante ponto de virada na história do povo de Deus.

Segundo, porque saber o ano exato em que essa “grande catástrofe” começou e entender como a restauração da verdadeira adoração em Jerusalém cumpriu uma profecia exata da Bíblia vai fortalecer sua confiança na autenticidade da Palavra de Deus.

Todos os cristãos concordam que a Bíblia é um livro confiável do ponto de vista histórico. Todavia, se eles tivessem de saber o “ano exato” dos principais fatos relatados na Bíblia como condição essencial para terem confiança na autenticidade dela, estariam realmente numa situação muito precária. Há eventos *muito mais importantes* na história do povo de Deus do que a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor II, para os quais a Bíblia simplesmente não fornece qualquer dado que permita situá-los com precisão em termos de nosso calendário moderno. E se isto é assim nos dias de hoje, a situação era pior no caso dos leitores da Bíblia que viveram em séculos anteriores. Não havia maneira de eles situarem com precisão eventos bíblicos na história, já que os conhecimentos sobre arqueologia e astronomia antiga eram bem inferiores aos nossos. No entanto, apesar de os homens tementes a Deus no passado não terem como elaborar uma cronologia correta dos eventos bíblicos na história universal, isso jamais perturbou a confiança deles na Bíblia como Palavra de Deus.

Ademais, o parágrafo acima transmite a impressão de que ninguém sabe a data da destruição de Jerusalém, de maneira que a revista *A Sentinela* precisa explicar o assunto. Na realidade, os historiadores não só sabem que este evento ocorreu em **587/586 AC**, como consideram esta data *exata*. E os cristãos em geral (eruditos ou não) a aceitam sem qualquer problema. A única liderança religiosa importante no mundo que faz constante esforço para contradizê-la é a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (sediada nos EUA). Por que os líderes desta organização religiosa têm tanto interesse em desacreditar essa data? Porque há muito tempo eles

defendem *outra data* para o evento, **607 AEC**. E eles têm uma poderosa razão para agirem desta maneira.¹

O verdadeiro propósito dos artigos, então, dificilmente poderia ser ‘fortalecer a confiança na autenticidade da Palavra de Deus’. Para a fé cristã, realmente não faz qualquer diferença saber em que data ocorreu a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, seja 587 AEC ou 607 AEC. Mas esse detalhe faz uma diferença crucial *para a liderança da Torre de Vigia*. É por isso que, do princípio ao fim, os artigos foram escritos com o objetivo exclusivo de *por em dúvida a data histórica – 587 AC – e defender a data 607 AEC*.

Trecho do segundo parágrafo (página 26):

Então, por que as Testemunhas de Jeová defendem uma data que difere em 20 anos da cronologia amplamente aceita? Em poucas palavras, por causa das evidências na própria Bíblia.

Um trecho bem curto, mas com dois problemas que são freqüentes nas publicações da organização:

1 - “**cronologia amplamente aceita**” x “**evidências na própria Bíblia**”

Qualquer estudante da história antiga (incluindo os que escreveram estes números de *A Sentinela*) sabe que, em termos da *cronologia neobabilônica*, essa divergência *não existe*. A informação contida na Bíblia e as evidências dos historiadores *estão de pleno acordo* quanto à data 587 AC e ambos *contradizem* a data 607 AEC.²

2 - “**as Testemunhas de Jeová defendem uma data...**”.

Uma velha generalização. A maioria das Testemunhas de Jeová do mundo *não defende* este ensino por convicção pessoal, advinda de terem examinado cuidadosamente as evidências. Quem defende a data 607 AEC é a *liderança das Testemunhas de Jeová*. Essa mencionada maioria das Testemunhas se baseia

¹ Para uma consideração da importância da data 607 AEC para a Torre de Vigia, veja a Parte 5 deste folheto.

² Esse tipo de afirmação enganosa é muito comum nas publicações da Torre de Vigia quando o assunto tratado é a cronologia neobabilônica. Neste mesmo número de *A Sentinela* aparece a seguinte frase na página 29: “*A linha do tempo baseada em suas informações cronológicas [isto é, a dos historiadores] **não bate com a da Bíblia.***” Infelizmente, frases assim induzem muitos leitores a pensar que existe mesmo um conflito entre a Bíblia e os historiadores.

unicamente nas publicações da Torre de Vigia (que refletem os conteúdos ideológicos da organização) e jamais consulta outras publicações. Dizemos “maioria”, porque algumas Testemunhas de Jeová às vezes se permitem verificar essa cronologia de maneira independente. E quando elas fazem isso, invariavelmente descobrem as falhas do ensino, chegando, por fim, a entender o motivo de sua liderança defender tanto a data 607 AEC.

Daí, essas Testemunhas se confrontam com duas alternativas: continuar ensinando que Jerusalém foi destruída em 607 AEC (junto com todos os ensinamentos derivados disso), mesmo sabendo que a data está errada, ou respeitar a voz de sua consciência e parar de ensinar isso. Independentemente de qual seja a decisão, cada uma dessas Testemunhas se dá conta também de que *não poderá jamais divulgar abertamente suas descobertas a ninguém dentro da organização*. Porque, se persistir em fazer isso, certamente enfrentará conseqüências.

1

Um Exame das “Evidências na Própria Bíblia”

O parágrafo seguinte diz:

“Setenta anos” para quem?

Anos antes da destruição, o profeta judeu Jeremias forneceu uma pista fundamental para se entender a cronologia bíblica relacionada a esse evento. Ele avisou “todos os habitantes de Jerusalém”, dizendo: “Toda esta terra virá a ser uma desolação e um espanto; estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos.” (Jeremias 25:1, 2, 11, *Versão Brasileira*)

O versículo que vem logo em seguida nessa “pista fundamental” (Jeremias 25:12), não foi citado. Esse versículo diz:

“E terá de acontecer que, **quando tiverem cumprido setenta anos, ajustarei contas com o rei de Babilônia e com aquela nação**’, é a pronúncia de Jeová, ‘pelo seu erro, sim, com a terra dos caldeus, e vou fazer dela baldios desolados por tempo indefinido.” (*Tradução do Novo Mundo*. O grifo é nosso.)

Uma vez que historicamente esse ‘ajuste de contas com o rei de Babilônia e sua nação’ veio em 539 AEC o período de setenta anos *já estava cumprido em 539 AEC*. Como esse texto sozinho é suficiente para demolir a afirmação de que os setenta anos só terminaram dois anos depois, em 537 AEC, é por isso que ele é deixado fora da *Sentinela*. Em vez disso o parágrafo dá um salto até Jeremias 29:10 – e não cita mais a *Versão Brasileira*, e sim a *Tradução do Novo Mundo*. Por quê? Porque esta versão, usada pelas Testemunhas de Jeová, é das poucas que usam a expressão “em Babilônia”. O primeiro parágrafo da página 27 explica isso:

Em vez de dizer 70 anos “em Babilônia”, muitas traduções dizem “para Babilônia”. (VB) Por isso, alguns historiadores alegam que esse período de 70 anos se aplica ao Império Babilônico. Segundo a cronologia secular, os babilônios dominaram o território das antigas Judá e Jerusalém por uns 70 anos, de cerca de 609 AEC a 539 AEC, quando a capital de Babilônia foi capturada.

3

O parágrafo reconhece que a *Versão Brasileira* (a que estava sendo citada como apoio até aqui) é uma das muitas que dizem “para Babilônia”. Mas este é só um dos problemas. O parágrafo omite certas informações que mudariam o assunto de figura. Que informações? Estas grafadas com letra vermelha:

‘Em vez de dizer 70 anos “em Babilônia”, a maioria das traduções dizem “para Babilônia”. (VB). Entre estas se inclui a nossa Tradução do Novo Mundo, nas edições em alguns idiomas europeus. Por isso, todos os historiadores competentes afirmam que esse período de 70 anos se aplica ao Império Babilônico. Segundo a cronologia secular neobabilônica, que está em harmonia com toda a informação apresentada na Bíblia, os babilônios dominaram o território das antigas Judá e Jerusalém e de todas as outras nações da região por uns 70 anos, de cerca de 609 AEC a 539 AEC, quando a capital de Babilônia foi capturada. Em palavras mais simples, tanto a Bíblia como os historiadores estão de acordo com o fato de que os setenta anos de domínio babilônico sobre as nações (mencionados em Jeremias 25:11, 12) terminaram em 539 AEC.’

O fato de a *Sentinela* ter omitido – e *deliberadamente* – o texto de Jeremias 25:12, omitindo também que a *maioria* das versões bíblicas apresenta esses 70 anos como o período concedido por Deus para Babilônia dominar a região (e não como o período

³ Embora alguns imaginem que esta foi a primeira referência da Torre de Vigia aos 70 anos como o período da *dominação babilônica sobre as nações*, este não é o caso. O livro *Profecia de Isaías — Uma Luz Para Toda a Humanidade*, Vol. 1, (publicado em 2000), pág. 253, foi o primeiro a apresentar os setenta anos desta maneira.

de cativeiro judaico **em** Babilônia)⁴ permite que o artigo continue insistindo na mesma tese. O segundo parágrafo da página 27 prossegue:

A Bíblia, porém, mostra que os 70 anos seriam um período de punição severa da parte de Deus — dirigida especificamente ao povo de Judá e de Jerusalém, que estavam num pacto para obedecer a ele. (Êxodo 19:3-6) Quando eles se recusaram a mudar seu proceder errado, Deus disse: “Enviarei . . . Nabucodonosor, rei de Babilônia, . . . contra esta terra, e contra os seus habitantes, e contra todas estas nações ao redor.” (Jeremias 25:4, 5, 8, 9, VB) Apesar de as nações ao redor também sofrerem a ira de Babilônia, a destruição de Jerusalém e os 70 anos de exílio que se seguiriam foram chamados por Jeremias de “punição do meu povo”, pois Jerusalém tinha cometido “graves pecados”. — Lamentações 1:8; 3:42; 4:6, *Nova Versão Internacional*.

Vários versículos de três livros bíblicos foram citados, é verdade, mas será que eles ‘mostram’ mesmo tudo isso que o parágrafo diz? Se os leitores tomassem tempo para conferi-los calmamente, notariam que *nenhum deles* diz ou sugere que o período de “punição severa” *durou* 70 anos. O livro do Êxodo não diz uma palavra sobre “setenta anos” e o profeta Jeremias nunca disse que a “punição do meu povo” seria “70 anos de exílio”. Essa expressão “70 anos *de exílio*” não aparece nos escritos dele, nem nos de qualquer outro profeta judaico. Declarado de maneira simples, a Bíblia *não mostra* isso que o parágrafo diz.

O mesmo vale para a série de afirmações incluídas nos demais parágrafos sob o tópico “Quando começaram os ‘setenta anos?’”, na página 27. Ainda devido à omissão das palavras de Jeremias 25:12, os leitores são induzidos a aceitar várias informações erradas sobre os 70 anos. Entre estas, estão as quatro que seguem:

Assim, os 70 anos seriam um período em
1 que a terra de Judá e de Jerusalém teria “descansos sabáticos”.

a punição era que sua
2 terra seria abandonada e ficaria sem cultivo por 70 anos.

⁴ Para os leitores interessados numa consideração abrangente desta questão da tradução de Jeremias 29:10, recomendamos o texto *Os Setenta Anos Para Babilônia*, disponível na seção sobre Astronomia/Arqueologia do *Mentes Bereanas*. Veja especificamente a Seção B-1: “Setenta anos – “em” Babilônia ou “para” Babilônia?”

De novo, não há maneira de confirmar bíblicamente essas informações. O texto de 2 Crônicas 36:20, 21 (citado na página 27 da *Sentinela*) não diz isso. Eis a citação da *Nova Versão Internacional*, conforme aparece no parágrafo da revista:

A terra desfrutou os seus descansos sabáticos; descansou durante todo o tempo de sua desolação, até que os setenta anos se completaram, em cumprimento da palavra do SENHOR anunciada por Jeremias.” — 2 Crônicas 36:20, 21, *NVI*.

É muito fácil um leitor desatento tirar uma conclusão equivocada desse texto. Está ele dizendo que a terra descansou *durante 70 anos*? Não. Ele diz que a terra “descansou durante todo o tempo de sua desolação, até que os setenta anos se completaram”. A “palavra do SENHOR anunciada por Jeremias” não tinha sido sobre “70 anos *de desolação*” e sim sobre 70 anos de *domínio babilônico*. É claro que quando o domínio babilônico terminou, a desolação também terminou, mas isso não é o mesmo que dizer que a desolação também *durou 70 anos*. Pois nenhum texto bíblico sugere que o descanso e a desolação da terra *começaram no mesmo momento* em que o domínio babilônico sobre as nações começou. Em palavras mais simples, a Bíblia informa precisamente qual foi a duração do período de *domínio babilônico*, mas *não informa* a duração do ‘descanso sabático’ e da ‘desolação’ da terra de Judá. A História estabelece (e a Bíblia está de acordo) que a desolação judaica começou *muito depois* que o período de domínio babilônico sobre as nações tinha começado.⁵ Ao tratar especificamente disso, a *Sentinela* diz:

3 Quando começaram os 70 anos? Certamente não foi depois que Nabucodonosor sitiou Jerusalém pela primeira vez.

Apesar da palavra “certamente”, esta é uma frase sem qualquer propósito, a não ser confundir os leitores. Nem a Bíblia, nem a História fazem uma ligação do início dos setenta anos de domínio babilônico com algum sítio da cidade de Jerusalém por eles.

Enfatizamos: Tudo o que a Bíblia diz (e a História confirma) é que Babilônia *dominou* sobre as nações da região durante 70 anos. Jerusalém era apenas uma de muitas cidades naquela ampla área, e o momento em que ela foi sitiada “pela primeira vez” não tem importância alguma na questão de sabermos quando foi que o período de 70 anos se iniciou. Só teria importância se Jerusalém fosse a *cidade dominante* na região antes de Babilônia assumir o controle. Mas este não foi o caso, porque a História registra (e a Bíblia confirma) que a potência dominante anterior era a *Assíria*, com sua capital, *Nínive*, não Judá e sua capital, Jerusalém. E a data

⁵ Historicamente, a terra de Judá permaneceu desolada por aproximadamente *50 anos* (587 AEC – 538 AEC). A informação apresentada na Bíblia não contradiz isso.

histórica para o fim completo do Império Assírio é 609 AEC, sendo este o ano inicial da supremacia babilônica, que terminou exatamente 70 anos depois (539 AEC).

Como visto acima, a matéria da *Sentinela* chega a mencionar esse intervalo histórico de 70 anos (embora aplicando o domínio babilônico só a “Judá e Jerusalém”), mas o chama de “cronologia secular” (induzindo os leitores a pensarem que não tem credibilidade), recusando-se terminantemente a reconhecer que este período – 609 AEC a 539 AEC – é que está de acordo com a profecia de Jeremias, ao passo que o período defendido na revista – 607 AEC a 537 AEC – contradiz Jeremias. Esta é a única razão por que o parágrafo tenta forçar de qualquer maneira uma conexão entre o sítio de Jerusalém e o início dos 70 anos. A Bíblia *jamais autoriza* essa conexão, por mais que os apologistas da cronologia da Torre de Vigia insistam nisso.

No final do último parágrafo do tópico (início da página 28) aparece esta frase:

4 Portanto, tudo indica que esse
acontecimento marcou o começo dos 70 anos.

Com “esse acontecimento”, a *Sentinela* se refere à destruição de Jerusalém, seguida pelo despovoamento da terra de Judá. A expressão “tudo indica” não passa de outro qualificativo do escritor. A própria Bíblia *não indica* qual foi o acontecimento histórico específico que “marcou *o começo* dos setenta anos”. Esta informação jamais aparece na Bíblia. Ela só indica qual foi o momento em que esse período *terminou*. Só podemos saber em que momento o período começou com a ajuda da evidência histórica, que situa o fim do Império Assírio (que equivale ao início da supremacia babilônica) em 609 AEC. O que o artigo da *Sentinela* faz o tempo todo é esconder e deturpar informações, para desviar a atenção dos leitores do fato de que a Bíblia dá base para situarmos *o fim* desse período de setenta anos em 539 AEC. Sendo assim, ele não poderia ter começado no momento da destruição de Jerusalém, seja 607 AEC ou 587 AEC, pois nenhuma dessas duas datas está 70 anos antes de 539 AEC.

Em seguida vem este trecho:

Quando terminaram os “setenta anos”?

O profeta Daniel, que viveu até o começo do “domínio persa” e estava em Babilônia quando isso aconteceu, calculou quando os 70 anos terminariam. Ele escreveu: “Eu, Daniel, compreendi pelas Escrituras, conforme a palavra do SENHOR dada ao profeta Jeremias, que a desolação de Jerusalém iria durar setenta anos.”
— Daniel 9:1, 2, NVI.

Este é outro caso onde se apresenta uma tradução *errada* dessa parte da profecia de Daniel (assim como se faz no caso da tradução inexacta “em Babilônia” para Jeremias

29:10). A maioria das versões bíblicas modernas (incluindo a própria *Tradução do Novo Mundo!*) *não usa o verbo “durar” neste texto*. E Daniel não estava dizendo que os setenta anos *iriam terminar no futuro*. Daniel tinha em mãos as palavras de Jeremias 25:12, e quando as leu, ele entendeu que, como o rei de Babilônia e sua nação tinham sido punidos, os 70 anos *já tinham terminado*. Os eruditos da Torre de Vigia sabem que o verbo “durar” *não aparece* no hebraico original deste texto, e ele foi inserido arbitrariamente pelos tradutores da *NVI*, mas a *Sentinela* cita justamente essa tradução, só porque ela ajuda a “comprovar” a interpretação defendida na revista.

O segundo parágrafo deste mesmo tópico (coluna direita da página 28) é mais um exemplo de omissão de evidência bíblica. A *Sentinela* diz:

Esdras meditou nas profecias de Jeremias e relacionou o fim dos “setenta anos” com o tempo em que “o SENHOR tocou no coração de Ciro, rei da Pérsia, para que fizesse uma proclamação”. (2 Crônicas 36:21, 22, *NVI*) Quando é que os judeus foram libertados? O decreto que pôs fim ao seu exílio foi emitido no “primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia”. (Veja o quadro “Uma data fundamental na História”.) Assim, no outono de 537 AEC, os judeus já tinham voltado a Jerusalém para restaurar a adoração verdadeira. — Esdras 1:1-5; 2:1; 3:1-5.

Eis o que diz o texto de 2 Crônicas 36:22, segundo a citada *NVI*:

“No **primeiro ano do reinado de Ciro**, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor anunciada por Jeremias, o Senhor tocou no coração de Ciro, rei da Pérsia, para que fizesse uma proclamação em todo o território de seu domínio e a pusesse por escrito, nestes termos:” (O grifo é nosso.)

A *Sentinela* usou a frase genérica “tempo em que o Senhor tocou no coração de Ciro”, mas a Bíblia é específica. Ela diz que esse “tempo” foi o “*primeiro ano do reinado de Ciro*”. Historicamente, isso foi em 539 AEC (a “Data Fundamental na História” segundo o mencionado quadro na página 28 da *Sentinela*). Então, se ‘Esdras relacionou o fim dos setenta anos com o tempo em que Deus tocou no coração de Ciro para fazer a proclamação’, segue-se que Esdras relacionou o fim dos setenta anos com *539 AEC* (o momento da proclamação), não com 537 AEC. Assim como no caso de Daniel, as palavras de Esdras *não contradizem* o que Jeremias havia dito. Aqui, a revista *A Sentinela* faz referência ao texto de Esdras, mas *desconsidera a informação principal contida nele*. O texto de 2 Crônicas 36:22 é mal citado para esconder evidência, dificultando que os leitores cheguem à conclusão óbvia, que é desastrosa para a interpretação defendida na revista.

Recordemos o que havia dito o segundo parágrafo da página 26:

Então, por que as Testemunhas de Jeová defendem uma data que difere em 20 anos da cronologia amplamente aceita? Em poucas palavras, por causa das evidências na própria Bíblia.

Tendo em vista essa frase sublinhada, seria razoável qualquer leitor esperar que *A Sentinela*, sendo uma publicação religiosa, manter-se-ia dentro dos limites da autoridade *da Bíblia* para apresentar evidências de apoio aos seus ensinamentos. Ou que pelo menos *a maior parte* das evidências apresentadas seria *bíblica*, não “secular” ou “profana”.

O que se nota nos dois artigos é *o contrário* disso. As únicas “evidências na própria Bíblia” apresentadas se limitaram a essas poucas que consideramos até aqui (contidas nas páginas 26-28 da *A Sentinela* de 1º de outubro de 2011). Cerca de *metade* do primeiro artigo dessa revista de outubro/2011 e o segundo artigo *inteiro* (o da revista de novembro/2011) trata de outro tipo de evidências, não mais das bíblicas. Do total de 13 páginas (abrangidas pelos dois artigos) apenas *3 páginas* são dedicadas à Bíblia. As outras 10 páginas analisam documentação histórica e declarações de eruditos!

E, é triste dizê-lo, na abordagem dessas evidências “seculares”, as duas revistas não se saíram melhor do que na consideração das “evidências na própria Bíblia”. Pelo contrário, os problemas na argumentação são ainda maiores. Passaremos agora à análise do restante do primeiro artigo.

2

O Que os Documentos Realmente Mostram?

A – Os Historiadores Clássicos e Ptolomeu

O primeiro parágrafo da página 29 diz:

Mas se as evidências das Escrituras inspiradas apontam claramente para 607 AEC como a data da destruição de Jerusalém, por que muitas autoridades defendem 587 AEC? Elas se baseiam em duas fontes — os escritos de historiadores clássicos e o Cânon de Ptolomeu.

Mesmo para quem tem *conhecimento básico* de cronologia neobabilônica, chega a ser incrível esta afirmação. Transmite-se a impressão de que as autoridades em história antiga se baseiam *unicamente* nestas duas fontes para estabelecer 587 AEC como o ano da destruição de Jerusalém!⁶

É interessante que no quadro ao pé da página 28, o artigo de *A Sentinela* menciona documentação histórica e *astronômica* em apoio da data 539 AEC para o primeiro ano de Ciro. Mas os leitores não são informados de que a data 587 AEC tem *muito mais evidência astronômica* em favor dela do que a data 539 AEC. Tudo o que os historiadores clássicos e Ptolomeu fazem é simplesmente *confirmar* aquilo que é estabelecido pela documentação astronômica.

Mas o problema aqui não é só a omissão de informações. Nesse trecho, o artigo cai numa incoerência flagrante. Como assim? Consideremos o que diz esse mesmo quadro da página 28 (o sublinhado é nosso):

⁶ Infelizmente este é outro tipo de afirmação muito comum nas publicações da Torre de Vigia, sempre que o assunto é cronologia. Na página 30 deste mesmo número de *A Sentinela* aparece esta frase: “A lista de reis feita por Ptolomeu é considerada a *espinha dorsal da cronologia da história antiga, incluindo o período neobabilônico*.” (O itálico é nosso.) Quem não tem conhecimento mínimo de cronologia antiga poderia dizer isso. O que não é o caso dos escritores desses artigos que estamos analisando.

◀ **Confirmação de uma tabuinha cuneiforme:** Uma tabuinha cuneiforme babilônica de argila (BM 33066), com dados de astronomia, confirma a data da morte de Ciro em 530 AEC. Embora essa tabuinha contenha alguns erros de posicionamento de astros, ela descreve dois eclipses lunares que segundo ela ocorreram no sétimo ano de Cambises II, o filho e sucessor de Ciro. Esses eclipses são identificados com os eclipses lunares visíveis em Babilônia em 16 de julho de 523 AEC e em 10 de janeiro de 522 AEC, apontando assim para a primavera de 523 AEC como o começo do sétimo ano de Cambises. Isso faz com que o seu primeiro ano de reinado seja 529 AEC. Portanto, o último ano de Ciro teria sido 530 AEC, fazendo de 539 AEC seu primeiro ano como governante de Babilônia.

O artigo da *Sentinela* admite que a tabuinha cuneiforme astronômica usada para dar apoio à data 539 AEC contém erros e, no entanto, ela é aceita sem qualquer problema. Mas o que é que o escritor da *Sentinela* faz no caso das informações dos historiadores clássicos e do Cânon de Ptolomeu? Passa o resto do artigo (páginas 29-31) tentando *desacreditar* a data que eles estabelecem, *exatamente pelo mesmo motivo*, ou seja, por existirem erros neles! Se a existência de erros nos historiadores clássicos e no Cânon de Ptolomeu constitui razão para rejeitarmos a data 587 AEC, por que, então, a data 539 AEC é aceita, se as fontes históricas que a confirmam contém erros do mesmo tipo?

Esta incoerência é na verdade parte duma manobra de despistamento muito habilidosa. Enquanto a atenção dos leitores é totalmente concentrada na existência de erros nos historiadores clássicos e em Ptolomeu, a *Sentinela* não os informa de que estas fontes são *totalmente dispensáveis*. A evidência na *documentação astronômica* em apoio da data 587 AEC é tão forte, que não haveria a mínima necessidade de se recorrer a outros escritos para estabelecê-la. Nenhum historiador de hoje precisa realmente dessas fontes para estabelecer a cronologia neobabilônica. É isso que torna tão absurda a declaração de que ‘as autoridades se baseiam nos escritores clássicos e no Cânon de Ptolomeu para defender 587 AEC’.

Ninguém duvida que qualquer fonte histórica está sujeita a erros e omissões. Seria uma infantilidade afirmar o contrário. Como vimos acima, a revista *A Sentinela* cita favoravelmente uma dessas fontes, mas é obrigada a admitir que ela também ‘contém erros’. Mas, como foi que o escritor dessa *Sentinela* soube que existem erros em todas essas fontes históricas, tanto nas aceitas como nas rejeitadas pela Torre de Vigia? A resposta a isso é fácil: Não foram os eruditos da Torre de Vigia que os descobriram. Eles souberam da existência deles porque *os próprios historiadores modernos* identificaram esses erros e publicaram suas descobertas!

Ainda assim, nenhum historiador moderno afirma que as datas *estabelecidas astronomicamente* estão erradas pelo fato de existirem esses problemas nas fontes históricas que as corroboram. Embora um leitor Testemunha de Jeová que tenha pouco entendimento do assunto em discussão possa ficar impressionado com a maciça quantidade de informações nessas *Sentinelas*, o erro grave seria ele perder de

vista a verdadeira questão. A longa discussão presente nas páginas 29 a 31 da *Sentinela* contém muita informação, mas toda essa informação *é inútil para apoiar o argumento da revista*. Encontrar erros nas fontes históricas é fácil, e o artigo poderia até gastar muito mais páginas falando disso. Embora os eruditos admitam francamente que há erros nessas fontes históricas, nem por isso encontramos algum deles dizendo que a data 587 AEC está errada, ou mesmo sujeita a dúvida. É por isso que, depois de todo o palavreado, o artigo não tem como evitar esse fato simples, admitido no “breve resumo” do quadro da página 31:

■ Os historiadores geralmente dizem que Jerusalém foi destruída em 587 AEC.

Os escritores da Torre de Vigia são incapazes de encontrar *um único historiador* credenciado e imparcial que *discorda* disso, para poder citá-lo na *Sentinela*.

O tópico concludente do artigo da revista de outubro começa dizendo:

**A conclusão à base
dessas evidências**

Em resumo: a Bíblia diz claramente que houve um exílio de 70 anos. Há fortes evidências — e a maioria dos eruditos concorda — que em 537 AEC os judeus exilados já haviam voltado para sua terra natal. Se contarmos para trás a partir desse ano, a destruição de Jerusalém foi em 607 AEC.

Outro despistamento. Por que “a maioria dos eruditos concorda que em 537 AEC os judeus exilados já haviam voltado para sua terra natal”? A resposta é simples: Eles *nunca discordaram* disso. Esta *não é* — e *nunca foi* — a questão! Todos sabem que no ano de 537 AEC os judeus regressantes já se encontravam realmente na Palestina.

O que a revista precisaria ter provado, e não provou é:

- que o exílio judaico em Babilônia *durou 70 anos*;
- que a data *537 AEC* é o ano final do período de 70 anos de domínio babilônico mencionado em Jeremias 25:12;
- que a destruição de Jerusalém ocorreu em *607 AEC*.

A Bíblia não diz “claramente” nenhuma dessas três coisas. As “fortes evidências” em apoio dessas idéias *não existem*. E o escritor da revista não pôde citar *um único erudito* que concorde com elas.

Por fim, o artigo pergunta:

Será que não há nenhuma evidência histórica que apoie a data de 607 AEC, calculada com base na Bíblia? Que evidências são reveladas pelos documentos cuneiformes, muitos dos quais foram escritos por testemunhas oculares antigas e podem ser datados? Consideraremos essas perguntas no próximo número.

Este trecho admite que:

(1) Apesar de toda essa “base na Bíblia” para o cálculo da data 607 AEC, há necessidade da evidência histórica para prová-la.

(2) Por mais que haja erros nas fontes históricas consideradas (apontados *pelos eruditos*), esses erros *não servem* para apoiar 607 AEC.

Declarado de modo simples, o parágrafo admitiu que o primeiro artigo *não provou nada*, daí a necessidade do próximo artigo. Consideraremos essa matéria a partir de agora.

B – “Neutralizando” as crônicas babilônicas e as tabuinhas econômicas (ou comerciais)

Dando continuidade à depreciação das fontes históricas que teve início no primeiro artigo, as primeiras duas páginas e meia do artigo de *A Sentinela* de 1º de novembro prosseguem recorrendo ao expediente de fazer as citações de declarações de eruditos, desta vez sobre as *crônicas babilônicas* e as *tabuinhas econômicas* (ou *comerciais*).

Não comentaremos neste momento o que a *Sentinela* diz sobre essas declarações (isto é feito na próxima parte). Frisamos o fato de que, por mais que os historiadores apontem problemas (que existem realmente) nessas fontes históricas, o exame das citações mostra que *nenhum deles menciona a data 587 AEC, ou afirma que essa data está errada e que a data 607 AEC é que é a correta* para a destruição de Jerusalém. A ausência de apoio para a data 607 AEC por parte da comunidade erudita é tão completa, que não há como o escritor de *A Sentinela* fugir dos dois fatos que seguem. Na página 22 aparece de novo a mesma admissão que havia aparecido no número de outubro:

■ Os historiadores seculares dizem que Jerusalém foi destruída em 587 AEC.*

E, provavelmente para evitar problemas legais com os eruditos que estão vivos, o escritor da *Sentinela* toma o cuidado de acrescentar a seguinte informação na página 23 (num asterisco):

*** Nota: Nenhum dos eruditos citados defende que Jerusalém foi destruída em 607 AEC.**

A questão que qualquer Testemunha de Jeová ou leitor desta matéria poderia levantar é: ‘Ora, se “os historiadores seculares dizem que Jerusalém foi destruída em 587 AEC” e se “nenhum dos eruditos citados defende que Jerusalém foi destruída em 607 AEC”, então por que a revista *A Sentinela* faz tantas citações desses eruditos?’

A resposta é: Os historiadores e eruditos são *usados* pelo escritor para *transmitir aos leitores uma impressão falsa*. Não é que as citações sejam fraudulentas. Todas as declarações citadas foram realmente feitas por essas pessoas. O que é errada é a *maneira como as palavras deles são usadas*. Os problemas são os seguintes:

1) No caso dos eruditos vivos, *nenhuma* dessas declarações foi colhida numa *entrevista pessoal* com eles. O que o escritor da revista *A Sentinela* fez foi *selecionar arbitrariamente* certas frases dispersas em *matérias escritas por eles* (em livros ou outras publicações).

2) Estas frases selecionadas foram *tiradas do contexto*. Em nenhum caso o erudito estava falando sobre 587 AEC, ou dizendo que esta data é errada ou duvidosa. *Nenhum erudito* (vivo ou falecido) citado pela revista *A Sentinela* sugere que as fontes históricas são indignas de crédito pelo fato de existirem certos erros nelas. Eles apontam os erros, sim, mas não afirmam que as datas indicadas nessas fontes (tais como 587 AEC) estão erradas e devem ser rejeitadas.

3) E este é o problema mais grave de todos: O escritor de *A Sentinela* coloca essas declarações dos eruditos lado a lado com *conclusões de sua própria autoria*, para induzir o público a pensar que os eruditos estão de acordo com essas conclusões.

Típico disso é o exemplo que segue. Depois das duas páginas e meia tentando anular a credibilidade das crônicas babilônicas e das tabuinhas econômicas (usando declarações dos historiadores para isso), o artigo da *Sentinela* apresenta a seguinte conclusão na página 24:

Parágrafo

Por que essas discrepâncias são relevantes? Como já mencionado, as lacunas na história registrada pelas crônicas babilônicas indicam que talvez não tenhamos um registro cronológico contínuo.¹⁰ Poderiam outros ter governado entre o reinado desses reis? Nesse caso, seria necessário acrescentar anos ao período neobabilônico. Assim, nem as crônicas babilônicas nem as tabuinhas econômicas fornecem uma base para se determinar com certeza que Jerusalém foi destruída em 587 AEC.*

Asterisco

* Há tabuinhas para todos os anos tradicionalmente atribuídos aos reis neobabilônios. Quando se somam todos os anos em que esses reis governaram e se calcula do último rei neobabilônio, Nabonido, para trás, chega-se à data de 587 AEC para a destruição de Jerusalém. Mas esse método de datação só é válido se cada rei sucedeu ao próximo imediatamente, sem que outros tenham governado entre eles.

É claro que o escritor da revista não pôde citar um único erudito que concorde com *uma só palavra* do que está escrito no parágrafo. Embora vários historiadores tenham sido citados, nenhum deles afirmou

que “as lacunas na história registrada pelas crônicas babilônicas indicam que *talvez* não tenhamos um registro cronológico contínuo”,

que outros “*poderiam* ter governado entre o reinado desses reis”,

que “*seria necessário* acrescentar anos ao período neobabilônico”,

que “nem as crônicas babilônicas nem as tabuinhas econômicas fornecem uma base para se determinar com certeza que Jerusalém foi destruída em 587 AEC”.

Todas estas frases são conclusões do escritor da *Sentinela*. Qualquer erudito apontaria imediatamente que o asterisco referido no parágrafo é suficiente para *contradizer* tudo o que está escrito nele.

Enquanto o parágrafo diz taxativamente que as tabuinhas econômicas ‘*não fornecem* uma base para determinar com certeza que Jerusalém foi destruída em 587 AEC’, o asterisco vai na contramão, admitindo que a evidência histórica está presente nas tabuinhas, e aponta justamente para 587 AEC como o ano da destruição de Jerusalém! Só que, segundo o escritor, “esse método de datação só é válido **se** cada rei sucedeu ao próximo imediatamente, sem que outros tenham governado entre eles.” Declarado de modo simples, o escritor acha que uma *possibilidade* (“se”), é motivo válido para rejeitarmos a conclusão indicada pela evidência! O detalhe é que ninguém jamais conseguiu encontrar qualquer sinal desses reis desconhecidos. A revista não pôde apresentar nenhum, e nem citar pelo menos *um erudito* que tenha mencionado a hipótese de esses reis terem existido. Pelo contrário, alguns eruditos *já descartaram essa possibilidade* (e os escritores da Torre de Vigia sabem disso).⁷

⁷ Veja uma consideração detalhada sobre isso no artigo “Existiram Reis Neobabilônicos Desconhecidos?”, disponível no *Mentes Bereanas*.

Sem qualquer exagero na comparação, as Testemunhas de Jeová e outros pesquisadores que se lembram do conteúdo do “Apêndice ao Capítulo 14”, do livro *Venha o Teu Reino* (de 1981), não poderão deixar de ver um paralelo entre o que disse o parágrafo acima e um dos argumentos que foi apresentado naquele Apêndice. O livro dizia na página 187:

Do ponto de vista secular, tais tipos de evidência talvez pareçam confirmar a cronologia neobabilônica que fixa o 18.º ano de Nabucodonosor (e a destruição de Jerusalém) em 587/6 A.E.C. No entanto, nenhum historiador pode negar a possibilidade de que o atual quadro da história babilônica pode ser enganoso ou errado. Por exemplo, sabe-se que os antigos sacerdotes e reis às vezes alteravam os registros para os seus próprios fins. Ou mesmo quando a evidência descoberta é exata, poderá ser interpretada mal pelos eruditos modernos ou ser incompleta, a ponto de que matéria ainda a ser descoberta poderá alterar drasticamente a cronologia do período em questão.

A única evidência contra o ano 587 AEC e a favor de 607 AEC que o autor desse *Apêndice* soube apresentar na época foi “matéria *ainda a ser descoberta*”. Ele sabia que toda a evidência documental e astronômica *já descoberta* pelos historiadores aponta para a conclusão de que Jerusalém foi destruída em 587 AEC, mas nós deveríamos rejeitar essa data assim mesmo, e acreditar que foi em 607 AEC, por causa de alguma evidência ‘ainda não descoberta’ pelos historiadores.

Trinta anos depois, vemos a revista *A Sentinela* adotando um procedimento semelhante. Em essência, o escritor do artigo está nos dizendo que a conclusão dele, baseada nas *possibilidades não confirmadas* (“talvez” / “poderia” / “seria” / “se”) é mais digna de crédito do que a conclusão dos historiadores, baseada nas *evidências existentes* nos documentos! Incluir esse estranho raciocínio entre as respostas a questões eruditas “*com base na Bíblia e em pesquisa meticulosa*” não passa duma afronta à Bíblia e à inteligência dos leitores (eruditos ou não). O *desejo de acreditar* naquilo que “poderia ser” nunca deveria levar alguém a se recusar a aceitar o que “é” ou “foi”, e ainda induzir outros a fazer o mesmo. Esses “argumentos” expressos na *Sentinela* e no livro *Venha o Teu Reino* nada mais são que manobras desesperadas para se esquivar da evidência e, desta maneira, *resistir à verdade*. Os autores destas publicações têm plena consciência de que a História é o registro do que *aconteceu*, e não do que *poderia ter acontecido*.

C – A “releitura” da tabuinha VAT 4956

Da segunda coluna da página 24 em diante, a *Sentinela* de novembro/2011 dá início à consideração sobre as tabuinhas astronômicas. Inicialmente o artigo segue o mesmo estilo usado na consideração das evidências anteriores: usa declarações selecionadas de eruditos com o fim de lançar dúvidas sobre a credibilidade das informações presentes nas tabuinhas.

Antes de começarmos a análise do que *A Sentinela* disse sobre a VAT 4956, recordemos o que dizia o livro *Venha o Teu Reino* a respeito dela. Nas páginas 186 e 187, aparecia a seguinte declaração:

VAT 4956: Trata-se duma tabuinha cuneiforme que fornece informações astronômicas datando até 568 A.E.C. Diz que as observações eram desde o 37.º ano de Nabucodonosor. Isto corresponderia à cronologia que coloca seu 18.º ano de reinado em 587/6 A.E.C. Todavia, essa tabuinha é admitidamente uma cópia feita no terceiro século A.E.C., de modo que é possível que sua informação histórica seja simplesmente a que era aceita no período selêucida.

O escritor desse livro *rejeitava completamente* essa evidência comprobatória do ano 568 AEC como sendo o 37º ano de Nabucodonosor, alegando que a tabuinha nada mais é que uma *cópia forjada*, que não representa a realidade histórica, e sim nada mais do que a *opinião* de quem a copiou. Isso era tudo o que as publicações da Torre de Vigia diziam, e os líderes da organização se recusavam *terminantemente* a discutir esse assunto.

Mas, na revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 2011 houve uma mudança nesse discurso oficial. Como a VAT 4956 tornou-se cada vez mais conhecida por um crescente número de Testemunhas de Jeová ao longo dos anos, e por outras razões, a organização finalmente abandonou sua insustentável teoria sobre “cópia forjada” e pela primeira vez uma publicação da Torre de Vigia aceitou a tabuinha como válida para estabelecer a cronologia neobabilônica, aceitando também que os eventos astronômicos descritos lá ocorreram no 37º ano de Nabucodonosor II. Mas, será que eles aceitaram também que esse 37º ano de Nabucodonosor II foi o ano de *568 AEC*?

De maneira alguma. O parágrafo inicial da página 25 de *A Sentinela* diz:

O que os documentos mostram? Veja o exemplo de uma tabuinha conhecida como VAT 4956. A primeira linha dessa tabuinha diz: “Ano 37 de Nabucodonosor, rei de Babilônia.”¹⁶ Em seguida, ela faz uma descrição detalhada da posição da Lua e de planetas em relação a diferentes estrelas e constelações. Também inclui um eclipse lunar. Os eruditos dizem que todas essas posições ocorreram em 568/567 AEC, o que faria com que o 18.º ano de Nabucodonosor II, quando ele destruiu Jerusalém, fosse 587 AEC. Mas será que essas referências astronômicas apontam irrefutavelmente *apenas* para o ano de 568/567 AEC?

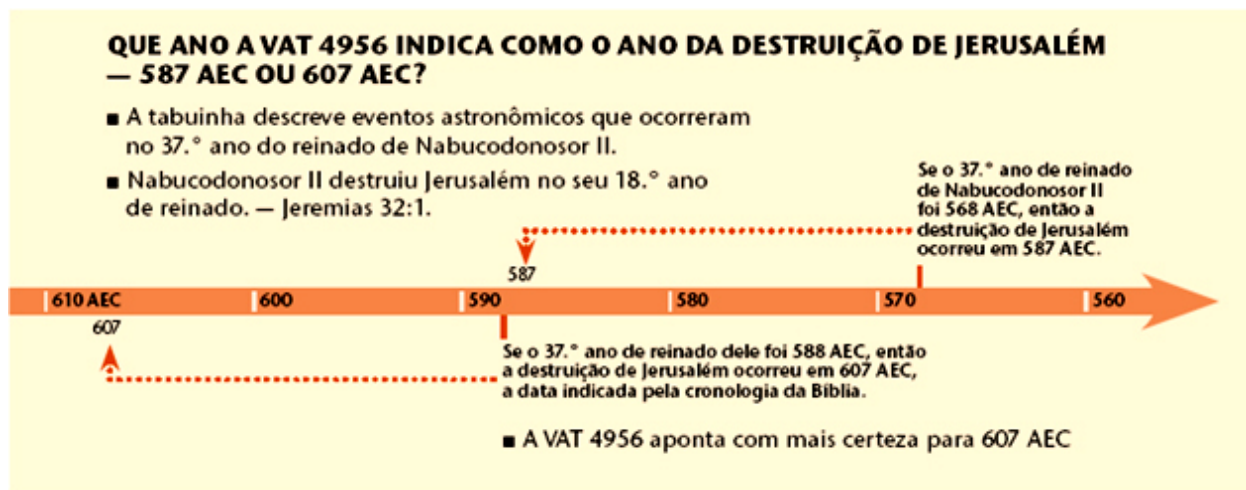
Desse ponto em diante, até o fim do artigo, *A Sentinela* se põe a questionar a data estabelecida pelos eruditos. Três argumentos são apresentados. Analisaremos os três, na ordem em que são apresentados na revista:

C-1: O Eclipse Lunar

A tabuinha menciona um eclipse lunar que, segundo os cálculos, ocorreu no 15.º dia do terceiro mês babilônico, simanu. Realmente ocorreu um eclipse lunar nesse mês em 568 AEC — 4 de julho no calendário juliano. No entanto, também houve um eclipse 20 anos antes, em 15 de julho de 588 AEC.¹⁷

Se 588 AEC marcou o 37.º ano de Nabucodonosor II, então seu 18.º ano cairia em 607 AEC — exatamente o ano que a cronologia bíblica indica para a destruição de Jerusalém. (Veja a linha do tempo abaixo.) Mas será que a VAT 4956 fornece mais evidências para o ano 607 AEC?

A “linha do tempo” referida aí é este esquema que aparece na parte inferior da página 25:



A primeira coisa a dizer é que normalmente a VAT 4956, assim como muitas outras tabuinhas astronômicas, não se limita apenas a relatar a ocorrência de eclipses. Geralmente os astrólogos que registravam essas tabuinhas incluíam também *descrições de eventos astronômicos e/ou terrestres*, associados ao eclipse. O que o escritor da *Sentinela* não esclarece no parágrafo é se esse eclipse de 588 AEC (que ele prefere) está *mais de acordo* com a descrição na tabuinha do que o eclipse de 568 AEC (o indicado pelos eruditos). Ele se limita a dizer que ocorreu um eclipse em cada um desses anos. Como dificilmente as Testemunhas de Jeová farão essa comparação entre os eclipses, não vamos entrar aqui nesse mérito. Assumiremos, por enquanto,

que *ambos os eclipses* poderiam ser os mencionados na VAT 4956 (embora saibamos que este *não é o caso*).

Outra coisa que o parágrafo não esclarece aos leitores é que eclipses não são fenômenos que só ocorrem de 20 em 20 anos. Eles ocorrem com *muito mais frequência* (às vezes ocorrem *vários eclipses lunares* num mesmo ano), como qualquer pessoa pode ver consultando uma tabela de eclipses lunares ao longo da história (e existem várias delas, disponíveis inclusive na internet). Assim como o escritor de *A Sentinela* mencionou o eclipse de 588 AEC, ele poderia ter mencionado uma longa série de eclipses ocorridos em *todos os anos do reinado de Nabucodonosor*. O fato de ele *rejeitar* o eclipse de 568 AEC e apontar *justamente o eclipse de 588 AEC* como sendo aquele ao qual a VAT 4956 se refere é bem compreensível: ele precisa defender a idéia de que este ano de 588 AEC é que foi o 37º ano de Nabucodonosor, para fazer o décimo oitavo ano de Nabucodonosor cair em 607 AEC (“o ano que a cronologia bíblica indica para a destruição de Jerusalém”, segundo ele). É bem evidente a *intenção* de “adaptar” a tabuinha VAT 4956 à idéia defendida na revista.

Em vez de ficar discutindo intenções, trataremos dum detalhe *muito mais importante*, ao qual o escritor *não fez a mínima referência*, nem no parágrafo e nem nesse esquema que ele montou, reproduzido acima. Esta questão relaciona-se à *natureza dum cronologia histórica*. Os aspectos básicos deste assunto são simples, mas às vezes vemos até algumas Testemunhas de Jeová que têm boa formação cultural com certa dificuldade de entender isso.

Em seus relatos sobre fatos históricos, a Bíblia não apresenta a informação sempre da mesma maneira. Por exemplo, no livro de Daniel, capítulo 5, versículos 30 e 31, encontramos as seguintes palavras:

“Naquela mesma noite Belsazar, o rei dos caldeus, foi morto. E Dario, o medo, recebeu o reino, tendo cerca de sessenta e dois anos de idade.” (*Almeida Revisada, Imprensa Bíblica*)

A única informação que o profeta Daniel nos dá aqui é *a idade* que Dario tinha quando assumiu o reino em Babilônia, no lugar do rei que foi morto. Para sabermos em que ano ele tinha 62 anos, teríamos de procurar alguma evidência histórica que nos informe *em que ano ele nasceu*. Pode ter sido em qualquer ano. Por quê? Porque a data de nascimento e a idade dum pessoa são informações que estão relacionadas *unicamente a essa pessoa*. Do ponto de vista cronológico, estas informações não têm, a princípio, conexão com outras pessoas ou com outros eventos.

De modo que, às vezes, a Bíblia associa eventos históricos com idades de pessoas. No caso do rei Nabucodonosor, a Bíblia poderia ter dado a informação dessa mesma maneira. Suponhamos que a Bíblia tivesse dito o seguinte:

‘No décimo dia do quinto mês, tendo Nabucodonosor, rei da Babilônia, 19 anos de idade, Nebuzaradã, comandante da guarda imperial, que servia o rei da Babilônia, veio a Jerusalém. Ele incendiou o templo do Senhor, o palácio real e todas as casas de Jerusalém. Todo o edifício importante foi incendiado por ele.’

Se a Bíblia apresentasse esta informação, o procedimento que teríamos de seguir para descobrir em que ano ocorreu esse incêndio de Jerusalém seria o mesmo: Teríamos de procurar alguma evidência histórica que nos permitisse saber *em que ano o rei Nabucodonosor nasceu*. Com esta informação em mãos, saberíamos automaticamente qual foi o ano da destruição de Jerusalém, já que o registro acima inclui o detalhe de que o rei Nabucodonosor tinha 19 anos de idade na ocasião. E, naturalmente, a data de nascimento dele poderia ter sido em qualquer ano, já que esta informação só se refere a ele, e a mais ninguém na história.

Acontece que *não é assim* que a Bíblia dá a informação neste caso. O que citamos acima são as palavras de Jeremias 52:12, 13. Mas a citação não está inteiramente correta. O que Jeremias realmente disse foi:

“No décimo dia do quinto mês, no décimo nono ano de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nebuzaradã, comandante da guarda imperial, que servia o rei da Babilônia, veio a Jerusalém. Ele incendiou o templo do Senhor, o palácio real e todas as casas de Jerusalém. Todo o edifício importante foi incendiado por ele.” (*Nova Versão Internacional*)

O profeta Jeremias não disse que Nabucodonosor tinha *19 anos de idade*. Ele disse que estes eventos ocorreram quando ele estava *em seu décimo nono ano de governo*. E isso faz o assunto mudar completamente de figura. Por quê? Porque, diferente da data de nascimento, o *ano de início do governo de um rei* não é o tipo de informação que se refere só a ele e a ninguém mais. Este dado está embutido *dentro de uma cronologia histórica*.

Se Nabucodonosor estava *no décimo nono ano de governo* quando o general dele destruiu Jerusalém, logicamente Nabucodonosor tinha sido entronizado exatamente *19 anos antes disso*. E este momento, 19 anos antes, tinha sido também a ocasião da morte e do fim do governo do pai dele (Nabopolassar), que era o rei anterior. E como a história nos informa que Nabucodonosor reinou durante 43 anos, então o reinado do filho dele (Evil-Merodaque) começou exatamente *43 anos depois* do ano em que Nabucodonosor foi entronizado. E assim sucessivamente, seja no caso dos muitos reis anteriores a Nabucodonosor, seja no caso de todos os que o sucederam como rei. Uma *data de nascimento de um rei* poderia ser em qualquer ano, já que este dado está associado unicamente a este rei. Já *a data em que um rei foi entronizado* não tem relação só com esse rei. Matematicamente, isso tem relação direta com uma infinidade de outros fatos históricos.

E isso significa também o seguinte: Nenhum erudito ou historiador pode mudar a data de início do governo de um rei segundo sua própria preferência e vontade. Pois o erudito sabe que se fizer isso, será obrigado a mudar também as datas do início do reinado de *todos os outros reis que governaram antes e depois desse rei*.

O escritor da revista *A Sentinela* não disse uma palavra sobre este problema aos leitores. Nos parágrafos da *Sentinela* que falam sobre a VAT 4956, ele insiste que essa tabuinha astronômica aponta “com mais certeza” para o ano 588 AEC como sendo o 37º ano de Nabucodonosor e afirma que este é o *ano correto*. Isso significa que, segundo ele, Nabucodonosor foi entronizado *37 anos antes de 588 AEC*, ou seja, no ano 625 AEC. Mas o escritor da revista sabe que esta *não é a data histórica* da entronização de Nabucodonosor. (Historicamente, Nabucodonosor II se tornou rei em *605 AEC*, não em 625 AEC.)

Ele também tem plena consciência de que um dado cronológico desse tipo não pode ser tratado de maneira isolada. Se ele alterar a data do 37º ano de Nabucodonosor, será obrigado a mudar as datas do início do reinado de *todos os reis anteriores e posteriores* a Nabucodonosor, conforme foi explicado acima. Para deixar isso bem claro, consideremos que impacto teria essa alteração em 20 anos na data do eclipse descrito na VAT 4956 (defendida na revista *A Sentinela*), nas cronologias referentes aos impérios assírio e neobabilônico. A tabela a seguir inclui uma série de reis (com seus períodos de reinado entre parêntesis) e uns poucos fatos ocorridos nesses dois períodos históricos:

Rei (e período de reinado) ou Evento Histórico	Cronologia Histórica Estabelecida (Datas AEC)	Cronologia Alterada em <i>A Sentinela</i> (Datas AEC)
Esar-Hadom (11 anos)	680 – 669	700 – 689
Samas-sum-iaquin (20 anos)	668 – 648	688 – 668
Kandalanu (21 anos)	647 – 626	667 – 646
1º ano de Nabopolassar	625	645
Conquista de Nínive por Nabopolassar e Ciaxares.	612	632
Conquista de Harã. Fim do Império Assírio	609	629
Morte de Nabopolassar. Nabucodonosor II se torna rei.	605	625
Nobres de Jerusalém deportados para Babilônia (7º ano de Nabucodonosor II).	598	618
Destruição de Jerusalém e do templo (18º ano de Nabucodonosor II).	587	607
Eclipse da VAT 4956 (37º ano de Nabucodonosor II)	568	588
Morte de Nabucodonosor II	562	582
Evil Merodaque (1 ano)	561 – 560	581 – 580
Neriglissar (3 anos)	559 – 556	579 – 576
Labashi-Marduque (3 meses)	556	576
Nabonido e Belsazar (16 anos)	555 – 539	575 – 559
Conquista de Babilônia por Ciro e morte de Belsazar.	539	559

Se a data do eclipse descrito na tabuinha VAT 4956 for deslocada vinte anos para trás, todas as outras datas também deverão ser deslocadas 20 anos para trás.

Percebe-se facilmente que fazer alteração numa data histórica não é uma coisa tão simples como o escritor da revista *A Sentinela* quer nos fazer crer. Ele está fazendo isso com o claro objetivo de forçar o 18º ano do rei Nabucodonosor (o ano da destruição de Jerusalém) a ser mudado de 587 AEC para 607 AEC (vide a tabela acima). Acontece que esse procedimento não mudaria apenas a data da destruição de Jerusalém. Se a data de *qualquer evento ocorrido num ano específico de reinado de um rei* for mudada, isso obrigaria os historiadores a fazer uma alteração geral *em toda a cronologia*. A bem dizer, eles teriam de mudar a história!

A questão é: Como é que os historiadores procedem para estabelecer suas datas, tais como essas que estão especificadas na coluna central acima (“Cronologia Histórica Estabelecida”)? A resposta é simples: Eles definem cada um dessas datas com base no que indica *o conjunto completo da documentação histórica*.

Os próprios artigos da revista *A Sentinela* que estamos comentando aqui reconhecem que este é o procedimento que os historiadores modernos seguem. Embora o número de outubro de *A Sentinela* tenha dado a entender *erroneamente* (na página 29) que os eruditos se baseiam apenas nos ‘escritos de historiadores clássicos e no Cânon de Ptolomeu’, *A Sentinela* de 1º de novembro, página 22, contradiz isso, mencionando também

(1) As crônicas babilônicas, (2) as tabuinhas econômicas e (3) as tabuinhas astronômicas.

Quanto maior for o número de informações *documentais* e *astronômicas* que apontem para uma determinada data, e quanto mais fortes forem os *sincronismos* entre esta data e outras datas historicamente comprovadas, mais certeza os eruditos terão de que a cronologia está correta. E como eles não têm nenhuma predileção especial por alguma data, é claro que eles não vêm motivo para ficar procurando algum documento ou partícula de informação que confirme essa data “preferida”, para em seguida obrigar o resto da cronologia a se harmonizar com ela. Eles simplesmente estabelecem as datas, conforme são indicadas pelo exame de *toda a documentação histórica disponível*. E se acontecer de uma evidência parecer indicar *duas ou mais datas possíveis* para um determinado evento? Os historiadores não escolherão uma das datas por conta própria. De novo, o que eles farão é examinar *toda a evidência confiável disponível* para decidir qual das duas é a correta.

O escritor desses artigos sobre cronologia na revista *A Sentinela* segue um procedimento *totalmente contrário* ao dos historiadores. Como vimos, ele não nega que o eclipse descrito na VAT 4956 aponta para *duas datas*: 568 AEC e 588 AEC. Porém, ele decide que 588 AEC é a correta. Baseado no conjunto da evidência histórica? De jeito nenhum. Ele faz isso *por conta própria*, só para poder harmonizá-la com 607 AEC. E não informa aos leitores que esta alteração provocará uma mudança drástica *em toda a cronologia histórica estabelecida do período*.

E o que ele faz com todas as *evidências* na documentação histórica e astronômica que os eruditos tinham consultado para estabelecer criteriosamente todas essas datas? Ele as ignora completamente! Porque, na verdade, antes de começar a falar sobre a VAT 4956, ele tinha predisposto os leitores a rejeitar essas evidências. Como? Por gastar *metade do artigo* da *Sentinela* de outubro e *mais da metade do artigo* da *Sentinela* de novembro fazendo tudo para *depreciar essa documentação histórica*, dando a entender que os documentos não são válidos para estabelecer cronologia alguma, pelo fato de conterem erros – e ainda usando palavras selecionadas dos próprios eruditos, para fazê-los “concordar” com tudo isso!

Tudo o que foi explicado acima estabelece as razões para declarar este primeiro argumento *inválido*. Para se estabelecer uma cronologia histórica, o procedimento correto é *primeiro* examinar toda a evidência, apresentar esta evidência de maneira justa e imparcial e *depois* apresentar as conclusões que este conjunto de evidência indica. Apresentar primeiro *a conclusão* e depois forçar a cronologia a se adaptar a essa conclusão, tratando um fato histórico como se fosse algo isolado, revela uma completa falta de critério para lidar com essa disciplina. E induzir os leitores a uma conclusão pretendida, por esconder deles evidências importantes e ainda distorcendo a evidência limitada que é apresentada, é desonestidade intelectual pura e simples.

C-2: As 13 Posições Lunares da VAT 4956

Além do eclipse já mencionado, a tabuinha contém 13 grupos de observações lunares e 15 observações planetárias. Elas descrevem a posição da Lua ou de planetas em relação a certas estrelas ou constelações.¹⁸ Há também oito intervalos de tempo entre o nascer e o pôr do sol e o nascer e o pôr da lua.^{18a}

Por causa da confiabilidade superior das posições lunares, os pesquisadores examinaram cuidadosamente os 13 grupos de posições lunares na VAT 4956. Eles analisaram os dados com a ajuda de um programa de computador capaz de mostrar a localização de corpos celestes em determinada data no passado.¹⁹ O que essa análise revelou? Ao passo que nem todos esses grupos de posições lunares são compatíveis com o ano 568/567 AEC, *os 13 grupos* são compatíveis com posições calculadas para 20 anos antes, ou seja, para o ano 588/587 AEC.

Em primeiro lugar, se os dois artigos da revista admitiram o tempo todo que nenhum erudito apóia a data 607 AEC e todos eles endossam 587 AEC como a data correta para a destruição de Jerusalém (sendo 568 AEC a data correta para o eclipse da VAT 4656), só podemos concluir que *nenhum erudito* – incluindo os citados por nome

nos artigos e notas da *Sentinela* – deve ter feito parte dessa equipe de “pesquisadores” não identificados, que endossou esta última afirmação do parágrafo.

Levantam-se também questões quanto às próprias declarações. Por exemplo, o que significa a frase “nem todos esses grupos de posições lunares são compatíveis com o ano 568/567 AEC”? Se dos 13 grupos testados, *12 deles* apresentaram compatibilidade, ainda poderia ser dito que “nem todos são compatíveis”. Portanto, esta é uma frase vaga.

E o que vem a ser “compatibilidade”? Dizer que ‘*nem todos* os grupos de posições são compatíveis com 568 AEC e *todos* são compatíveis com 588 AEC’, deixa a questão “no ar”, porque não se dá informação sobre o *critério* que esses “pesquisadores” usaram para estabelecer o que é ‘compatibilidade’ e o que não é.

Mesmo que alguém diga que não temos o direito de levantar perguntas sobre o motivo da não identificação da equipe de pesquisadores, ainda permaneceriam sérias questões sobre *a própria pesquisa*. A mais importante é esta: Por que *a pesquisa* não foi apresentada na revista *A Sentinela*, para que os leitores a confirmem?

Por estas razões, este segundo argumento também é *inválido*. Ele não passa de uma série de *afirmações vagas e não provadas*. Para resolver o assunto, um dos colaboradores do *Mentes Bereanas* também conferiu estes grupos de posições lunares da VAT 4956. Os resultados destas simulações são apresentados na Parte 4, para que os leitores confirmem os resultados por si mesmos.

C-3: O Dia Especificado na Linha 3 da VAT 4956

Um dos lugares onde as observações lunares combinam ainda mais com 588 AEC do que com 568 AEC é mostrado na tabuinha reproduzida nestas páginas. Na linha 3 dessa tabuinha, lemos que a Lua estava em determinada posição na “noite de 9 [de nisanu]”. No entanto, os primeiros eruditos que disseram que esse evento ocorreu em 568 AEC (astronômico -567) admitiram que nesse ano a Lua estava nessa posição em “8 de nisanu e não em 9”. Para apoiar a data de 568 AEC, eles alegaram que o escriba se equivocou, escrevendo “9” em vez de “8”.²⁰ Mas a posição lunar na linha 3 se *encaixa perfeitamente* com 9 de nisanu de 588 AEC.²¹

Além de insistir no mesmo erro que já consideramos acima (ou seja, continuar tratando um fato cronológico de maneira isolada), este parágrafo da *Sentinela* adotou um procedimento curioso: O escritor se apega a esta questão da data na linha 3 da VAT 4956, e insiste que a data está certa, apesar de os eruditos que a traduziram terem afirmado que o escriba errou no registro do dia.

Conforme vimos, os dois artigos da *Sentinela* são pródigos em fazer citações de eruditos para dar a entender que eles consideram as evidências históricas *inválidas* e

descartáveis. No caso deste parágrafo, envolvendo a VAT 4956 o procedimento é o *oposto*: Os eruditos *disseram realmente* que este dado está errado, mas o escritor da *A Sentinela* dedica a maior parte do espaço das páginas 26 e 27 da revista insistindo agora que a tabuinha astronômica está *certa*, e os eruditos que disseram isso é que estão *errados*!

O título do livro dos eruditos em questão (escrito em 1915) é o destacado aqui:

Paul V. Neugebauer und Ernst F. Weidner
 Ein astronomischer Beobachtungstext
 aus dem 37. Jahre Nebukadnezars II.
 (– 567/66)

Tradução do título (em alemão):

Um Texto de Observação Astronômica
 do 37º ano de Nabucodonosor II.
 (– 567/566)

[– 567/566 é a data astronômica correspondente a 568/567 AEC]

Note-se que um livro onde os autores apontam a data 568 AEC como sendo o 37º ano de Nabucodonosor está sendo citado pela revista *A Sentinela* para “provar” que o ano correto é 588 AEC! Naturalmente, como os dois eruditos que o escreveram são falecidos, eles não poderiam questionar o escritor da revista *A Sentinela* por estarem sendo desmentidos dessa maneira.

Face a este problema, vamos admitir por um momento que o escritor da revista esteja *certo* e os eruditos *errados*. *A Sentinela* afirma no parágrafo que “a posição lunar na linha 3 *se encaixa perfeitamente* com 9 de nisanu de 588 AEC.” Repetimos agora a pergunta: Se ele achou por bem dedicar tanto espaço na revista para desmentir os dois eruditos, por que ele não apresentou o *resultado da pesquisa referente a essa linha 3, usando a data que ele acha ser a certa*, para que os leitores possam comprovar por si mesmos? Não seria razoável esperarmos isso?

Portanto, este terceiro argumento também é *inválido*. O parágrafo faz uma *afirmação não provada e inverte o próprio argumento usado em todo o resto dos artigos, no tocante às citações dos eruditos*. Para que os leitores confirmem se o encaixe é realmente “perfeito”, como a revista diz, indicamos novamente a pesquisa

na Parte 4. Como no caso das demais posições, o teste desta posição lunar foi feito *nas duas datas*, tanto na apontada pelos eruditos, como na data mudada pelo escritor da revista *A Sentinela*.

Na conclusão do artigo da *A Sentinela* de novembro, aparece este parágrafo:

Por que confiar na Bíblia?

Hoje, a maioria dos historiadores seculares acreditam que Jerusalém foi destruída em 587 AEC. No entanto, os escritores bíblicos Jeremias e Daniel dizem claramente que os judeus ficaram no exílio 70 anos, não 50. (Jeremias 25:1, 2, 11; 29:10; Daniel 9:2) Essas declarações indicam fortemente que Jerusalém foi destruída em 607 AEC. Como as evidências citadas mostram, essa conclusão tem algum apoio secular.

Isso resume toda a informação errada que foi dada nas duas revistas:

- Não existe uma ‘minoría’ de historiadores que acredita que Jerusalém foi destruída em 607 AEC, como se dá a entender.
- Os profetas Jeremias e Daniel não disseram “claramente” coisa alguma sobre a duração do exílio judaico. O texto de Jeremias 25:12 (de novo omitido aqui) é suficiente para provar que nenhum dos dois profetas estava sequer falando sobre exílio.
- Nenhuma das evidências citadas dá “algum apoio secular” à data de 607 AEC.

A verdade simples é que, assim como o artigo da revista de 1º de outubro não conseguiu estabelecer a base bíblica desta data, o artigo de 1º de novembro fracassou em provar a validade histórica dela.

3

“O que os eruditos dizem” — e o que eles *não dizem*

Analisamos aqui várias frases de historiadores, que foram citadas nos dois artigos de *A Sentinela*, em confronto com o que dizem os trechos das publicações onde elas se encontram. As frases em questão aparecem sublinhadas nos scans originais e em negrito nas nossas traduções.

***A Sentinela* de 1º de outubro de 2011, pág. 30:**

Parágrafo:

“Já por muito tempo se sabe que o Cânon é confiável *no aspecto astronômico*”, escreveu o professor universitário Leo Depuydt, um dos defensores mais entusiásticos de Ptolomeu, “mas isso não quer dizer que ele seja automaticamente confiável *no aspecto histórico*”. Sobre a lista de reis, Depuydt acrescenta: “No que diz respeito aos primeiros governantes [incluindo os reis neobabilônios], o Cânon precisaria ser comparado com os registros cuneiformes reino por reino.”⁶

A impressão transmitida com esta citação é que Leo Depuydt disse que a informação histórica no Cânon Real não é confiável. Será que o artigo dele permite essa conclusão?

A nota 6 do parágrafo de *A Sentinela* é a referência ao *Journal of Cuneiform Studies* (*Revista de Estudos Cuneiformes*), Volume 47 (1995), págs. 106 e 107. Este é um trecho do artigo de Leo Depuydt, intitulado “*Mais Valioso do Que Todo o Ouro*” - *O Cânon Real de Ptolomeu e a Cronologia Babilônica*. Os scans das duas páginas citadas na revista *A Sentinela* aparecem a seguir:

in 1822 came just too late to receive mention (cf. Depuydt 1995a, 48, note 22). Ideler's handbook was updated by Friedrich Karl Ginzel (1906–14), who was able to include native Egyptian and Mesopotamian sources. His survey of the Canon (Ginzel 1906–14, 1:138–43) contains inaccuracies, however. Ptolemy is dated to the third century CE instead of the second (p. 138). 27 February 747 BCE is given as the calendrical beginning of the Era of Nabonassar and noon of 26 February 747 as the astronomical beginning (pp. 138, 139). The latter is correct, but the Canon's calendrical beginning is the *morning* of 26 February 747. The Egyptian civil calendar had a morning epoch (Parker 1950, 10; Neugebauer and Van Hoesen 1959, 167–69; Neugebauer 1975, 2:1067–69; Toomer 1984, 12), that is, it began in the morning. The astronomical beginning of noon of 26 February is the result of Ptolemy's search for a fixed time in the day that could serve as a point of reference for calculations. Morning, the beginning of the Egyptian day, is not suitable. It begins at different times in different seasons and has a certain extension in time. If one waits a few hours, however, the sun reaches the halfway mark on its journey in the sky. Noon, when the sun crosses the meridian, is in observational terms, the most easily measurable fixed point in time of the twenty-four hour day. Each noon is removed exactly twenty-four hours from the previous and the next. Ptolemy therefore chose noon as his astronomical epoch, beginning with noon of Day 1 of the Era of Nabonassar. Does this mean that noon of 26 February is the beginning of the Era? The answer differs for Ptolemy and Copernicus. Ptolemy was not only an astronomer, but also an inhabitant of ancient Egypt.³⁴ To the extent that he was raised in the traditions of his native country, he will have thought of the morning of 1 Thoth or 26 February 747 as the beginning of the Era. Noon of 26 February was then not the Era's beginning, but just noon of Day 1 of the Era, a point in time convenient for computation. But for astronomers living after Ptolemy outside Egypt, like Copernicus, the

Era was detached from all historical context and acquired an abstract quality. Copernicus's Era of Nabonassar was ahistorical and began definitely at noon of 26 February 747 BCE. 26 February 747 has no known significance in the history of Babylon. It was chosen as beginning of the Era of Nabonassar because it is the Egyptian new year preceding the Babylonian new year of 23/24 March 747 BCE, 1 Nisan, the beginning of Nabonassar's first Babylonian regnal year.

As noted above, the surveys of the Canon are most outdated for the Babylonian segment. Indeed, no survey describes the mechanism by which Mesopotamian rulers' reigns are converted into Egyptian years. It was Kugler who first clearly explained this mechanism (Kugler 1907–24, 2:390–91), which is clarified in section 3.B below. Since the last surveys of the Canon, studying the Canon's Babylonian segment has been facilitated also by Parker's and Dubberstein's *Babylonian Chronology* (1956), where it is confirmed that the Canon is, with the help of classical sources, "[t]he general basis for the chronology of the period here treated" (1956, 10). Since 1956, many new tablets have been published, and the *Babylonian Chronology* could now be updated in matters of detail (cf. Sachs and Hunger 1988–89, 1:14, note 9).

3. Practical Remarks on the Canon's Babylonian Section

A. *Is the Canon True?*

It is assumed here that the Canon is true. No one has, to my knowledge, refuted any aspect of the Canon on good grounds. On the other hand, to demonstrate the Canon's accuracy positively would not be easy. In the vast network of facts and inferences making up first millennium BCE chronology, the correctness of the Canon is at certain crucial junctures simply accepted as an axiom. To locate those junctures would be no small feat. It has long been known that the Canon is astronomically reliable. Observations dated according to it can all be authenticated. But this does not automatically mean that it is historically dependable. The relations between the regnal years in

34. On Copernicus's use of the Era of Nabonassar, see Swerdlow and Neugebauer (1984, 183–88).

column 2 and the years according to the Era in column 3 might have become garbled in the tradition on which the Canon is based. As long as an eclipse is assigned to the correct Egyptian wandering year in column 3, the Canon's usefulness for astronomical purposes would not suffer, whatever king and regnal year a year of Nabonassar was equated with.

The Canon's reliability has on occasion been an article of faith. This was especially the case before the great decipherments, when no contemporary sources were available; classical authors writing on the Near East rarely exhibit the desired degree of precision in matters of chronology. For example, Ideler, in his handbook (1825–26, 1:117), makes the vague statement that many students of chronology have doubted the reliability of the Canon, but he feels that the more insightful historians agree on its importance. Occasional distrust of the Canon can be noted still more recently. In his work on the chronology of the Ptolemaic Dynasty in Egypt, Skeat states that the Canon is "absolutely accurate—a fact which historians have been curiously unwilling to recognise" (1969, 3). Only an examination of a much larger scope than the present paper might be able to allay all doubts regarding the Canon, or at least reveal what it is that we owe exclusively to the Canon and to no other source.

In the meantime, one important item of evidence in favor of the Canon's reliability is that the Egyptian date of the eclipse of 16 July 523 BCE mentioned in the *Almagest* at V 14, namely Month 7 Day 17 Year 7 of Cambyses, can be matched with the Babylonian date of an eclipse mentioned in the cuneiform tablet Camb. 400, namely Month 4 Day 16 Year 7 of Cambyses (Oppert 1891; Parker 1941, 294, note 26; Pinches 1955, 1477). Both texts mention that the eclipse began about an hour before midnight and what its characteristics were. The fact that this Greco-Egyptian date from the *Almagest*, which dates according to the Canon, can be matched with a Babylonian date in a Babylonian document adds little for the astronomer, but a great deal for the historian. It does much to guarantee that the portion of the Canon from the Persian period on-

ward is reliable. As regards the earlier rulers, the Canon would need to be compared with the cuneiform record on a reign by reign basis, considering all the dates in the literary and non-literary sources, to establish if, and where, the Canon conflicts with cuneiform sources. Agreement seems to be the rule, but this would have to be confirmed.

B. The Canon's Dating Technique

The Canon only lists years, no months or days (see Table 1 above). Each year is 365 days long, as detailed in Table 2. Years marked in italics include a 29 February, e.g. Year 3 of Nabonassar, which lasts from 26 February until 24 February. Year 2 and Year 3 of Nabonassar therefore both begin on 26 February and are equally long, but Year 2 ends on February 25 whereas Year 3 ends one day sooner on February 24 because it includes a 29 February. Julian leap years are those that can be divided by four after subtracting one, such as 745 ($745 - 1 = 744$; $744 : 4 = 186$).

In one instance, the year number to the left in the column entitled "Extension of Wandering Year" in Table 2 does not decrease by one, namely in the transition from Year 1 to Year 2 of Darius II, that is, from Year 227 to Year 228 of the Era. The reason is that Year 227, 365 days long, fits entirely in Julian 521 BCE, a 366 day leap year. Year 228 therefore begins on 31 December 521 BCE, in the same Julian year.

What does it mean when a ruler of Babylon begins his reign on a given Egyptian date in the Canon? Take for example the beginning of Cambyses's reign, dated by the Canon to 3 January 529 BCE, the beginning of Year 219 from Nabonassar. One thing that can certainly *not* be concluded is that Cambyses began his reign on that day. If he had, that would be a matter of pure coincidence. In fact, in Cambyses's case, it is known from other sources that he did not. What happened, then, on 3 January 529 BCE? A distinction is necessary between Egypt and Babylon.

As regards *Babylon*, there is no reason, nor any need, to assume that anything special happened on 3 January 529. The lunar month Kislimu, Month 9, had begun about twenty days earlier

Tradução da parte A do subtítulo 3, que começa na página 106 e termina na segunda coluna da página 107:

3. Observações Práticas Sobre a Seção Babilônica do Cânon

A. É o Cânon Verdadeiro?

Presume-se aqui que a Cânon seja verdadeiro. Até onde chega meu conhecimento, ninguém refutou qualquer aspecto do Cânon com base sólida. Por outro lado, demonstrar a exatidão do Cânon positivamente não é uma coisa fácil. Na vasta rede de fatos e inferências que caracterizam a cronologia do primeiro milênio AC, a exatidão do Cânon é, em certos momentos cruciais, simplesmente aceita como um axioma. Localizar essas junções não é uma coisa pequena. **Já por muito tempo se sabe que o Cânon é confiável *no aspecto astronômico*.** As observações datadas de acordo com ele podem ser todas autenticadas. **Mas isso não quer dizer que ele seja automaticamente confiável *no aspecto histórico*.**

As relações entre os anos de reinado na coluna 2 e os anos de acordo com a Era na coluna 3 podem ter ficado adulteradas pela tradição na qual se baseia o Cânon. Contanto que um eclipse seja atribuído ao ano egípcio correto, disperso na coluna 3, a utilidade do Cânon para fins astronômicos não seria afetada, qualquer que fosse o rei e o ano de reinado atribuído a um ano de Nabonassar.

Em certa ocasião, a confiabilidade do Cânon era um artigo de fé. Este era o caso, especialmente antes das grandes decifrações, quando nenhuma fonte contemporânea estava disponível; os autores clássicos que escreviam sobre o Oriente Próximo raramente mostravam o grau desejável de exatidão em matérias sobre cronologia.

Por exemplo, Ideler, em seu manual (1825-1826, 1:117), faz a declaração vaga de que muitos estudiosos da cronologia duvidaram da confiabilidade do Cânon, mas ele acha que os historiadores mais perspicazes estão de acordo quanto à importância dele. Uma ocasional falta de confiança no Cânon pode ser notada até mais recentemente. Em sua obra sobre a cronologia da Dinastia Ptolemaica no Egito, Skeat diz que o Cânon é “absolutamente exato – um fato que curiosamente os historiadores não tem estado dispostos a reconhecer” (1969, 3). Só um exame de um escopo muito maior do que esta análise permitiria acalmar todas as dúvidas com relação ao Cânon, ou pelo menos revelar o que devemos exclusivamente ao Cânon e a nenhuma outra fonte.

Nesse meio tempo, uma peça importante de evidência em favor da confiabilidade do Cânon é a da data egípcia do eclipse de 16 de julho de 523 AEC, mencionada no *Almagesto* V 14, a saber, dia 7 do mês 7 do 7º ano de Cambises, data esta que pode ser combinada com a data babilônica de um

eclipse mencionado na tabuinha cuneiforme Camb. 400, a saber, dia 16 do mês 4 do 7º ano de Cambises (Oppert 1891; Parker 1941, 294, nota 26; Pinches 1955, 1477). Ambos os textos mencionam que o eclipse começou cerca de uma hora antes da meia-noite e quais foram suas peculiaridades. O fato de esta data greco-egípcia do *Almagesto*, que está de acordo com o Cânon, poder ser combinada com a data babilônica num documento babilônico diz pouco para o astrônomo, mas muito para o historiador. Ela faz muito para garantir que a parte do Cânon do período persa em diante é confiável. **No que diz respeito aos governantes anteriores, o Cânon precisaria ser comparado com o registros cuneiformes reino por reino**, levando-se em consideração todas as datas nas fontes literárias e não-literárias, a fim de estabelecer se, e onde, o Cânon entra em conflito com as fontes cuneiformes. A concordância parece ser a regra, mas isso teria de ser confirmado.”

A leitura atenta do trecho acima, prestando-se atenção ao tom geral dele, deixa claro que Depuydt não estava questionando à revelia a confiabilidade das informações históricas presentes no Cânon. Muito pelo contrário, logo de início ele disse que "ninguém refutou qualquer aspecto do Cânon *em base sólida*". Mais adiante ele mostra que, embora não haja unanimidade, os historiadores tendem a *confiar* (não duvidar) da historicidade do documento.

O que ele defende no artigo nada mais é que o *rigor científico*, a saber, que não se deve aceitar toda e qualquer informação histórica presente no Cânon Real *sem confirmação em outras fontes históricas*. Quanto mais informações de outras fontes existirem, melhor, e as decifrações de outros escritos têm ajudado a *confirmar* (não contradizer) o conteúdo do Cânon.

Convém repetir aqui o contexto da segunda frase citada na revista *A Sentinela*. A declaração de Depuydt, com destaque para o que ele estava realmente enfatizando, diz:

"No que diz respeito aos governantes anteriores, o Cânon precisaria ser comparado com o registros cuneiformes reino por reino, levando-se em consideração todas as datas nas fontes literárias e não-literárias, **a fim de estabelecer se, e onde, o Cânon entra em conflito com as fontes cuneiformes**. A concordância [com outras fontes históricas] **parece ser a regra**, mas isso teria de ser confirmado."

A citação parcial de duas frases no parágrafo de *A Sentinela* não transmitiu uma imagem correta sobre o artigo de Depuydt. Na realidade, o que este erudito declarou foi que a passagem do tempo e novas descobertas tendem a *confirmar* a confiabilidade histórica do Cânon Real, e não negá-la.

A Sentinela de 1º de novembro de 2011, pág. 23:**Parágrafo:**

O que os eruditos dizem? R. H. Sack, uma destacada autoridade em documentos cuneiformes, declara que as crônicas fornecem um registro incompleto de eventos importantes.* Ele escreveu que os historiadores precisam recorrer a “fontes secundárias . . . na esperança de determinar o que realmente aconteceu”.

A *Sentinela* não informa a fonte dessa citação, mas estas frases de R. H. Sack podem ser encontradas em *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, Vol. 68 (1), 1º de janeiro de 1978, cujo scan e tradução do trecho aparecem a seguir:

Nergal-šarra-ušur, King of Babylon as seen in the Cuneiform, Greek, Latin and Hebrew Sources

By **Ronald H. Sack** — North Carolina State University

Cuneiform documents thus far have been able to tell us very little of the important events that may have taken place in southern Mesopotamia during the years 594—557 B.C. The work of A. K. Grayson, unfortunately¹, turned up no British Museum "chronicles" or "excerpts" that would have provided much desired information about the reigns of Nabû-kudurri-ušur (O. T. Nebuchadnezzar), Amêl-Marduk (O. T. Evil-Merodach), Nergal-šarra-ušur (Classical Neriglissar) and Labaši-Marduk. As a result, the historian, for better or worse, is forced to probe the Hebrew, Greek and Latin secondary sources (as well as the dated cuneiform contract tablets) in the hope of determining what actually happened during this period. Sources of this nature, when taken together, can sometimes paint intriguing pictures of periods and personalities about which relatively little has been written. Such is the situation with the reign of Nergal-šarra-ušur, king of Babylon during the years 560—56 B.C. His case is, perhaps, unique in that our cuneiform documents deal somewhat extensively with his activities prior to becoming king, while the secondary commentaries provide information that, thus far, has not been corroborated by any primary source evidence. Although many of these Quellen have already been discussed in other publica-

¹ A. K. Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles* (Locust Valley, 1975) — TCS 5. Only Chronicles 11, 12, 13, 13a, 13b and 23, all of which are Seleucid, are published here for the first time. Translations are given of BM 22047, 21946 and 25124 (p. 97ff.). Chronicles 4—6, which deal with the last years of Nabû-apla-ušur, the early years of Nabû-kudurri-ušur and the third year (557 B.C.) of Nergal-šarra-ušur, all of which were published previously by D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings* (London, British Museum, 1961), pp. 65—77.

While no list of published economic texts from the Neo Babylonian period is included in TCS 5, a complete bibliography can be found (through 1974) in M. Dandamaev, *Rabstvo v Vavilonii VII—IV vv. do n.e. (626—331 gg.)* Moscow, 1974, p. 7—12.

Abbreviations used in the following pages are those of the *Assyrian Dictionary of the University of Chicago*.

Tradução:

“Os documentos cuneiformes até agora puderam nos dizer muito pouco sobre os importantes eventos que podem ter ocorrido no sul da Mesopotâmia entre os anos 594-557 A.C. Infelizmente, o trabalho de A. K. Grayson não mostra quaisquer “crônicas” ou “excertos” do Museu Britânico que poderiam ter fornecido muita informação desejável sobre os reinados de Nabû-kudurri-usur (Nabucodonosor, no AT), Amel-Marduque (Evil-Merodaque, no AT), Nergal-sarra-usur (Neriglissar, nos Clássicos) e Labasi-Marduk [Labashi-Marduque]. Como resultado, o historiador, por bem ou por mal, é obrigado a examinar as **fontes secundárias** hebraicas, gregas e latinas (bem como as tabuinhas comerciais cuneiformes datadas) **na esperança de determinar o que realmente aconteceu** durante este período. Fontes deste tipo, quando colocadas juntas, podem às vezes apresentar imagens intrigantes sobre períodos e personalidades sobre os quais se escreveu relativamente pouco. Esta é a situação com o reinado de Nergal-sarra-usur [Neriglissar], rei de Babilônia entre os anos 560 – 556 A.C. O caso dele é, talvez, o único em que os nossos documentos cuneiformes abordam um tanto extensivamente as atividades dele antes de se tornar rei, ao passo que os comentários secundários fornecem informação que até agora não foi corroborada por qualquer fonte primária de evidência.”

Em primeiro lugar, o que R. H. Sack disse sobre a falta de informação nos documentos cuneiformes, ocasionando que os historiadores tenham de “examinar as fontes secundárias... na esperança de determinar o que realmente aconteceu”, refere-se a *um período da história neobabilônica*, “entre os anos 594-557 A.C.” Por isso, a ênfase correta dessa frase (citada na íntegra aqui) deveria ter sido colocada nestes trechos grifados:

“... o historiador, por bem ou por mal, é obrigado a examinar as fontes secundárias **hebraicas, gregas e latinas (bem como as tabuinhas comerciais cuneiformes datadas)** na esperança de determinar o que realmente aconteceu **durante este período.**”

Enfatizamos: Além de Sack não ter invalidado as *fontes primárias*, a frase dele foi *específica*, não genérica.

Em segundo lugar, essa falta de informação referida por ele é “sobre os reinados” em si, não sobre os *períodos de reinado*. Em parte alguma do livro ele colocou em dúvida a *cronologia* do governo dos reis que ele menciona (Nabucodonosor, Evil-Merodaque, Neriglissar e Labashi-Marduque). Neste mesmo trecho, o período que ele atribui ao governo de Neriglissar (560 – 556 AC) está de acordo com a cronologia histórica estabelecida.

O escritor de *A Sentinela* selecionou **dois trechos** de uma frase do livro e **omitiu o restante da frase**, generalizando um comentário específico do erudito, e fazendo-o “concordar” que as fontes de documentação cuneiforme não servem para estabelecer a cronologia do período neobabilônico **inteiro**. R. H. Sack nunca afirmou isso.

A *Sentinela* de 1º de novembro de 2011, págs. 23 e 24:

Parágrafo:

O que os eruditos dizem? R. H. Sack examinou várias tabuinhas econômicas do período neobabilônico. Em 1972, Sack escreveu que novos textos não divulgados do Museu Britânico postos à sua disposição “derrubam totalmente” as conclusões anteriores sobre a transição do reinado de Nabucodonosor II para seu filho Amel-Marduque (também chamado de Evil-Merodaque).⁶ Como assim? Sack tinha conhecimento de tabuinhas que mostravam que Nabucodonosor II ainda reinava no sexto mês de seu último ano (43.º). Mas essas novas tabuinhas recém-decifradas do ano de ascensão do rei seguinte, Amel-Marduque, datavam do *quarto* e *quinto* meses daquele que se supunha ser o mesmo ano.⁷ É evidente que há uma discrepância.

Notas 6 e 7:

6. *Amel-Marduk 562-560 B.C.—A Study Based on Cuneiform, Old Testament, Greek, Latin and Rabbinical Sources. With Plates*, de Ronald H. Sack, publicado em 1972, página 3.

7. As tabuinhas BM 80920 e BM 58872 são datadas do quarto e do quinto mês do ano de ascensão de Evil-Merodaque. Elas foram publicadas por Sack em *Amel-Marduk 562-560 B.C.—A Study Based on Cuneiform, Old Testament, Greek, Latin and Rabbinical Sources. With Plates*, páginas 3, 90, 106.

Os scans das páginas 2 e 3 de *Amel-Marduk 562-560 B.C. — Um Estudo Baseado nas Fontes Cuneiformes, do Velho Testamento, Gregas, Latinas e Rabínicas. Com as Tabuinhas*, de Ronald H. Sack, (1972) são reproduzidos abaixo:

a) Cuneiform Sources

The reigns of virtually all the monarchs of the Neo-Babylonian period are copiously attested either through the *Babylonian Chronicle*² or numerous building inscriptions³. For the reign of Amēl-Marduk, however, there is no such documentation. Only a small number of economic texts and a few vase fragments have thus far been discovered or made available for analysis and examination. The vase inscriptions can be dealt with quickly⁴, for they serve no useful purpose other than that of confirming the fact that Amēl-Marduk was the son of Nebuchadnezzar. The economic texts are, on the other hand, of considerable value, for their date formulae enable the historian to determine fairly accurately the length of the reign of not only Amēl-Marduk, but also of the other members of his dynasty. It was with these tablets in hand that Parker and Dubberstein⁵ devised the following chronology:

Nabopolassar	May 17(?), 626	– Aug. 15, 605
Nebuchadnezzar	Sept. 7, 605	– Oct. 8, 562
Amēl-Marduk	Oct. 8, 562	– Aug. 7, 560
Neriglissar	Aug. 13, 560	– Apr. 16, 556
Labashi-Marduk	May 3, 556	– June 20, 556
Nabunaid	May 25, 556	– Oct. 13, 539

As one examines this list, attention is immediately focused on the occurrence of two tablets dated to the same day, with one (an Uruk text) containing the name of Nebuchadnezzar, and the other (probably from Sippar)⁶ bearing the name of his son and successor, Amēl-Marduk. This, on the surface at least, would

² D. J. Wiseman, *Chronicles of the Chaldean Kings* (London, The British Museum, 1955). A new edition, that of A. K. Grayson (*Texts from Cuneiform Sources*, vol. 6) is forthcoming.

³ Stephen Langdon, "Die Neubabylonischen Königsinschriften", *Vorderasiatische Bibliothek*, Heft IV (Leipzig, J. Hinrichs Buchhandlung, 1911). A new edition, that of R. P. Berger (to be published in *Alter Orient und Altes Testament*, vols. 4/1, 2 and 3) is forthcoming.

⁴ The vase fragments have been published by Essad Nassouhi, "Deux Vases Royaux Neobabyloniens" in *Archiv für Orientforschung*, vol. III (1926), p. 66, by V. Scheil, "Textes Elamites Semitiques" in *Délegation En Perse, Memoires*, vol. V (1905), p. XXIII (transliteration only), vol. X (1908), p. 96, and vol. XIV (1913), p. 60. A duplicate of the one last cited was published by F. Thureau-Dangin (partial copy and transliteration) "Notes Assyriologiques" in *Revue d'Assyriologie*, vol. IX (1911), p. 24. In addition, Robert Koldewey, in his excavations at Babylon near the beginning of the twentieth century, discovered two short inscriptions of Amēl-Marduk which he subsequently published (one in copy only). These contain the exact same information that is to be found in the vase fragments. See Robert Koldewey, *Das wieder erstehende Babylon* (Leipzig, J. Hinrichs Buchhandlung, 1925), pp. 78 and 156. A complete transliteration and translation of these inscriptions will be found at the rear of the volume.

⁵ Richard Parker and Waldo Dubberstein, *Babylonian Chronology, 626 - A. D. 75*. (Providence, Brown University Press, 2nd ed., 1956), p. 10-14. Included in their compendium of evidence for the beginning and end of each reign discussed are a number of unpublished tablets, which are more fully treated in an article by Albrecht Goetze, "Additions to Parker and Dubberstein's Babylonian Chronology" in *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 3 (1944), pp. 43-44.

⁶ See B. T. A. Evetts, "Inscriptions of Evil Merodach, Neriglissar, and Laborosoarchod" in *Babylonische Texte*, Heft 6 B (Leipzig, Eduard Pfeiffer, 1892), text no. 1. Although no specific site is mentioned, in view of the occurrence of the É.BABBAR.RA (i. e., the temple of Shamash in Sippar), one might conclude that the text was composed there.

seem to warrant the conclusion that Amēl-Marduk's reign commenced on or about October 8, 562. However, two new unpublished British Museum texts, recently placed at my disposal, completely upset this convenient arrangement⁷. Part of one text (which may have included the name of the city in which it was composed) is unfortunately broken off, but most of the date formula has happily survived. The texts (nos. 56 and 79 in the corpus), surprisingly enough, are quite clearly dated to the months of Du'uzu and Abu (i. e., the fourth and fifth months of the Babylonian calendar year) of the accession year of Amēl-Marduk, and thus clearly overlap the final, or forty-third year, of his father Nebuchadnezzar. As Parker and Dubberstein have already shown, texts continue to be dated to the reign of Nebuchadnezzar throughout the month of Ululu (sixth month) of his final year. Although most of the known contracts dated to the sixth month are from the south (Uruk), nevertheless it hardly seems reasonable that it would have taken well over two months for the news of Nebuchadnezzar's death to reach Uruk from Babylon (unless, indeed, this new text dated in the month of Du'uzu might lead to the conclusion that he died earlier than was formerly thought). Evidence from the accession year of Neriglissar more than negates this hypothesis⁸. Furthermore, the existence of two texts dated to the same day (Oct. 8, 562), with one bearing the name of Amēl-Marduk, and the other of Nebuchadnezzar, more than likely points to the early days of October as the time when the king actually died. In view of this new (though admittedly scanty) evidence, it seems much more probable that a kind of coregency existed prior to Nebuchadnezzar's death. Perhaps future discoveries will clarify this point.

In addition to the vase fragments and contract tablets already mentioned, a Neo-Babylonian king list was discovered during the course of the excavations at Uruk⁹. This list is also interesting, particularly because of the inaccuracy of the lengths of the reigns and the fact that no figure is given for Nebuchadnezzar.

Nebuchadnezzar	
Amēl-Marduk	2 years
Neriglissar	2 years, 8 months
Labashi-Marduk	3 months
Nabunaid	5 years

Unfortunately, there is no way of knowing precisely who was responsible for this text or what sources its composer (or composers) utilized¹⁰

⁷ I must here express my sincere gratitude to Dr. Edmund Sollberger of the Department of Western Asiatic Antiquities in the British Museum, who was kind enough to allow me to include the texts in question, texts 56 and 79 in this dissertation.

⁸ Parker and Dubberstein, p. 12. See also J. N. Strassmaier, "Die Inschriften von Nabuchodonosor, König von Babylon" in *Babylonische Texte*, Heft 6 (Leipzig, Eduard Pfeiffer, 1889). The latest text published here that can be dated with accuracy is no. 415, from the twenty-sixth day of the month of Du'uzu (fourth month) in Sippar. See also Goetze, p. 44, who cites an unpublished Nebuchadnezzar text from Dilbat datable to the eighth of Ululu. It should also be noted that only two weeks separate the latest known Amēl-Marduk text (Babylon) and the earliest Uruk text dated in the reign of Neriglissar. See Parker and Dubberstein, p. 12.

⁹ See Heinrich Lenzen, ed., *Vorläufiger Bericht über die Ausgrabungen von Uruk-Warka* (Berlin, 1956) vol. XVIII, p. 53. For a discussion of this list, see R. Borger, "Der Aufstieg des neubabylonischen Reiches" (*Journal of Cuneiform Studies*, XIX [1965]), p. 60.

¹⁰ Mention should be made here of the large octagonal prism (found by Koldewey during the course of his excavations at Babylon) from the reign of Nebuchadnezzar. Unger refers to it as "der älteste Hof- und Staatskalender der Welt". See Eckhard Unger, *Babylon, die heilige Stadt nach der Beschreibung der Babylonier* (Berlin, Walter de Gruyter u. Co., 1931), p. 35. Although Amēl-Marduk is not specifically mentioned by name, the reference in Col. IV of the prism to "the crown prince" (pp. 290-91) is obviously intended to refer to him.

Tradução:

Capítulo I: As Fontes

a) Fontes Cuneiformes

Os reinados de praticamente todos os monarcas do período neobabilônico são abundantemente comprovados, tanto pela *Crônica Babilônica* como por numerosas inscrições em edifícios. Para o reinado de Amel-Marduque, porém, não há qualquer documentação. Até agora, só um pequeno número de textos comerciais e uns poucos fragmentos de vasos foram descobertos ou disponibilizados para análise e exame. As inscrições em vasos podem ser abordadas rapidamente, pois elas não servem a qualquer propósito útil a não ser confirmar o fato de que Amel-Marduque foi o filho de Nabucodonosor. Os textos comerciais, por outro lado, são de valor considerável, pois suas especificações de datas habilitam os historiadores a determinar com bastante precisão o período de reinado não só de Amel-Marduque, como também dos outros componentes da dinastia dele. Foi com estas tabuinhas em mãos que Parker e Dubberstein elaboraram a seguinte cronologia:

Nabopolassar	17(?) de maio de 626	– 15 de agosto de 605
Nabucodonosor	7 de setembro de 605	– 8 de outubro de 562
Amel-Marduque	8 de outubro de 562	– 7 de agosto de 560
Neriglissar	13 de agosto de 560	– 16 de abril de 556
Labashi-Marduque	3 de maio de 556	– 20 de junho de 556
Nabonido	25 de maio de 556	– 13 de outubro de 539

Conforme se examina esta lista, a atenção se concentra imediatamente na ocorrência de duas tabuinhas datadas no mesmo dia, uma delas (um texto de Uruque) contendo o nome de Nabucodonosor, e a outra (provavelmente de Sipar) apresentando o nome de seu filho e sucessor, Amel-Marduque. Isso, pelo menos superficialmente, pareceria justificar a conclusão de que o reinado de Amel-Marduque começou em, ou por volta de 8 de outubro de 562. Todavia, dois novos textos não-publicados do Museu Britânico, colocados recentemente à minha disposição, **derrubam totalmente** esta combinação conveniente. Parte de um texto (que pode ter incluído o nome da cidade na qual ele foi composto) infelizmente está quebrado, mas a maior parte das especificações de datas felizmente se mantiveram. Os textos (números 56 e 79 no conjunto), surpreendentemente estão datados bem claramente nos meses de duzu e abu (ou seja, o quarto e o quinto meses do ano calendar babilônico) do ano de ascensão de Amel-Marduque, e desta forma se sobrepõem claramente no ano final, ou quadragésimo terceiro ano de seu pai, Nabucodonosor. Conforme Parker e Dubberstein já mostraram, os textos continuam a ser datados no reinado de Nabucodonosor durante o mês de

ululu (o sexto mês) do último ano dele. Embora a maioria dos contratos conhecidos datados no sexto mês seja do sul (Uruque), ainda assim dificilmente pareceria razoável que levaria bem mais de dois meses até as notícias da morte de Nabucodonosor chegarem a Uruque, vindas de Babilônia (a menos, é claro, que este novo texto datado no mês de duzu venha a levar à conclusão de que ele morreu antes do que se pensava anteriormente). A evidência do ano de ascensão de Neriglissar mais do que nega essa hipótese. Além do mais, a existência de dois textos datados no mesmo dia (8 de outubro de 562), num deles aparecendo o nome de Amel-Marduque e no outro o de Nabucodonosor, indica mais provavelmente que o rei morreu realmente nos primeiros dias de outubro. Em vista desta nova (embora admitidamente diminuta) evidência, parece muito mais provável que um tipo de co-regência existiu antes da morte de Nabucodonosor. Talvez futuras descobertas esclareçam este ponto.

A *Sentinela* disse:

“... Sack escreveu que novos textos não divulgados do Museu Britânico postos a sua disposição “derrubam totalmente” as conclusões anteriores sobre a transição do reinado de Nabucodonosor II para seu filho Amel-Marduque (também chamado de Evil-Merodaque).”

Errado. O que Sack disse no livro foi:

“Todavia, dois novos textos não-publicados do Museu Britânico, colocados recentemente à minha disposição, derrubam totalmente esta combinação conveniente.”

Que “combinação conveniente”? A que leva à “conclusão de que o reinado de Amel-Marduque começou em, ou por volta de 8 de outubro de 562.”

A questão aqui se refere inteiramente ao *dia e mês* em que o reinado de Nabucodonosor terminou e o do filho dele começou. Sack não levantou qualquer dúvida quanto ao *ano* em que ocorreu essa transição entre os reis. Pelo contrário, ele diz que “os reinados de praticamente todos os monarcas do período neobabilônico são *abundantemente comprovados*, tanto pela *Crônica Babilônica* como por numerosas inscrições em edifícios” e que “os textos comerciais... são de valor considerável, pois suas especificações de datas habilitam os historiadores a determinar *com bastante precisão* o período de reinado não só de Amel-Marduque, como também dos outros componentes da dinastia dele.” Na tabela apresentada logo na primeira página do capítulo (página 2, acima) alistam-se esses períodos de reinado, e o começo e o fim de cada um deles é indicado *com precisão de dia e mês*. O autor dá toda a evidência de estar de acordo com os anos de início e fim de cada reinado listado nela. E ele jamais disse que essas duas tabuinhas que estudou “derrubam totalmente” a conclusão de que o fim do reinado de 43 anos de

Nabucodonosor (e o começo do reinado de Amel-Marduque) ocorreu *no ano de 562 AEC*. Por isso, a frase da *Sentinela* “derrubam totalmente *as conclusões anteriores sobre a transição do reinado*” é uma citação que erra completamente o alvo.

O escritor de *A Sentinela* selecionou duas palavras de uma frase do livro e as inseriu numa frase de sua própria autoria, fazendo o erudito “dizer” que as tabuinhas econômicas lançam dúvidas sobre os anos de transição entre os reis neobabilônicos. De novo, R. H. Sack jamais afirmou tal coisa.

***A Sentinela* de 1º de novembro de 2011, pág. 24:**

Parágrafo:

Por que essas discrepâncias são relevantes? Como já mencionado, as lacunas na história registrada pelas crônicas babilônicas indicam que talvez não tenhamos um registro cronológico contínuo.¹⁰ Poderiam outros ter governado entre o reinado desses reis? Nesse caso, seria necessário acrescentar anos ao período neobabilônico. Assim, nem as crônicas babilônicas nem as tabuinhas econômicas fornecem uma base para se determinar com certeza que Jerusalém foi destruída em 587 AEC.*

Nota 10:

10. Considere o exemplo de Neriglissar. Uma inscrição real sobre ele declara que ele era “o filho de Bel-Sum-Ichcun”, o “rei de Babilônia”. (O grifo é nosso.) Outra inscrição chama Bel-Sum-Ichcun de “príncipe sábio”. A palavra original traduzida por “príncipe”, *rubû*, é um título que também significa “rei, governante”. Visto que há uma contradição óbvia entre o reinado de Neriglissar e de seu predecessor, Amel-Marduque, poderia esse “rei de Babilônia”, Bel-Sum-Ichcun, ter governado por um tempo entre os dois? O professor universitário R. P. Dougherty reconheceu que “a evidência de que Neriglissar era de linhagem nobre não pode ser desconsiderada”. — *Nabonidus and Belshazzar—A Study of the Closing Events of the Neo-Babylonian Empire*, de Raymond P. Dougherty, publicado em 1929, página 61.

O scan dessa página 61 do livro *Nabonido e Belsazar – Um Estudo dos Eventos Concludentes do Império Neobabilônico*, de Dougherty aparece na página seguinte. A frase citada no fim da nota 10 do parágrafo de *A Sentinela* aparece na nota de rodapé:

THE EARLY PROMINENCE OF NABONIDUS AND BELSHAZZAR 61

(b) If the wife of Nabonidus was a daughter of Nebuchadrezzar, one would expect the firstborn son of this union to be given responsibility in a position of prominence as soon as he was old enough to assume it. A grandson of Nebuchadrezzar would rise quickly to a post of authority. The reference to a Belshazzar who served as a chief officer of the king before Nabonidus ascended the throne supplies this link in the chain of evidence.²²⁶

(c) The necessity arising for Babylonians to choose a king because a vacancy existed, one can understand that they would select a man who had shown marked ability in governmental affairs, especially if he was a son-in-law of the most notable sovereign of the dynasty. Nabonidus was made king by common consent after the death of Lâbâshi-Marduk.²²⁷ A precedent was the accession of Neriglissar to the throne after the assassination of Amêl-Marduk,²²⁸ although different factors were involved in the elevation of Nabonidus to the kingship.

(d) Had Nabonidus been an ordinary usurper, enjoying no relationship by marriage with the ruling dynasty, it is difficult to understand how he could have felt himself in harmony with the reigns of

In a number of the texts which have been quoted Neriglissar is referred to as the son of Bêl-shum-ishkun. The royal inscriptions of Neriglissar corroborate this, with lofty titles ascribed to Bêl-shum-ishkun, viz., *šar Bâbili^{ki}*, 'king of Babylon,' *NKI* p. 210, no. 1, col. I, line 14; *rubû e-im-ga*, 'wise prince,' *NKI* p. 214, no. 2, col. I, line 11; *id-lum gi-it-ma-lum*, 'perfect hero,' *ibid.*, line 12; *na-ši-ir ma-aš-ša-ar-tim Ê-sag-ila u Bâbili^{ki}*, 'keeper of the fortresses of Êsagila and Babylon,' *ibid.*, lines 12, 13. With the data now at our disposal identification of Bêl-shum-ishkun with any known sovereign is difficult. Pinches in *The Old Testament in the Light of the Historical Records of Assyria and Babylonia*, p. 409, intimates that the record is in error which states that the father of Neriglissar was king of Babylon. Tiele in *Babylonisch-assyrische Geschichte*, p. 465f, expresses the view that Bêl-shum-ishkun may have been the Assyrian king whose name ended in -ishkun; see *I R*, p. 8, no. 6. This is now known to be impossible, because the king's name in reality was Sin-shar-ishkun. A discussion of importance with reference to this question is that of Schnabel in *OLZ* XXVIII, 345-349, as it gives a reconstruction of the chronology of the end of the Assyrian empire. However, the evidence of Neriglissar's noble ancestry cannot be disregarded, as it furnishes a basis for his importance as a man of affairs before he became king and explains his ability to make a marital alliance with the house of Nebuchadrezzar. The similarity of Nabonidus' rôle is striking.

²²⁶ See pp. 67f.

²²⁷ See p. 78.

²²⁸ *CB* pp. 30, 35.

Tradução da nota de rodapé:

Em diversos textos que foram citados, Neriglissar é referido como filho de Bel-Sum-Ichcun. As inscrições reais de Neriglissar confirmam isso, com títulos imponentes atribuídos a Bel-Sum-Ichcun, tais como *sar Bâbili ki*, ‘rei de Babilônia’, *NKI* pág. 210, n.º. 1, col. I, linha 14; *rubû e-im-ga*, ‘príncipe sábio’, *NKI* pág. 214, n.º. 2, col. I, linha 11; *id-lum-gi-it-ma-lum*, ‘herói perfeito’, *ibid.*, linha 12; *na-si-ir ma-as-as-ar-tim Ê-sag-ila u Bâbili ki*, ‘guardião das fortalezas de Esagila e Babilônia’, *ibid.*, linhas 12 e 13. Com os dados atualmente à nossa disposição, a identificação de Bel-Sum-Ichcun com qualquer soberano conhecido é difícil. Pinches em *O Antigo Testamento à Luz dos Registros Históricos de Assíria e Babilônia*, pág. 409, sugere que o registro que declara que o pai de Neriglissar era rei de Babilônia está errado. Tiele em *Babylonisch-assyrische Geschichte*, pág. 465 em diante, expressa o conceito de que Bel-Sum-Ichcun pode ter sido o rei assírio cujo nome terminava com -ishkun; veja I R, pág.8, n.º. 6. Sabe-se agora que isso é impossível, porque o nome do rei era na verdade Sin-shar-ishkun. Uma consideração de importância no que se refere a esta questão é a de Schnabel em *OLZ XXVIII*, 345-349, pois ela fornece uma reconstituição da cronologia do final do império assírio. **Todavia, a evidência de que Neriglissar era de linhagem nobre não pode ser desconsiderada**, pois ela fornece uma base para sua importância como homem de negócios antes de se tornar rei e explica sua habilidade de fazer uma aliança marital com a casa de Nabucodonosor. A similaridade com a atuação de Nabonido é notável.

A questão é: Será que Dougherty disse ou sugeriu que o pai de Neriglissar, Bel-Sum-Ichcun, tinha sido um *rei neobabilônico*? De jeito nenhum. O que ele fez foi citar uma série de títulos que *as inscrições atribuem* a Bel-Sum-Ichcun, mas Dougherty *não presumiu em momento algum* que ele tenha reinado *no império babilônico*. Pelo contrário, ele usa a maior parte dessa nota para apresentar *questionamentos* desta afirmação. (Para os leitores interessados em mais informações sobre Bel-Sum-Ichcun, indicamos novamente o artigo "Existiram Reis Neobabilônicos Desconhecidos?". Há neste artigo uma consideração específica sobre este personagem [no ponto 5.]

A própria frase citada na *Sentinela*, se for lida *na íntegra*, não admite essa conclusão:

“... a evidência de que Neriglissar era de linhagem nobre não pode ser desconsiderada, pois ela fornece uma base para sua importância como homem de negócios antes de se tornar rei e explica sua habilidade de fazer uma aliança marital com a casa de Nabucodonosor.”

Todo o objetivo dele em citar esses dados sobre Neriglissar foi explicar de que maneira ele chegou ao trono de Babilônia. Ter “linhagem nobre” não é necessariamente o mesmo que *pertencer à casa real*. Se Neriglissar tivesse um pai

que foi rei em Babilônia, ele teria assumido o trono *por direito*, sem precisar fazer “aliança marital” alguma. Não haveria porque Dougherty se preocupar em explicar todas essas coisas. Além de não afirmar isso, Dougherty ainda acautelou que “com os dados atualmente à nossa disposição, a identificação de Bel-Sum-Ichcun com *qualquer soberano conhecido* [do período neobabilônico ou fora dele] é difícil.”

O caso aqui é que o escritor de *A Sentinela* selecionou uma frase numa *nota de rodapé*, citou-a *parcialmente*, desconsiderou *tudo o que esse professor universitário disse nesta nota* e ainda ignorou o que ele diz *em todo o resto do livro*. Consideremos os seguintes exemplos pertinentes:

Logo na página 7 de *Nabonido e Belsazar*, Dougherty escreveu:

II		
LISTS OF NEO-BABYLONIAN KINGS		
<p>The cuneiform sources which deal with the activities of Nabonidus and Belshazzar have become available as deciphered texts within the past seventy-five years. Before the recovery and translation of records upon clay knowledge concerning the deeds and accomplishments of Neo-Babylonian kings was meager. Since Herodotus and Xenophon give few exact details, Megasthenes, Berossus, Alexander Polyhistor, Claudius Ptolemy, Saint Jerome, and Syncellus are the main non-cuneiform sources of information.²⁶ A scientific procedure demands the consideration of general chronological data before more particular cuneiform evidence is introduced. The following tabulation enables a comparison of the different Neo-Babylonian king-lists which are known at the present time. For the sake of logical arrangement the Babylonian chronicle, although of comparatively recent discovery, is presented first.</p>		
1. Neo-Babylonian Kings according to Cuneiform Texts ²⁷		
<i>Nabû-apal-uşur</i>	21 years	626/625–605 B. C.
<i>Nabû-kudurri-uşur</i> ²⁸	43 years	605–562 B. C.
<i>Amêl-Marduk</i>	2 years	562–560 B. C.
<i>Nergal-şar-uşur</i>	4 years	560–556 B. C.
<i>Lâbâşi-Marduk</i>	A few months	556 B. C.
<i>Nabû-nâ'id</i>	17 years	556–539 B. C.
<p>²⁶ Josephus, <i>Antiq. Jud.</i>, X, 11, 2, gives the following inaccurate chronology with no reference to the length of Nebuchadrezzar's reign: Evil-Merodach, eighteen years; Niglissar, forty years; Labosordachus, nine months; Baltasar, also called Nabonidus, seventeen years. In <i>Contra Apionem</i> I, 20, Josephus quotes the chronology of Berossus.</p>		
<p>²⁷ This list is based upon cuneiform historical texts and upon dated contract tablets of the Neo-Babylonian period. See references in notes 2 and 8. These Babylonian documents furnish evidence that <i>Nabû-apal-uşur</i> (Nabopolassar) was the father of <i>Nabû-kudurri-uşur</i> (Nebuchadrezzar), and that <i>Amêl-Marduk</i> (Evil-Merodach) was the son of Nebuchadrezzar. According to Berossus (Josephus, <i>Contra Apionem</i> I, 20; <i>CLP</i> cols. 49, 50), <i>Nergal-şar-uşur</i> (Neriglissar) was the son-in-law of Nebuchadrezzar. <i>Lâbâşi-Marduk</i> (Laborosoarchod) is referred to in cuneiform texts as the son of Neriglissar. <i>Nabû-nâ'id</i> (Nabonidus) is not mentioned as being related to any Neo-Babylonian king. This is no final criterion, however, as the available cuneiform records are silent also as to Neriglissar's relationship by marriage to Nebuchadrezzar. For the</p>		

Tradução (exceto as notas de rodapé):

II

LISTAS DE REIS NEOBABILÔNICOS

As fontes cuneiformes que tratam das atividades de Nabonido e Belsazar se tornaram disponíveis como textos decifrados dentro dos últimos setenta e cinco anos. Antes da descoberta e tradução dos registros em argila, o conhecimento referente às ações e realizações dos reis neobabilônicos era escasso. Como Heródoto e Xenofonte fornecem poucos detalhes exatos, Megástenes, Beroso, Alexandre Polyhistor, Cláudio Ptolomeu, São Jerônimo e Sincelo são as principais fontes não-cuneiformes de informação. Um procedimento científico exige a consideração dos dados cronológicos gerais, antes de se introduzir evidência cuneiforme mais particular. A tabulação que segue permite uma comparação das diferentes listas de reis neobabilônicos que são conhecidas até o presente momento. Para efeito de um arranjo lógico, a crônica babilônica, embora descoberta em tempos comparativamente recentes é apresentada primeiro.

1. Reis Neobabilônicos segundo os Textos Cuneiformes

Nabopolassar	21 anos	626/625-605 A.C.
Nabucodonosor	43 anos	605-562 A.C.
Amel-Marduque	2 anos	562-560 A.C.
Neriglissar	4 anos	560-556 A.C.
Labashi-Marduque	Alguns meses	556 A.C.
Nabonido	17 anos	556-539 A.C.

Depois de apresentar esta primeira lista de reis neobabilônicos, Dougherty apresentou outras *sete listas* nas páginas 8 a 10 do livro. Depois da oitava lista, na página 10, ele escreveu:

Of the above Neo-Babylonian king-lists the first is based upon more than two thousand dated cuneiform documents. It must therefore be accepted as the ultimate criterion in the determination of Neo-Babylonian chronological questions, the majority of which are connected with events which took place in the sixth century B. C. Judged by this unimpeachable standard, the writings of Herodotus of the fifth century B. C. and those of Xenophon of the first part of the fourth century B. C. are lacking in true historical perspective so far as an orderly enumeration of Neo-Babylonian kings is concerned. The record of Megasthenes, next in point of time, is defective inasmuch as he makes no mention of Nabopolassar, the founder of the dynasty, and gives no information as to how long each king reigned. It is not until the third century B. C. that the Berossus list, with a real Babylonian background and therefore of appreciable accuracy, appears. Polyhistor of the first century B. C. names all the kings except Lâbâshi-Marduk and states accurately how long each king reigned, barring the period assigned to Amêl-Marduk. Ptolemy of the second century A. D. differs from Polyhistor only in giving the correct number of years for Amêl-Marduk's reign. Saint Jerome, who belongs mainly to the fourth century A. D., excludes Nabopolassar from his list and registers the Biblical tradition concerning Belshazzar. In actual chronology he is wanting, as he mentions the length of no reign except that of Nebuchadrezzar. Syncellus of the eighth century A. D. pays special attention to the Neo-Babylonian period in his historical investigation which is based upon astronomical and ecclesiastical data. Like Polyhistor and Ptolemy he omits the name of Lâbâshi-Marduk in both his lists. In stating the length of reigns he ascribes varying periods to Amêl-Marduk, Neriglissar, and Nabonidus.

³⁵ See Goar, *ibid.*, I, p. 393.

Tradução (exceto a nota marginal):

Das listas de reis neobabilônicos acima, a primeira é baseada em mais de dois mil documentos cuneiformes datados. Isso deve, desta forma, ser aceito como o critério final na determinação das questões cronológicas neobabilônicas, a maioria das quais estão associadas com eventos que ocorreram no sexto século A.C. Julgados por este padrão incontestável, os escritos de Heródoto, do quinto século A.C. e os de Xenofonte, da primeira parte do quarto século A.C. carecem de verdadeira perspectiva histórica no que se refere a uma enumeração ordenada das listas de reis neobabilônicos. Os registros de Megástenes, os próximos na linha do tempo, são deficientes em virtude de ele não fazer qualquer menção de Nabopolassar, o fundador da dinastia, e não dar qualquer informação sobre quanto tempo cada rei governou. Foi só no terceiro século A.C. que a lista de Beroso apareceu, dentro de um verdadeiro contexto babilônico e, desta forma, com considerável exatidão. Polyhistor, do primeiro

século A.C., alista todos os reis, exceto Labashi-Marduque e afirma de maneira precisa quanto tempo cada rei governou, com exceção do período que ele indica para o reinado de Amel-Marduque. Ptolomeu, do segundo século A.D., difere de Polyhistor somente por apresentar o número correto de anos do reinado de Amel-Marduque. São Jerônimo, que pertence principalmente ao quarto século A.D., exclui Nabopolassar de sua lista e registra a tradição bíblica referente a Belsazar. Em termos de uma verdadeira cronologia, ele deixa a desejar, pois não menciona a duração de nenhum reinado, exceto o de Nabucodonosor. Sincelo, do oitavo século A.D., dá atenção especial ao período neobabilônico em sua pesquisa histórica, que é baseada em dados astronômicos e eclesiásticos. Assim como Polyhistor e Ptolomeu, ele omite o nome de Labashi-Marduque em suas listas. Ao especificar a duração dos reinados, ele atribui períodos variados a Amel-Marduque, Neriglissar e Nabonido.

O simples exame da lista apresentada na página 7 mostra que Dougherty estava de pleno acordo com o que a evidência documental cuneiforme indica para a cronologia dos reis neobabilônicos. Os períodos de reinado que ele especificou lá são os mesmos que os historiadores defendem até hoje. E em *nenhuma das oito listas* que apresenta nestas páginas 7 a 10 de seu livro, Dougherty incluiu o nome de Bel-Sum-Ichcun (o pai de Neriglissar) entre os reis neobabilônicos. Isso deixa definitivamente claro que ele *jamaiz* aventou a hipótese de este homem ter sido rei de Babilônia. Portanto, de novo o escritor de *A Sentinela* fez uma citação deturpada desse erudito, com objetivos escusos.

Recordemos aqui o que a revista *A Sentinela* de 1º de outubro de 2011 havia dito na página 29:

Mas se as evidências das Escrituras inspiradas apontam claramente para 607 AEC como a data da destruição de Jerusalém, por que muitas autoridades defendem 587 AEC? Elas se baseiam em duas fontes — os escritos de historiadores clássicos e o Cânon de Ptolomeu.

Nada mais longe da verdade. Só o trecho acima, do livro do professor Dougherty, já é suficiente para derrubar essa afirmação. Enfatizemos aqui o que ele disse no livro:

“Das listas de reis neobabilônicos acima, a primeira é baseada em mais de dois mil documentos cuneiformes datados. Isso deve, desta forma, ser aceito como o critério final na determinação das questões cronológicas neobabilônicas, a maioria das quais estão associadas com eventos que ocorreram no sexto século A.C.”

Como se vê acima, depois de chamar a documentação cuneiforme de “critério final”, ele ainda prossegue destacando que estas fontes cuneiformes constituem um “padrão incontestável”, sendo *muito superiores* aos escritos dos historiadores clássicos, citando vários deles por nome e mostrando detalhadamente onde os registros deles apresentaram contradições e erros. Em termos simples, Dougherty dispensaria completamente esses escritos dos historiadores clássicos para estabelecer alguma cronologia.

Outra colocação pertinente dele, na página 7, é que “um procedimento científico exige a consideração dos *dados cronológicos gerais* , antes de se introduzir evidência cuneiforme mais particular.” Ele definiu o que já apresentamos como *a maneira correta* de se estabelecer uma cronologia histórica. Os “dados cronológicos gerais” devem ser levados em conta, antes de se considerar qualquer informação específica. Está *completamente errado* um pesquisador que pretende ser levado a sério fazer o contrário disso, fixando-se numa data de sua predileção, tentando de todas as maneiras encontrar alguma evidência cronológica para ela, e depois obrigando a história a se “adaptar” àquela data, ignorando todo o resto das evidências, apresentando informação limitada (e ainda de maneira tendenciosa) e deturpando o que a Bíblia e os eruditos dizem. São estes os métodos usados o tempo todo na revista *A Sentinela* , com o objetivo de defender a data de 607 AEC para a destruição de Jerusalém.

O escritor de *A Sentinela* selecionou *uma frase de uma nota de rodapé* do livro e usou-a para fazer R. P. Dougherty “dizer” que existiram outros reis neobabilônicos além dos apresentados pela história estabelecida. Ele jamais disse isso, e defendia o *método científico* para se lidar com cronologia.

***A Sentinela* de 1º de novembro de 2011, página 25:**

Parágrafo:

Mesmo que um eclipse tenha ocorrido em certa data, será que isso significa que a informação *histórica* que o escritor da tabuinha atribuiu àquela data é exata? Não necessariamente. O erudito R. J. van der Spek explica: “Os compiladores eram astrólogos, não historiadores.” Ao falar de partes de tabuinhas com registros históricos, ele as descreve como “mais ou menos casuais”, e alerta que esse tipo de informação histórica precisa “ser usada com cautela”.¹⁵

Nota 15:

15. *Bibliotheca Orientalis* , L N° 1/2, Januari-Maart, 1993, “The Astronomical Diaries as a Source for Achaemenid and Seleucid History”, de R. J. van der Spek, páginas 94, 102.

O parágrafo lança uma pergunta, que é *imediatamente respondida*. A resposta “Não necessariamente” é *do escritor de A Sentinela*, e ele responde isso *antes de citar qualquer palavra do erudito*. Daí, o parágrafo apresenta algumas frases do livro dele, com o intuito de confirmar essa resposta.

As fotocópias das páginas 93, 94, 95 e 101 do livro de Van Der Spek são mostradas abaixo. A tradução do texto do subtópico (páginas 93 a 95, destacado com uma seta vermelha), dentro do qual estão as frases citadas na revista aparece em seguida:

Os Diários Astronômicos Como Uma Fonte para a História do Período Selêucida e Aquemênida – R. J. van der Spek, *Bibliotheca Orientalis*, páginas 93, 94, 95 e 101:

year (beginning March/April) which falls for the greater part in the corresponding year of our era. Accordingly Diary No. -322 covers the period April 14, 323 B.C. through April 3, 322 B.C. The authors, furthermore, would indicate the respective days as April 13/14 and April 2/3, since a Babylonian day started at sunset, not at sunrise. In other words, when Diary No. -322 B 'Obv' 8' reads: "The 29th, the king died.", it means (if the computation that month II is concerned, is right), that Alexander the Great died on June 10/11, 323 B.C. It is important to give this warning, since no other than Wiseman fell into this trap. No. -330 'Obv.' 15'-18' mentions the battle of Gaugemala as having taken place on the 24th of month VI in the year -330 (computed by F.R. Stephenson). In the Julian calendar this is October 1, 331 BC, not September 27, 330 BC, as was suggested by Wiseman, who first edited the tablet⁴).

The Babylonian Astronomical Diaries are of course important for the study of astronomy. Careful day-by-day observations of the sky are available for a very long period, now published in accessible English for the time span 652 B.C. to 165 B.C. (though the number of pre-Achaemenid diaries is limited to two) and more will come. The observations concern information on the moon, the planets, solstices and equinoxes, Sirius phenomena, meteors, comets, etc. This publication has to find its way in (the history of) astronomy. Meteorologists also may benefit from this publication, since it contains a report of the daily weather situation and the river level as well. Interesting conclusions may be drawn concerning the development of the climate in Iraq.

 *The historical sections as part of the Diaries*

The Diaries also contain important information which has nothing to do with astronomy, viz. reports on the prices of commodities and on historical events. Both are of course very useful for the study of history. The information on prices is of primary importance for the study of economic history. The prices are mentioned at the end of each monthly section and are valid for the whole month, but sometimes changes in the prices occurred in the course of the month, and these are recorded. If goods were not for sale at all (e.g. as a consequence of war), this was also noted: *māhīru parīs* "sales were cut off". The way in which prices are recorded, is a bit confusing for the modern researcher. While one would expect a phrase like: the price of 1 kur of barley was n shekel, the information is given the other way around: the capacity units or the weight (in the case of wool) of a number of commodities is mentioned, which could be bought for one shekel of silver. The commodities listed are: barley, dates, mustard (*kasū*), cress (*sahlu*)⁵, sesame, and wool.

Most often at the end of a year-rapport historical information is inserted. Mention is made of battles of kings, visits of kings or royal officials to the temple, offerings brought by them, but also seemingly quite unimportant

events as the news that "five dogs approached one bitch" (no. -207, Obv' 17).

At first sight the purpose of collecting these very different data seems hard to understand. Recent studies, however, have shown that the Astronomical Diaries constituted a kind of source-book and a scientific foundation of divination, e.g. as a source-book for horoscopes and omnia. Sometimes the relationship between the terminology of the Diaries and the so-called omen-texts is striking, as is demonstrated by F. Rochberg-Halton⁶). Astrology was also used for weather forecasts⁷), which might explain the wheather reports in the diaries. Even the commodity prices were subject of astrological predictions, as may be deduced from a Late Babylonian text from Uruk⁸). Thus, also the historical events, mentioned in the diaries, are therefore not recorded out of historical interest, but for astrological and 'divinational' purposes. The compilers were astrologers, not historians. This explains the fact that the historical sections, as Hunger indicates in his Introduction (p. 36), "are of a remarkable unevenness: sometimes they record events of ephemeral importance from the city of Babylon, in other cases events of political significance". The reason for the recording of historical events probably was to present a relationship between events in the sky and on earth. Events on earth could be a victory of the king in a certain battle, but also the fact that "five dogs approached one bitch". Both kinds of 'historical events' played a role in the omnia, which explains why both are mentioned in the diaries.

It is often assumed that the diaries were also used as (one of the) source(s) for the compilers of the Babylonian chronicles⁹). The new edition affords new evidence for that idea. This does of course not rule out Grayson's idea that the compilers of the chronicle had their own purpose and indeed did work out of real historical interest¹⁰).

The sections recording historical events are of course a matter of major importance for the assessment of historical developments. They must, however, be used with caution in view of their above mentioned purpose as material for astrological research. But also in another respect the position of the compilers of the diaries determined the substance of the information. The compilers lived in Babylon, were connected with the temple and were best informed on the situation in Babylon and her temple. The information of political importance had often to come from farther away. In the Seleucid period the core of the empire gradually shifted to Antioch on the Orontes and the king was often on campaign in far away regions. So the information was more

⁴) 'Between Observation and Theory in Babylonian Astronomical Texts', *JNES* 50 (1991) 107-120 (in this article she mainly discusses the relation between the diaries and predictions of celestial phenomena); 'The Babylonian Astronomical Diaries', *JAOs* 111 (1991) 323-332.

⁵) Cf. H. Hunger, 'Astrologische Wettervorhersagen', *ZA* 66 (1976) 234-260.

⁶) H. Hunger, *Spätbabylonische Texte aus Uruk*, I (Berlin 1976), no. 94: "Astrologische Anweisungen für die Vorhersage von Getreidepreisen und damit zusammenhängenden Erscheinungen". I owe the reference to M. Stol (Vrije Universiteit, Amsterdam).

⁷) Cf. A.K. Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles*, TCS V, Locust Valley, New York 1975, 12ff, *idem*, *Orientalia*, 173ff, 189ff; W.W. Hallo, 'The Nabonassar Era and other Epochs in Mesopotamian Chronology and Chronography', in: E. Leichty, M. deJ. Ellis and P. Gerardi, *A Scientific Humanist. Studies in Memory of Abraham Sachs* (Philadelphia 1983) 175-190; *idem*, 'The Concept of Eras from Nabonassar to Seleucus' *JANES* 16-17 (1984-5) 143-151.

¹⁰) Cf. preceding note.

⁴) D.J. Wiseman, *Nebuchadnezzar and Babylon*, Oxford 1985, 116-121. The mistake was already noted by J.A. Brinkman, 'BM 36761, the astronomical diary for 331 B.C.', *NABU* 1987, No. 63 (p. 34).

⁵) *Sahlu* = *kardamon* was an important part of the Persian and Babylonian diet according to classical sources. Cf. M. Stol, 'Cress and its mustard', *JEOL* 28 (1983-1984) 24-32.

or less casual and this is sometimes expressed in the introduction formula: ITU BI *al-te-e um-ma*, "that month, I heard as follows": (e.g. No. -168 A14). However, the unevenness in the way of reporting, as mentioned by Hunger, is also apparent in another aspect. In some diaries reports of historical events occur frequently, but in others we have no information for many consecutive years. It seems that not all compilers were in the same way interested in historical events. Sometimes a stray remark is made, sometimes we have a complete report, as in the report of 14 lines on the First Syrian War (no. -273, 'rev. 29'-39'; UE 1-3). The reign of Antiochus IV is also well attested.

It is self-evident that it is not possible to treat all historical sections in a single review article¹¹. They deserve extensive treatment in separate publications¹², so I will limit myself to a few remarks on a few startling points.

Achaemenid throne-names

It goes without saying that the diaries are of major importance for the chronology and royal dating systems of the period in question. Light is shed on the nomenclature of the Persian kings. These were known by a personal name and a throne name¹³. It appears that the original personal names of both Darius II and Artaxerxes III were *Umakūš* (= Greek *Ōchos*)¹⁴, that Artaxerxes' II name was *Aršu* (*Arses*) and Darius III originally was called *Artašata*. About Artaxerxes I there is no certain information. One diary (No. -440) might suggest that his original name was *Aršu* too (-440: Obv. 1: [MU x KĀM m *Ar*]-šū šā m *Ar-tak-šat-su* MU-šū). It is tentatively assigned by Sachs to the 24th year of his rule, but this assignment is questioned by Hunger on astronomical grounds (Venus is reported to be visible on the 6th of Tishri, while it must have been invisible at that time), so that in my opinion the attribution should be dismissed. Moreover, if we are permitted to take Josephus, *Ant.* 11.184 at face value (which I doubt), Artaxerxes' actual name was *Cyrus*¹⁵. Finally, in the only other diary mentioning the name of Artaxerxes I (no. -453), no additional name was mentioned.

¹¹ Some historical sections of Volume I were treated already by P. Bernard, 'Nouvelle contribution de l'épigraphie cunéiforme à l'histoire hellénistique', *Bulletin de Correspondance Hellénique* 114 (1990) 513-541, which article appeared under the same title in abridged form as a "Note d'information" in *Comptes Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et des Belles Lettres (CRAI)* 1989, 294-307. In these contributions Bernard deals (more or less extensively) with the battle of Gaugamela, the death of Alexander, the revolt of the Greeks in Bactria, the battle between Antigonos and Seleucus for Babylon (310-308 B.C.), the first Syrian War (274-271 B.C.), the (alleged) transport of Babylonians to Seleucia in 274 B.C. and the death of Antiochus I.

¹² I am preparing articles on Seleucid land policy and ruler cult (cf. n. 28).

¹³ R. Schmitt, 'Achaemenid Throne-Names', *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli* 42 (1982) 83-95.

¹⁴ Hunger preferred a reading *Ū-ma-kuš* rather than *Ū-ma-su* as transliterated by Sachs, and I think correctly so. *Umakūš* is much closer to the Greek equivalent *Ōchos*. In addition, contrary to R. Schmitt, l.c., 88, n. 15 and M.W. Stolper, *Entrepreneurs and Empire*, Istanbul 1985, 115 n. 21, I believe that the form is closer to the Iranian name **Va(h)uš*, than to **Vauka*. Since in Late Babylonian *m* between vowels was pronounced as *w* (or *ʷ*), *Umakūš* probably sounded as **Wakūš* (with labial *w*).

¹⁵ So does Schmitt, 'Throne-Names', 83-84. This argument, however, should not be pressed too far, since the proposal of Gutschmid to amend Κύριος to Ἀρταξερξεύς seems quite sound, since Josephus goes on to relate the Esther story, for which his source of course was the book of Esther, where the Persian king is called *Ahasueros* in the Hebrew original, but translated as *Artaxerxes* in the Septuaginta.

stand anymore. Since the reading of the word *dul-'lu'* in chronicle 13b is questionable¹⁶, one is induced to read there *bul-tu* too, but that seems impossible in view of the traces. Perhaps the word *bul-tu* was avoided, because it was indeed an offering on behalf of Seleucus II and his sons Seleucus III and Antiochus (III), as was suggested by Susan Sherwin-White¹⁷. Since Seleucus II recently had died, an offering "for the life of" would be out of place.

UKKIN = *kinistu*

On the *kinistu* of Esagila the diaries present new and conclusive evidence as to the earlier suggested equation with UKKIN¹⁸. Diary No. -245 B 'Obv. 4' reads: [...] *šā-tam-mu* É.SAG.İL *da-ta-b[ar-ra(!)]* E.KI.MEŠ *ki-niš-tú* É.SAG.İL, "the chief administrator/highpriest of Esagila, the *databarra* (judicial official) and the Babylonians (of) the *kinistu* of Esagila".

A great deal more is to be said about the historical information in the diaries, but that would go beyond the scope of this review. I hope to return to the questions raised here in separate studies. The cases are only presented to give an idea of the importance of the material. We have to be very grateful for the appearance of these important books.

Amsterdam, April 1992

R.J. VAN DER SPEK

¹⁶ According to M.J. Geller, who collated the text, the reading '*lu'*' is impossible (personal communication).

¹⁷ Susan Sherwin-White, 'Ritual for a Seleucid king at Babylon', *Journal of Hellenic Studies* 103, 1983, 156-159.

¹⁸ R.J. van der Spek, 'The Babylonian City', in: A. Kuhrt, S. Sherwin-White, *Hellenism in the East*, 61f; idem, *Grandbesitz* 57ff.

Tradução do subtópico (páginas 93 a 95, exceto as notas marginais):***As seções históricas como parte dos Diários***

Os Diários também contêm informação importante que não tem nada que ver com astronomia, a saber, relatórios sobre os preços de mercadorias e sobre eventos históricos. Ambos são, naturalmente, muito úteis para o estudo da história. A informação sobre preços é de importância primária para o estudo da história econômica. Os preços são mencionados no fim de cada seção mensal e são válidos para o mês inteiro, mas às vezes ocorrem mudanças nos preços durante o mês, e estas são registradas. Se as mercadorias não estavam à venda de maneira alguma (por exemplo, como consequência de guerra), isso era também registrado: *mahiru paris* “as vendas foram suspensas”. A maneira como os preços eram registrados é um tanto confusa para o pesquisador moderno. Ao passo que poderíamos esperar uma frase do tipo: ‘o preço de um quilo de cevada era n reais’, a informação era dada de outra maneira: mencionam-se as unidades de capacidade ou de peso (no caso da lã) de várias mercadorias que poderiam ser compradas com um quilo de prata. As mercadorias listadas são: cevada, tâmaras, mostarda (*kasu*), agrião, gergelim e lã.

Com muita freqüência, inclui-se informação histórica no fim de um relatório anual. Mencionam-se batalhas de reis, visitas de reis ou de oficiais reais ao templo, ofertas trazidas por eles, e também eventos evidentemente de muito pouca importância, tais como menções de que “cinco cachorros cercaram uma cadela” (no. -207, linha 17 do anverso).

À primeira vista, o propósito de registrar estes dados muito diferentes parece difícil de entender. Recentes estudos, porém, mostraram que os Diários Astronômicos constituíam uma espécie de livro-texto e uma fundamentação para a divinação, por exemplo, um livro-texto para horóscopos e agouros. Às vezes, a relação entre a terminologia dos Diários e dos chamados textos de predições é notável, como é demonstrado por F. Rochberg-Halton. A astrologia era também usada para previsões do tempo, o que poderia explicar a presença de relatórios meteorológicos nos diários. Até os preços de mercadorias estavam sujeitos às predições astrológicas, como se pode deduzir de um texto babilônico posterior, de Uruque. Assim, os eventos históricos mencionados nos diários, não são registrados devido ao interesse histórico, e sim para propósitos astrológicos e ‘divinatórios’. **Os compiladores eram astrólogos, não historiadores.** Isso explica o fato de que as seções históricas, como Hunger indica na Introdução dele (pág. 36), “são notavelmente desiguais: às vezes eles registram eventos de importância passageira da cidade de Babilônia, em outros casos eventos de importância política”. A razão para o registro de eventos históricos provavelmente era para apresentar uma relação entre os eventos do céu e da terra. Os eventos da terra poderiam ser tanto uma vitória do rei em alguma batalha, como também o fato de que “cinco cachorros cercaram uma

cadela”. Ambos os tipos de ‘eventos históricos’ tinham sua importância nos augúrios, o que explica por que ambos são mencionados nos diários.

Presume-se freqüentemente que os diários eram também usados como (uma das) fonte(s) para os compiladores das crônicas babilônicas. A nova edição dá nova evidência para essa idéia. Naturalmente, isso não anula a idéia de Grayson de que os compiladores da crônica tinham seus próprios interesses e realmente trabalhavam sem um interesse realmente histórico.

As seções que registram eventos históricos são, naturalmente um assunto de maior importância para a avaliação dos desenvolvimentos históricos. **Elas devem, porém, ser usadas com cautela** em vista do seu propósito como material para pesquisa astrológica, mencionado acima. Mas, ainda num outro aspecto a posição geográfica dos compiladores dos diários determinava a substância da informação. Os compiladores viviam em Babilônia, eram associados com o templo e estavam mais bem informados sobre a situação em Babilônia e seu templo. A informação de importância política com freqüência tinha de vir de longe. No período selêucida, o núcleo do império mudou gradualmente para Antioquia sobre o Orontes e o rei com freqüência estava em campanha militar em regiões distantes. **Assim a informação era mais ou menos casual** e isso é às vezes expresso na fórmula introdutória: ITU BI *al-te-e um-ma* “nesse mês, eu ouvi o seguinte”: (por exemplo No -168 A14). Todavia, a desigualdade na maneira de relatar, conforme mencionado por Hunger é também evidente em outro aspecto. Em alguns diários, os registros de eventos históricos ocorrem com freqüência, mas em outros não temos qualquer informação por muitos anos consecutivos. Parece que nem todos os compiladores estavam interessados em eventos históricos da mesma maneira. Às vezes se faz uma observação dispersa, às vezes temos um relatório completo, como no relatório de 14 linhas sobre a Primeira Guerra Síria (no. -273, ‘ver. 29’-39’; UE 1-3). O reinado de Antíoco IV é muito bem registrado.

É bem evidente que não é possível tratar de todas as seções históricas numa simples resenha. Elas merecem uma abordagem extensa em publicações independentes, por isso eu me limitarei a poucos comentários sobre alguns pontos que chamam a atenção.

Tradução do último parágrafo da página 101:

Deve-se falar muito mais sobre a informação histórica nos diários, mas isso iria além do escopo desta resenha. Espero voltar a essas questões levantadas aqui em estudos independentes. Os casos só foram apresentados para dar uma idéia da importância do material. Temos de ser muito gratos pelo aparecimento destes importantes livros.

Considerando-se as declarações do erudito, *dentro do seu devido contexto*, pergunta-se: Será que ele questionou a *confiabilidade* das informações históricas registradas nas tabuinhas? Disse ele que as informações registradas ‘não são necessariamente exatas’? A resposta a estas duas perguntas tem de ser: “Em momento algum.”

O objetivo dele em mencionar que “os compiladores eram astrólogos, não historiadores”, não foi colocar em dúvida a *veracidade dos registros*. Ele falou isso para explicar que o *interesse* dos que faziam esses registros era astrológico, visando a “apresentar uma relação entre os eventos do céu e da terra”. Isso não é o mesmo que dizer que os eventos “da terra” tinham sido inventados pelos astrólogos. A *interpretação* que o astrólogo dava ao evento, ou que relação ele achava que esse evento na terra poderia ter com os “eventos do céu” (“os astros”) é outra questão. Mas o fato é que os eventos ocorridos na terra (sejam os politicamente importantes, tais como a vitória dum rei numa batalha, sejam os de importância nenhuma, tais como “cinco cachorros cercando uma cadela”) *tinham ocorrido mesmo*. Eles não eram fruto da imaginação dos astrólogos.

Dizer que as informações históricas nesses diários “devem ser usadas com cautela” não é o mesmo que dizer que elas ‘não são necessariamente exatas’ e devem ser rejeitadas. A cautela *no uso* (não *na rejeição*, bem entendido) é necessária, não pelo fato de as informações históricas ‘não serem necessariamente exatas’, e sim “em vista do seu propósito como material para pesquisa astrológica”.

O mesmo vale para a frase “a informação era mais ou menos casual”. O erudito disse isso para explicar que o *interesse* do registrador da informação, a *situação* no momento do registro e até a *posição geográfica* do registrador faziam variar a *substância* (ou quantidade) de informação histórica registrada na tabuinha. A variação era *na quantidade*, não *na qualidade*. Ele jamais disse que esses diferentes fatores envolvendo os registradores afetavam a *veracidade* da informação histórica registrada.

Se o historiador Van Der Spek tivesse um conceito tão baixo assim sobre as informações históricas registradas nos diários astronômicos de Babilônia, e as achasse tão indignas de crédito como o escritor de *A Sentinela* dá a entender, ele jamais teria dito no livro que os diários são “muito úteis para o estudo da história”, que eles “merecem uma abordagem extensa em publicações independentes”, que “deve-se falar muito mais sobre a informação histórica nos diários” e que “temos de ser muito gratos pelo aparecimento destes importantes livros”. Estas declarações, bem como a evidente disposição de dedicar tempo para estudar os diários a fundo não poderiam vir de alguém que pensa que as informações históricas no material ‘não são necessariamente exatas’ e devem ser descartadas ao primeiro sinal de dúvida.

O escritor da revista *A Sentinela* selecionou cuidadosamente **três frases dispersas** e se serviu delas para fazer o erudito “apoiar” o menosprezo da revista ao valor das informações históricas registradas nas tabuinhas astronômicas. O historiador Van Der Spek **não compartilha de modo algum** esse conceito.

A *Sentinela* de 1º de novembro de 2011, pág. 28 (grifo acrescentado):

18a. Estes intervalos de tempo são a medição de tempo, por exemplo, do pôr do sol ao pôr da lua no primeiro dia do mês e durante dois outros períodos mais tarde no mês. Os eruditos têm relacionado essas medições de tempo a datas calendares. (“The Earliest Datable Observation of the Aurora Borealis,” de F. R. Stephenson e David M. Willis, em *Under One Sky—Astronomy and Mathematics in the Ancient Near East*, editado por John M. Steele e Annette Imhausen, publicado em 2002, páginas 420-428) Para antigos observadores, medir esse período exigia um tipo de relógio. Essas medições não eram confiáveis. (*Archimedes, Volume 4, New Studies in the History and Philosophy of Science and Technology*, “Observations and Predictions of Eclipse Times by Early Astronomers”, de John M. Steele, publicado em 2000, páginas 65-66) Por outro lado, o cálculo da *posição* da Lua em relação a outros corpos celestes era feito com maior certeza.

O artigo “As Antigas Observações Datáveis da Aurora Boreal”, de F. R. Stephenson e David M. Willis, referido nesta nota, é citado em outras obras. Reproduzimos abaixo trechos deste artigo, conforme aparecem na revista *Astronomy & Geophysics*, Volume 45 (dezembro de 2004), págs. 6.15 e 6.16:

Abstract

The Late Babylonian astronomical texts, discovered at the site of Babylon (32.5°N, 44.4°E) more than a century ago, contain what is probably the earliest reliable account of the aurora borealis. A clay tablet recording numerous celestial observations made by the official astronomers during the 37th year of King Nebuchadnezzar II (568/567 BC) describes an unusual “red glow” in the sky at night; the exact date of this observation corresponds to the night of 12/13 March in 567 BC. The most likely interpretation of the phenomenon is an auroral display. This event occurred several centuries before the first clearly identifiable observation of the aurora from elsewhere in the world, namely China in 193 BC. The Babylonian auroral observation is remarkable in the sense that it is one of a series of carefully recorded astronomical observations, for each of which the year, month and day are known precisely. This observation occurred at a time when the geomagnetic (dipole) latitude of Babylon was about 41°N compared with the present value of 27.5°N, suggesting a higher auroral incidence at Babylon in 567 BC than at present.



1: The reverse of the Babylonian tablet (VAT 4956) that contains the record of the aurora in 567 BC. (Staatliche Museen, Berlin/Olaf M. TeBmer)

Tradução:

1: O reverso da tabuinha babilônica (VAT 4956) que contém o registro da aurora em 567 AC (Staatliche Museen, Berlim/Olaf M TeBmer)

Tradução do abstrato:

“Os antigos textos astronômicos babilônicos, descobertos no local de Babilônia (32,5° N, 44,4° E) há mais de um século, contêm o que é provavelmente o mais antigo relato confiável da aurora boreal. Uma tabuinha de argila que registra numerosas observações celestes feitas por astrônomos oficiais durante o 37º ano do reinado de Nabucodonosor II (568/567 AC) descreve um “brilho vermelho” incomum no céu à noite; a data exata dessa observação corresponde ao de uma noite de 12/13 de março de 567 AC. A interpretação mais provável do fenômeno é que isso foi o aparecimento de uma aurora. Este evento ocorreu vários séculos antes da primeira observação claramente identificável da aurora em outra parte do mundo, a saber, a China em 193 AC. A observação da aurora em Babilônia é notável no sentido de que ela faz parte de uma série de observações astronômicas cuidadosamente registradas, sendo que para cada uma delas o ano, o mês e o dia são conhecidos com exatidão. Esta observação ocorreu num momento em que a latitude geomagnética (dipolar) de Babilônia era de aproximadamente 41° N em comparação com o valor atual de 27,5° N, sugerindo que havia uma maior incidência da aurora em Babilônia no ano 567 AC do que no presente.”

A nota 18a do artigo de *A Sentinela* fala em “datas calendares” associadas aos grupos de três medições lunares (“lunar threes”), cita o artigo dos dois eruditos e em seguida aparece a frase “Essas medições não eram confiáveis.”

Incluir tal frase neste contexto é absolutamente desencaminhante. *A Sentinela* não só deixa de informar os leitores qual era a data em questão no artigo citado, como *contradiz frontalmente* os eruditos. No artigo, eles apresentaram a data de 12/13 de março de 567 AEC (não 587 AEC, como defende *A Sentinela*) e se referiram a esta como uma “data *exata*”, sendo a observação “provavelmente o mais antigo relato *confiável* da aurora boreal”, e que ela “faz parte de uma série de observações astronômicas *cuidadosamente registradas*, sendo que para cada uma delas o ano, o mês e o dia são conhecidos *com exatidão*.” O que diz esse sumário traduzido acima reflete o conteúdo do artigo deles. Em parte alguma desse artigo eles afirmaram taxativamente que “as medições não eram confiáveis”.

A frase "Essas medições não eram confiáveis" é de responsabilidade exclusiva dos escritores da revista *A Sentinela*. Os historiadores F. R. Stephenson e David M. Willis não fizeram esta declaração. O artigo deles diz *o contrário*, e justamente em relação a uma das datas históricas estabelecidas pela VAT 4956.

Conforme já vimos, nem todos os eruditos citados na *Sentinela* são vivos. Já consideramos o uso que a revista fez das palavras de alguns eruditos tais como Neugebauer e Weidner (no final da Parte 2 - O Que os Documentos Realmente Mostram) e R. P. Dougherty (acima). Sendo estes três autores já falecidos, naturalmente não poderiam expressar uma palavra de protesto perante a organização religiosa que publica a revista *A Sentinela* e abusou dessa maneira do trabalho deles.

Mas, e quanto aos eruditos que estão *vivos* no momento em que escrevemos esta análise? As citações de alguns foram também consideradas acima. Sabe-se também como eles encararam essas referências. Na página seguinte, apresentam-se declarações que dois deles emitiram, após verificarem o conteúdo dos números de *A Sentinela*:

O QUE DOIS ERUDITOS DISSERAM SOBRE OS ARTIGOS DE A SENTINELA

Em resposta a uma pesquisadora que o contactou, o Dr. **John Steele** declarou:

From: Steele, John [**N.T.**: O e-mail pessoal foi omitido, a pedido dele]

To: marjoriealley [E-mail omitido]

Date: Fri, Sep 2, 2011 9:32 am

Dear Ms Alley,

Thank you for your email concerning the citation of my work in the recent Watchtower article. As you suggest the author of this piece is completely misrepresenting what I wrote, both in what they say about the lunar three measurement, and in what I say about the possibility of retrocalculation of eclipses (my comments on the latter were restricted to a distinct and small group of texts which are different to the Diary they are discussing). Just glancing through the Watchtower article I can see that they have also misrepresented the views of other scholars by selective quotation out of context.

I've looked at the date of VAT 4956 on several occasions and see no possibility that it can be dated to anything other than the conventional date.

Regards,
John Steele

Tradução: *Obrigado por seu e-mail referente à citação do meu trabalho no artigo recente da Sentinela. Conforme você sugere o autor deste trecho está representando de maneira completamente deturpada o que eu escrevi, tanto no que eles dizem sobre as medidas dos lunar threes [as trincas de posições lunares], como no que eu digo sobre a possibilidade de cálculos retroativos de eclipses (meus comentários quanto a estes últimos se restringiram a um grupo específico e pequeno de textos que são diferentes do Diário que eles estão considerando). Com um simples olhar geral no artigo da Sentinela, posso ver que eles deturparam também as opiniões de outros eruditos, por selecionar citações fora do contexto.*

Verifiquei a data da VAT 4956 em várias ocasiões e não vejo qualquer possibilidade de que ela possa ser fixada em qualquer outra data que não a convencional [568 / 567 AC].

Outro erudito, o Dr. **Ronald Sack**, expressou enfaticamente sua desaprovação à maneira como seu trabalho foi citado. Respondendo a outro correspondente, ele disse:

From: Ronald Sack [email omitido]

To: XXXXXXXXXXXX [email omitido]

Sent: Thu, Sep 8, 2011 3:22 pm

The Watchtower article is a lie. The correct date is 587. I have NEVER been interviewed of this subject.

Ron Sack

Tradução: *O artigo da Sentinela é uma mentira. A data correta é 587. Eu NUNCA fui entrevistado sobre este assunto.*

Daí, atendendo à solicitação do correspondente, ele autorizou a postagem da resposta acima na internet:

Please post my response. People should know how much falsehood is associated with the Watchtower article. Thanks.

Ron Sack

Tradução: *Por favor, poste minha resposta. As pessoas devem saber quanta falsidade está associada com o artigo da Sentinela. Obrigado.*

Tendo em vista a análise *contextualizada* das frases citadas nas revistas, e também as manifestações de eruditos que estão vivos no momento em que escrevemos esta análise, a conclusão é que esses dois artigos da revista *A Sentinela* sobre cronologia não fizeram outra coisa senão **deturpar completamente os conceitos de todos os eruditos que foram citados.**

Esta flagrante manipulação de evidências dificilmente poderia servir para comprovar a teoria cronológica defendida nos dois artigos. Pelo contrário, é uma afronta aos padrões morais de qualquer leitor (seja ele Testemunha de Jeová ou não). É também uma ofensa à inteligência do público (erudito ou não), além de revelar ainda uma completa falta de respeito pelo trabalho de todos esses historiadores vivos e falecidos.

4

Simulações das Posições Lunares da Tabuinha VAT 4956

Notas Importantes:

1– Conforme já dissemos, em sua consideração sobre a VAT 4956 a revista *A Sentinela* limitou-se a afirmar que ‘nem todos os grupos de posições são compatíveis com 568 AEC e todos são compatíveis com 588 AEC’. Mas o artigo da revista **não apresentou a pesquisa** para que os leitores pudessem confirmar esta informação por si mesmos. Assim, não é possível os leitores saberem sequer quais foram as datas usadas nessa pesquisa anônima, promovida pela Torre de Vigia. As datas apresentadas aqui como ‘datas da Torre de Vigia’ foram na verdade as usadas por um *apologista*, que escreveu livros para defender a cronologia errada da organização. Para os leitores interessados numa informação mais detalhada sobre isso, recomendamos o artigo “O Diário Astronômico VAT 4956”, disponível no *Mentes Bereanas*.

2– O software utilizado aqui pelo colaborador do *Mentes Bereanas* que efetuou as simulações (K. Solomon) é o mesmo que foi usado pelos pesquisadores anônimos da Torre de Vigia: *CARTES DU CIEL* (Versão 3.4)

3– Estas simulações foram feitas com base nas coordenadas da atual cidade de Bagdá. (Latitude: 33° 20’ 02” Norte – Longitude: 44° 23’ 52” Leste) Embora a capital do Iraque não esteja situada exatamente no local da antiga Babilônia, a distância é desprezível para propósitos astronômicos (apenas uns 25 quilômetros). O leitor pode, naturalmente, testar estas posições nas coordenadas exatas da antiga Babilônia, que são as seguintes: Latitude: 32° 33’ Norte – Longitude: 44° 25’ Leste.

**Observação
1: Linha 1 do
anverso**

“Ano 37 de Nabucodonosor, rei de babilônia. Mês I [nisanu] (o 1º dia...) a Lua se tornou visível atrás [a leste] do Touro do Céu”

Data Histórica: 22/23 de abril de 568 AEC -

Calendário Babilônico: 1º de nisanu



Após o pôr do sol a Lua se tornou visível atrás (a leste) de Alfa Touro (aproximadamente 5 graus). A simulação está *bem próxima* à posição fornecida pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 3/4 de abril de 588 AEC



Após o pôr-do-sol a Lua se tornou visível na frente (a oeste) de Alfa Touro (aproximadamente 14 graus longe da estrela). A posição *não se ajusta* à que é fornecida na VAT 4956.

**Observação 2:
Linha 3 do
anverso****“Noite do dia 9 (erro para: 8), começo da noite, a Lua ficou 1 cúbito [=2 graus] em frente [= a oeste] de β virgem”**

Data Histórica: 29/30 de abril de 568 AEC - Calendário Babilônico: 8 de nisanu



A Lua ficou visível na frente (a oeste) de Beta Virgem (aproximadamente 3 graus). A simulação está *bem próxima* da posição fornecida pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 11 de maio de 588 AEC – 9 de nisanu



No início da noite a Lua ficou visível atrás (a leste) de Beta Virgem (aproximadamente 13 graus) e não na frente. *A Sentinela* de 01/11/2011, pág. 27 diz: “Na linha 3 dessa tabuinha, lemos que a Lua estava em determinada posição na “noite de 9 [de nisanu]... a posição lunar na linha 3 se encaixa perfeitamente com 9 de nisanu de 588 AEC”. A data correta deveria ser 10 de maio, mas a simulação da Torre de Vigia foi feita na data de 11 de maio. Porém, mesmo em 11 de maio a posição da Lua está *longe* da fornecida pela VAT 4956.

**Observação
3: Linha 8 do
anverso**

“Dia 1º do mês II... a Lua se tornou visível enquanto o Sol ainda estava lá, 4 cúbitos [=8 graus] abaixo [= a leste] de β gêmeos”

Data Histórica: 22/23 de maio de 568 AEC – Calendário Babilônico: 1º de ayaru



A Lua ficou visível aproximadamente 7,4 graus abaixo de Beta Gêmeos o que é muito próximo ao indicado (a VAT 4956 indica 8 graus). Além disso, a Lua se tornou visível enquanto o Sol “ainda estava lá”, isto é, visível logo acima do horizonte. O intervalo entre o pôr-do-sol e o por da Lua foi de quase 2 horas, tempo suficiente para os dois astros serem observados. A simulação do software está muito próxima à posição fornecida pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 1 de junho de 588 AEC - 1º de ayaru



Em primeiro lugar, a data da Torre de Vigia para 1º de ayaru é uma data inaceitável, visto que em um período de 700 anos (626 AEC a 75 EC) o 1º dia do mês de ayaru nunca começou tão tarde como em junho, nem sequer uma vez! Mesmo simulando nesse dia, a Lua ficou visível aproximadamente 10 graus abaixo de Beta Gêmeos, o que é além do indicado (a VAT 4956 indica 8 graus). A única coisa que encaixa da data indicada pela Torre em relação à VAT 4956 é a posição da Lua em Gêmeos, o restante não se encaixa.

**Observação
4: Linha 12
do anverso**

“Mês III... a Lua se tornou visível atrás de câncer, do pôr-do-sol ao por da Lua: 20 graus [=80 minutos]”

Data Histórica: 20/21 de junho de 568 AEC - Calendário Babilônico: 1º de simanu



A lua ficou visível atrás [a leste] de Câncer. O intervalo entre o pôr-do-sol e o por da Lua foi de 92 minutos, portanto muito próximo aos 80 minutos da tabuinha. A simulação do software está muito próxima à posição fornecida pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 30 de junho de 588 AEC - 1º de simanu



Apesar de nessa data a Lua ter ficado visível atrás [a leste] de câncer, o intervalo entre o pôr-do-sol e o por da Lua foi de apenas 23 minutos, portanto muito distante dos 80 minutos da tabuinha. Um intervalo tão pequeno indica que a Lua não pôde ser visível, por estar muito próxima do sol. A simulação do software não bate com o que diz a tabuinha VAT 4956.

**Observação 5:
Linha 14 do
anverso**

“Noite do dia 5, começo da noite, a Lua passou em direção ao leste 1 cúbito [2 graus] <acima/abaixo> da estrela brilhante no fim da pata do Leão [β virgem]”

Data Histórica: 24/25 de junho de 568 AEC - Calendário Babilônico: 5 de simanu



Na data indicada pelo VAT 4956 no começo da noite a Lua não passou próxima a β virgem e sim a 2 graus de γ virgem; Se apontarmos o software para o dia anterior (23 de junho) a Lua passa a 4 graus de beta virgem. A simulação do software difere da posição fornecida pela VAT 4956. Talvez o escriba babilônico tenha cometido um erro ao registrar o nome da estrela ou trocado o dia da observação.

Data da Torre de Vigia: 4 de julho de 588 AEC



Nessa data a Lua se encontrava a 5 graus a leste (atrás) de β virgem e não a 2 graus como diz a tabuinha. A simulação do software não se ajusta ao que diz a tabuinha.

**Observação
6: Linha 15
do anverso**

“Noite do dia 8, primeira parte da noite, a Lua ficou 2,5 cúbitos [2 graus] abaixo de β Libra”

Data Histórica: 27/28 de junho de 568 AEC - Calendário Babilônico: 8 de simanu



Nesta data no começo da noite a lua passou próxima a β libra. Ela estava aproximadamente 4,0 graus ao sul (abaixo). A simulação do software está muito próxima da posição fornecida pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 7 de julho de 588 AEC



Nessa data a lua se encontrava a 12 graus *a oeste* (à frente) de β libra, muito longe da posição indicada pela tabuinha. Note que a Lua se encontra mais perto da constelação de Virgem do que da constelação de Libra. A simulação do software não se ajusta ao que diz a tabuinha.

**Observação 7:
Linha 16 do
anverso****“Noite do dia 10, primeira parte da noite, a Lua estava 3,5 cúbitos [7 graus] diretamente acima de α Escorpião”**

Data Histórica: 29/30 de junho de 568 AEC Calendário Babilônico: 10 de simanu



Na primeira parte da noite a lua ficou próxima a α Escorpião. Ela estava cerca de 8 graus acima (ao norte). A simulação do software está muito próxima da posição fornecida pela VAT 4956, que é de pouco mais de 7 graus.

Data da Torre de Vigia: 10 de julho de 588 AEC - 10 de simanu



Nessa data a Lua se encontrava a 11 graus a nordeste de α Escorpião, já muito além da posição indicada pela tabuinha. Nem mesmo no dia 9 a Lua estava próxima. Na noite anterior ela estava a 10 graus a noroeste de α Escorpião. A simulação do software não se ajusta de forma alguma.

**Observação
8: Linha 17
do anverso**

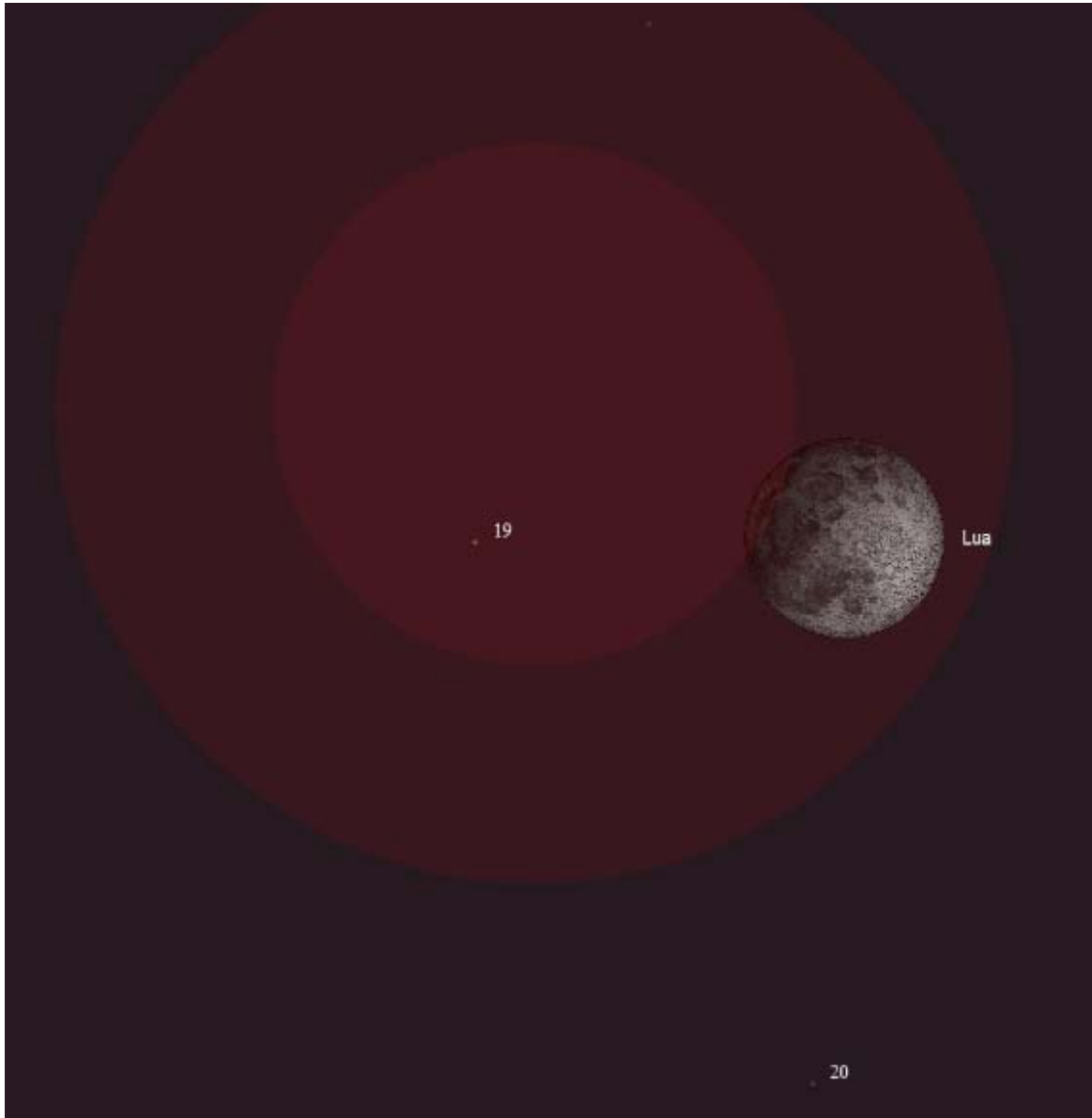
“Dia 15, um deus foi visto com o outro; do nascer do Sol ao pôr da Lua: 7 graus e 30’ [30 min.]. Um eclipse lunar que foi omitido”

Data Histórica: 4/5 de julho de 568 AEC Calendário Babilônico: 15 de simanu



Nesta figura, vemos que o Sol estava visível junto com a Lua, visto que ela ainda estava acima do horizonte durante o nascer do Sol. A lua se pôs 33 minutos depois do nascer do sol.





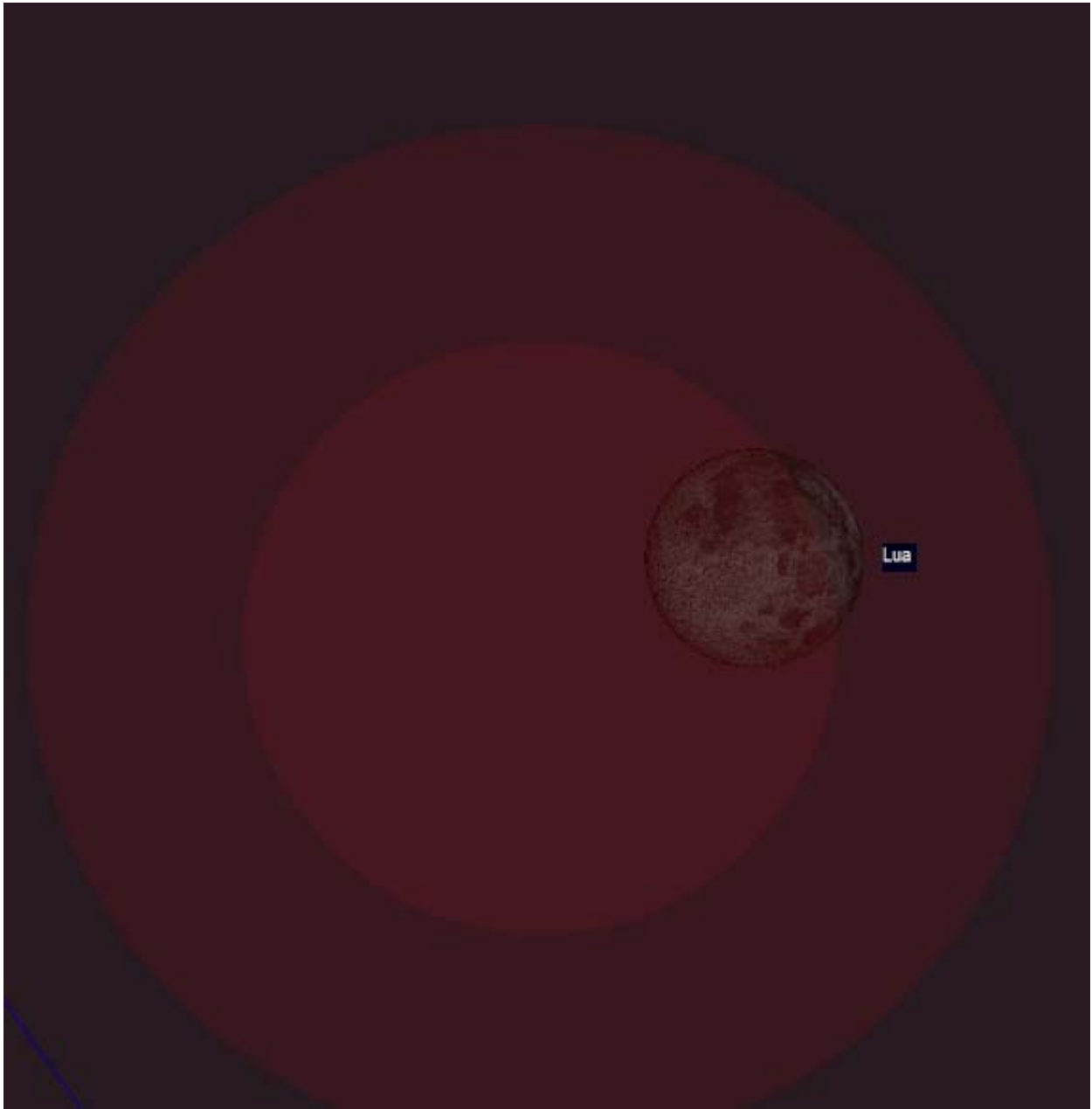
Nas duas figuras anteriores (eclipse e o mesmo eclipse “em close” acima) vemos o eclipse “omitido”, isto é, um eclipse que não pôde ser observado, mas que ocorreu, conforme comprovado pela simulação do software para a data. A simulação do software está muito próxima da posição indicada pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 15 de julho de 588 AEC - 15 de simanu



A Lua já não podia ser vista no horizonte no oeste ao nascer do sol no leste





Vemos nas três figuras acima exatamente o contrário do que diz a tabuinha, isto é, que “um deus não pôde ser visto com o outro no intervalo do nascer do Sol” pelo simples fato de que ao nascer do Sol nessa data a Lua já tinha se posto. Ela já estava abaixo da linha do horizonte 5 minutos *antes* do nascer do Sol. Quanto ao eclipse “omitido” ocorreu realmente um eclipse nesta data. A revista *A Sentinela* de 01/11/2011 diz na página 25: “Realmente ocorreu um eclipse lunar nesse mês em 568 AEC — 4 de julho no calendário Juliano. No entanto, também houve um eclipse *20 anos antes*, em 15 de julho de 588 AEC.” A nota 17, na página 28, acrescenta “Assim, a data desse eclipse em 588 AEC se encaixa bem na data mencionada na tabuinha.” Essas afirmações são verdadeiras conforme a simulação do software somente com relação ao eclipse lunar. Todo o resto *não se ajusta*.

**Observação 9:
Linha 5 do
reverso**

“Mês 11,... a Lua se tornou visível em Andorinha; do pôr-do-sol ao pôr da Lua: 14 graus e 30’ [58 minutos];... A essa hora, Júpiter estava 1 cúbito atrás do cotovelo de Sagitário...”

Data Histórica: 12/13 de fevereiro de 567 AEC Calendário Babilônico: 1º de shabatu



Após o pôr-do-sol da data indicada, a lua foi vista em Andorinha (o nome babilônico para a constelação que incluía Peixes). Neste exato momento, Júpiter estava na constelação de Sagitário. A simulação do software retrata exatamente como estava o céu na noite indicada pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 22 de fevereiro de 587 AEC - 1º de shabatu



Ao pôr-do-sol, a lua já não podia ser vista, pois estava muito próxima do sol. Nessa data, Júpiter não estava em Sagitário como diz especificamente a tabuinha, mas encontrava-se entre Áries e Peixes. A simulação do software não se ajusta.

**Observação 10:
Linha 12 do
reverso**

“Mês 12, dia primeiro do mês... a Lua se tornou visível atrás de Áries enquanto o Sol ficou lá; do pôr-do-sol ao pôr da Lua: 25 graus [100 minutos], calculado.”

Data Histórica: 14/15 de março de 567 AEC Calendário Babilônico: 1º de adaru



Na noite do dia indicado pelos historiadores, a lua demorou 104 minutos para se pôr (26 graus). A Lua estava longe do Sol o suficiente para ser vista enquanto “o sol ainda estava lá”. Ela encontrava-se a 16 graus de Alfa⁸ Áries (parcialmente atrás e abaixo). A simulação do software retrata quase exatamente como estava o céu na noite indicada pela VAT 4956 com valores de diferença de tempo desprezíveis.

⁸ A estrela mais brilhante da constelação de Áries

Data da Torre de Vigia: 24 de março de 587 AEC Calendário Babilônico: 1º de adaru



Na noite do dia indicado pela Torre de Vigia, a lua demorou 86 minutos para se pôr (21,5 graus). A Lua estava longe do Sol o suficiente para ser vista enquanto “o sol ainda estava lá”. Ela encontrava-se a 20 graus de Alfa Áries (parcialmente abaixo e parcialmente atrás). A simulação do software retrata quase exatamente como estava o céu na noite indicada pela VAT 4956, porém com valores de diferença de tempo significativos.

**Observação
11: Linha 13
do reverso**

“Na noite do dia 2, a Lua estava 4 cúbitos [8 graus] diretamente abaixo de η Touro”

Data Histórica: 15/16 de março de 567 AEC Calendário Babilônico: 2 de adaru



Na noite do dia indicado pelos historiadores a lua estava exatamente abaixo (ao sul) de η touro e a quase 8 graus. A simulação do software retrata exatamente como estava o céu na noite indicada pela VAT 4956.

Data da Torre de Vigia: 25 de março de 587 AEC - Calendário Babilônico: 2 de adaru



Na noite do dia indicado pela Torre de Vigia a Lua não estava exatamente abaixo, mas a sudeste e a 10,5 graus distante de η Touro. A simulação do software não se encaixa com a data da Torre de Vigia, mas pode ser aceitável.

**Observação 12:
Linha 14 do
reverso**

**“Na noite do dia 7, a Lua foi circuncidada por um halo;
Presépio e Alfa Leão [ficaram] ne[la...]”**

Data Histórica: 20/21 de março de 567 AEC - Calendário Babilônico: 7 de adaru



Na noite do dia indicado pelos historiadores a Lua ficou entre Alfa Leão e Presépio.⁹ A simulação confere com a VAT 4956.

⁹ Presépio é um aglomerado de estrelas próximo do centro da Constelação de Câncer.

Data da Torre de Vigia: 30 de março de 587 AEC - Calendário Babilônico: 7 de adaru



Na noite do dia indicado pelos historiadores a Lua ficou entre Alfa Leão e Presépio (Câncer) e o halo circundou Leão e Câncer, pois ficou entre as duas constelações. A simulação confere com a VAT 4956.

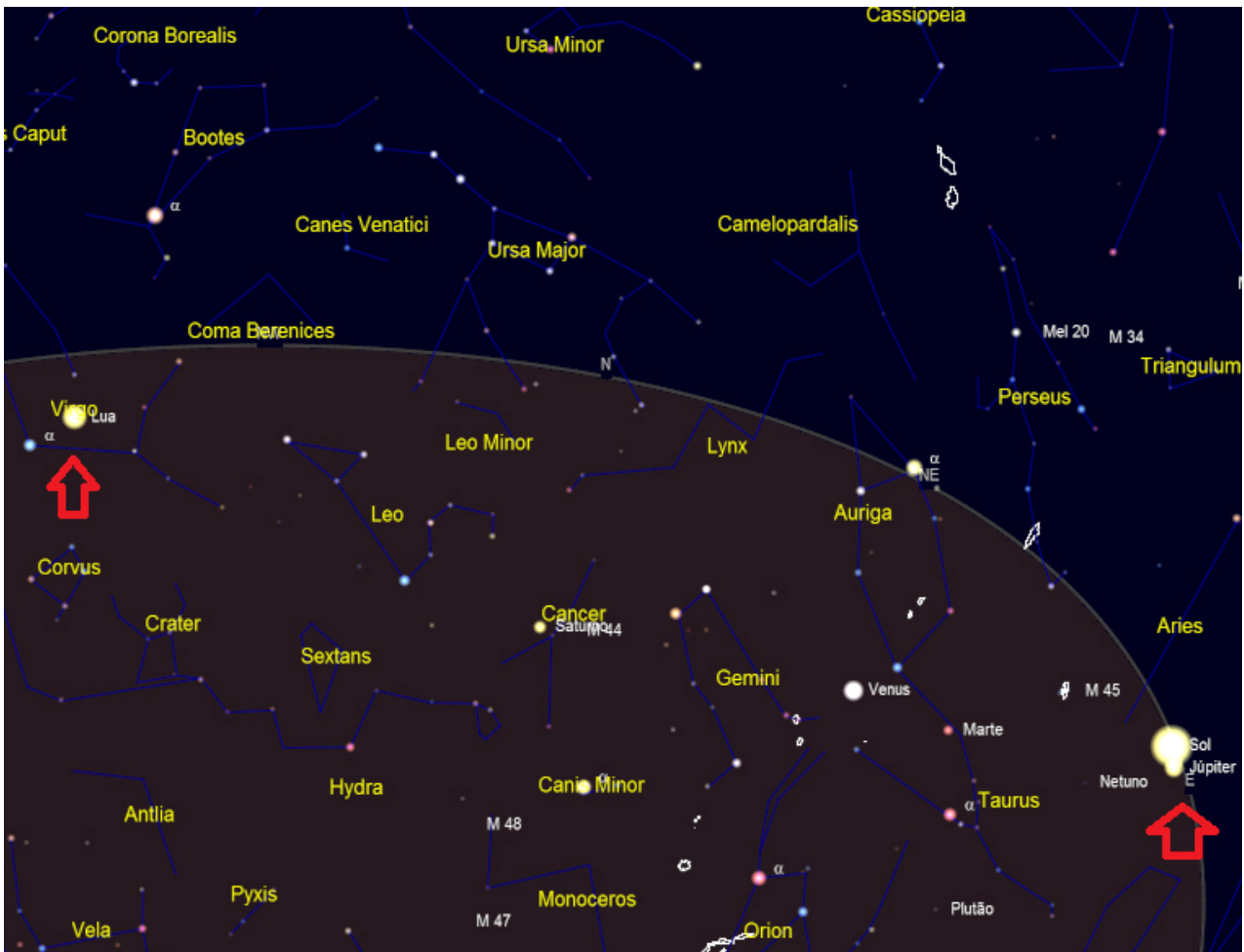
**Observação
13: Linha 16
do reverso****“Dia 12, um deus foi visto com o outro; do nascer do Sol
ao pôr da Lua 1,30 graus [6 minutos]”**

Data Histórica: 25/26 de março de 567 AEC - Calendário Babilônico: 12 de adaru



Como já sabemos à base da observação 8 “um deus ser visto junto com o outro” quer dizer que naquela data o Sol e a Lua podiam ser vistos acima do horizonte. No caso, por cerca de 6 minutos segundo a tabuinha. O software simula um tempo de 3 minutos de visualização de ambos conforme indicado na figura. A simulação confere com a VAT 4956 com valor muito aproximado.

Data da Torre de Vigia: 4/5 de abril de 587 AEC Calendário Babilônico: 12 de adaru



Na figura vemos que não foi possível a visualização de ambos os astros na data especificada pela Torre de Vigia pelos simples fato de que ao nascer do Sol a Lua já ter se posto tantos quantos 41 minutos antes. A simulação não confere de modo algum com a VAT 4956.

Quadro-resumo da análise das 13 observações:

Observação	Para 607 AEC	Para 587 AEC
01	Não se Ajusta	Ajusta-se
02	Não se Ajusta	Aceitável
03	Não se Ajusta	Ajusta-se
04	Não se Ajusta	Ajusta-se
05	Não se Ajusta	Não se ajusta, mas é aceitável se recuado um dia.
06	Não se Ajusta	Ajusta-se
07	Não se Ajusta	Ajusta-se
08	Não se Ajusta	Ajusta-se
09	Não se Ajusta	Ajusta-se
10	Ajusta-se parcialmente	Aceitável
11	Ajusta-se parcialmente	Ajusta-se
12	Ajusta-se	Ajusta-se
13	Não se Ajusta	Ajusta-se

Voltemos agora às perguntas e afirmações feitas na revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 2011:

PERGUNTAS

“Mas será que essas referências astronômicas apontam irrefutavelmente apenas para o ano de 568/567 AEC?” (pág. 25)

“Mas será que a VAT 4956 fornece mais evidências para o ano 607 AEC?” (pág. 27)

“Eles [os "pesquisadores"] analisaram os dados com a ajuda de um programa de computador capaz de mostrar a localização de corpos celestes em determinada data no passado. O que essa análise revelou?” (pág. 27)

RESPOSTAS

O fato de quase todas as evidências apontarem para este ano, torna-o mais qualificado do que qualquer outro.

Fornece, mas elas estão longe de qualificar este ano e desqualificar 587 AEC. O número de evidências favoráveis a 587 AEC é *esmagadoramente* superior.

Que a VAT 4956 situa o ano 568 AEC como o 37º ano de Nabucodonosor — exatamente como os eruditos dizem desde que começaram a estudar essa tabuinha.

AFIRMAÇÕES

“A VAT 4956 aponta com mais certeza para 607 AEC” (pág. 25, no gráfico ao pé da página, em destaque)

“Ao passo que nem todos esses grupos de posições lunares são compatíveis com o ano 568/567 AEC, os 13 grupos

VERDADEIRA OU FALSA?

FALSA. A soma das evidências na tabuinha aponta com muito mais certeza para o ano 587 AEC. É por isso que nenhum erudito que estudou essa tabuinha endossa a data 607 AEC.

FALSA. Embora “nem todos” os grupos se ajustem a 568/567 AEC, *a maioria* se ajusta. Por outro lado, a

são compatíveis com posições calculadas para 20 anos antes, ou seja, para o ano 588/587 AEC.” (pág. 27 - os sublinhados são nossos.)

“Um dos lugares onde as observações lunares combinam ainda mais com 588 AEC do que com 568 AEC é mostrado na tabuinha reproduzida nestas páginas. Na linha 3 dessa tabuinha, lemos que a Lua estava em determinada posição na “noite de 9 [de nisanu]... a posição lunar na linha 3 se *encaixa perfeitamente* com 9 de nisanu de 588 AEC.”. (pág. 27 - o itálico é deles)

“Fica claro então que muitos dos dados astronômicos na VAT 4956 combinam com o ano de 588 AEC como o 37º ano de Nabucodonosor II. Assim, esses dados apóiam o ano de 607 AEC como a data da destruição de Jerusalém — exatamente como a Bíblia indica.” (pág. 27 – os sublinhados são nossos)

maioria das posições *não é compatível* com 588/587 AEC.

FALSA. Nem “combinam ainda mais”, nem “se encaixa perfeitamente”. E mesmo que isso fosse verdade no caso desta observação, ainda não provaria que a tabuinha está se referindo ao eclipse de 588 AEC, pois é preciso levar em conta as informações dadas *em todo o resto da tabuinha*. Uma ou duas evidências isoladas não são suficientes para anular um grupo muito maior de evidências. A lógica diz o contrário disso.

FALSA. Não são “muitos” sob critério algum. A maioria dos dados combina com 568 AEC. A quantidade de dados que se ajusta a 588 AEC é desprezível em comparação. E a Bíblia *não indica em texto algum* o ano 607 AEC como a data da destruição de Jerusalém.

5

A Importância do Ano 607 AEC Para a Organização Torre de Vigia

“Em relação à questão da cronologia, o grande problema é que só uma fração ínfima das Testemunhas de Jeová tem condições de checar se as coisas são realmente como a Torre de Vigia alega. Na realidade, a grande maioria não se apercebe de quanto a data 1914 significa. Não tem dimensão de quanto isso pode mudar suas vidas. Para exemplificar: a data 1914 afeta, para uma Testemunha de Jeová que está num leito hospitalar, a decisão de ela aceitar uma transfusão de sangue ou não. Literalmente, é uma questão de vida ou morte!”

A declaração acima foi feita por um dos responsáveis pelo site *Mentes Bereanas* numa comunicação particular.

Mas, não é um exagero afirmar que ensinamentos sobre cronologia são “literalmente uma questão de vida ou morte”? Por que este responsável pelo site disse estas palavras? Para entendermos isso, é essencial — antes de qualquer outra coisa — observar como esses ensinamentos sobre datas são apresentados.

Um dos historiadores que foram citados de maneira deturpada na revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 2011 fez alguns comentários adicionais, que são apresentados aqui em complemento à análise do trecho do livro dele, que foi feita na Parte 3. Explicando o porquê de não estar disposto a escrever algo para questionar esses artigos sobre cronologia nos quais foi citado, ele disse:

“Em primeiro lugar, isso é muito trabalhoso, muito embora a evidência [favorável à data 587 AEC e contrária a 607 AEC] seja sobrepujante... Em segundo lugar, não se pode convencer estas pessoas. [Elas] não têm contra-argumentos, mas esse tipo de pseudo-historiadores jamais admitirá isso.”

Se, de acordo com as palavras deste historiador, a evidência a favor de 587 AEC é "sobrepujante" e ninguém tem contra-argumentos capazes de derrubá-la, então como se explica que a liderança da Torre de Vigia possa convencer tanta gente de que essa é a data errada da destruição de Jerusalém e 607 AEC é que é a data correta? Como eles conseguem fazer isso? Este mesmo erudito definiu isso com precisão, numa simples frase:

“607 é a **cronologia de Deus**. Como se pode lutar contra isso?”¹⁰
(O grifo é nosso)

Infelizmente, em se tratando de diversos ensinamentos da Torre de Vigia, o método *sempre foi esse*. Por exemplo, muitos de nossos leitores conhecem a famosa declaração que apareceu na revista *A Torre de Vigia de Sião* de 15 de julho de 1894. Referindo-se a algumas datas que a organização defendia na época, a revista dizia na página 1677 (das reimpressões):

We see no reason for changing the figures—nor could we change them if we would. They are, we believe, God's dates, not ours. But bear in mind that the end of 1914 is not the date for the *beginning*, but for the *end* of the time of trouble.

Tradução:

“Não vemos qualquer razão para mudar os números — nem poderíamos mudá-los se quiséssemos. Eles são, como cremos, **datas de Deus**, não nossas. Mas tenham em mente que o fim de 1914 não é a data do *início*, e sim do *fim* do período de tribulação.”
(o grifo é nosso)

Alguns poderiam argumentar que esta idéia é muito antiga e os líderes da Torre de Vigia não fariam mais esse tipo de afirmação arrojada em suas publicações hoje em dia. Mas a evidência indica o contrário. No caso destes mesmos artigos da revista *A Sentinela* de outubro e novembro de 2011, consideremos as declarações taxativas que foram feitas em relação à data de 607 AEC (os destaques com letra maiúscula são nossos):

A Sentinela de 1º de outubro de 2011:

Pág. 28 “... as evidências das Escrituras inspiradas apontam **CLARAMENTE** para 607 AEC...”

Pág. 31 “... a Bíblia diz **CLARAMENTE** que houve um exílio de 70 anos.”

“A cronologia bíblica indica **FORTEMENTE** que a destruição [de Jerusalém] ocorreu em 607 AEC.”

¹⁰ Estas declarações são de R. J. Van Der Spek, numa comunicação particular de 25 de outubro de 2011.

A Sentinela de 1º de novembro de 2011:

Pág. 22 “... a Bíblia diz **CLARAMENTE** que o exílio durou 70 anos, tudo indica que ele começou em 607 AEC.”

Pág. 27 “... esses dados apóiam o ano de 607 AEC como a data da destruição de Jerusalém — **EXATAMENTE** como a Bíblia indica.”

“Os escritores bíblicos Jeremias e Daniel dizem **CLARAMENTE** que os judeus ficaram no exílio 70 anos, não 50.”

“Essas declarações [bíblicas] indicam **FORTEMENTE** que Jerusalém foi destruída em 607 AEC.”

Será que todos os qualificativos grifados acima não significam nada? Afirmar que a data 607 AEC é “exatamente”, “fortemente” ou “claramente” ensinada na Bíblia não equivale a dizer que ela é uma “data de Deus”? Poderia algo ser ensinado “claramente” na Bíblia sem ter sido sancionado pelo próprio Deus?

De modo que não foi o caso de o erudito citado ter ‘lido mais do que está escrito’, ao chamar o ano 607 AEC de “cronologia de Deus”. A leitura que ele fez dos artigos de *A Sentinela* o levou a esta conclusão porque é exatamente assim que o assunto é apresentado na revista. É dessa maneira que todas as Testemunhas de Jeová no mundo devem entender esses artigos. Mesmo que existam milhares de evidências históricas a favor de 587 AEC, e mesmo que a própria Bíblia esteja de acordo com ela, as pessoas devem rejeitá-la assim mesmo, já que “Deus” disse que ela está errada e a data 607 AEC é que é a correta. Quantos associados da Torre de Vigia ousariam questionar uma “data de Deus”, “claramente apontada” nas Escrituras?

A questão que precisa ser respondida agora é: Se a própria Bíblia não dá base alguma para a idéia de Jerusalém ter sido destruída em 607 AEC, se não é possível encontrar evidência disso na documentação histórica, e se nenhum erudito imparcial endossa esta data (como foi admitido nos próprios artigos), então por que ela é defendida na revista *A Sentinela*? Se a liderança da Torre de Vigia há muito tempo está a par da enorme quantidade de evidências contra esse ensino, por que simplesmente não aceita essas evidências e continua dedicando espaço em suas publicações para impor a data 607 AEC com tanta força e insistência, chegando ao ponto de invocar o apoio de Deus para ela?

607 AEC – A Base duma Autoridade Religiosa

A resposta direta à pergunta acima é: Não é só uma questão de defender uma data cronológica. Há muito mais coisas em jogo.

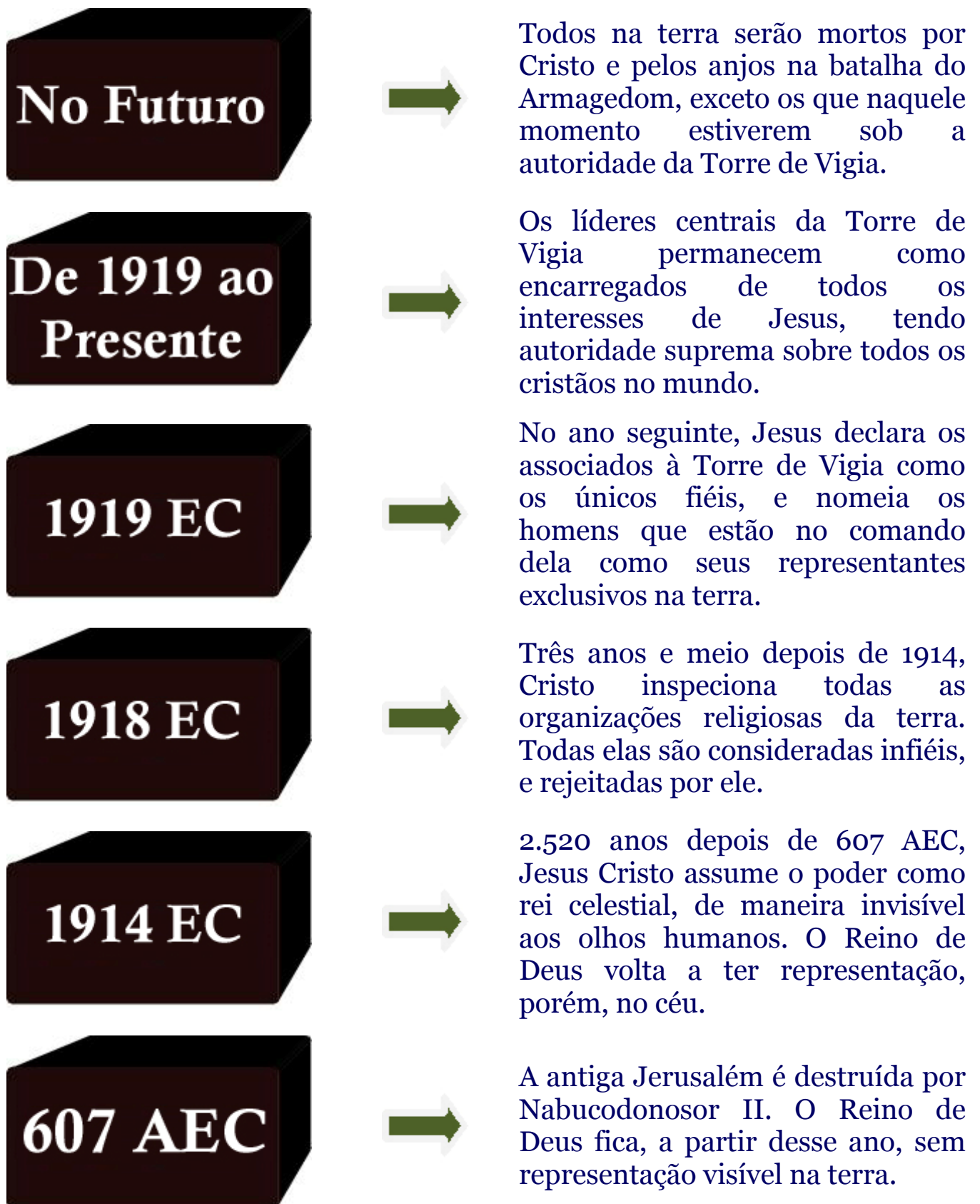
Via de regra, as instituições religiosas possuem uma estrutura de autoridade hierárquica. Uma vez que não se pode encontrar apoio bíblico para a idéia de hierarquia humana entre os cristãos, como é que os líderes das organizações procedem para legitimar sua autoridade sobre os grupos que estão sob o seu comando? A única maneira de fazer isso é recorrendo a idéias extra-bíblicas – apresentadas à comunidade como se fossem bíblicas. O que varia é apenas o discurso. Enquanto algumas lideranças religiosas se apresentam como “sucessoras” diretas da “autoridade apostólica” do primeiro século, outras afirmam ser as verdadeiras “restauradoras” do cristianismo primitivo.

Com esse mesmo objetivo de legitimar sua autoridade, a Torre de Vigia apresenta uma curiosa mistura dessas duas idéias. Entre os seus ensinamentos principais encontra-se a idéia dum “escravo fiel e discreto”. Eles ensinam que esta expressão bíblica aplica-se – e sempre se aplicou – apenas a um pequeno grupo específico de cristãos, que existia no primeiro século da Era Cristã, existiu ao longo dos séculos e existe hoje. Este grupo seria o encarregado de liderar espiritualmente todos os demais cristãos na terra em todos os séculos. Embora eles não saibam dizer quem constituía esse grupo durante a maior parte da história do cristianismo, o fato é que *hoje* a expressão é aplicada aos líderes da Torre de Vigia – e unicamente a eles.

Mas, que base eles têm para dizer que essa autoridade se aplica unicamente a eles e não a alguma outra liderança cristã? Fazem isso por afirmar que Jesus Cristo assumiu o poder como rei celestial no ano de 1914 e pouco depois ele próprio os nomeou como seu “canal” ou representante exclusivo na terra.

E de onde vem essa data de 1914? Ela é o resultado dum cálculo cronológico, uma soma simples de um período de 2.520 anos, contados a partir do ano 607 AEC – que é apresentado como o ano final da soberania judaica (considerada como a expressão do reino de Deus na terra naquela época).

O esquema apresentado a seguir permite uma visualização gráfica de tudo o que a organização ensina em conexão com essas datas, a saber, os “blocos” do “edifício”, sendo a “pedra fundamental” o ano defendido pela Torre de Vigia para a destruição da antiga Jerusalém - **607 AEC**:



Se alguém examinar atentamente todo esse conjunto de ensinamentos, não será difícil entender que quando a liderança desta organização defende a idéia de a antiga Jerusalém ter sido destruída em 607 AEC, não é só uma simples data histórica que está sendo defendida. Se fosse só isso, essa data já poderia ter sido descartada há muito tempo e esses líderes religiosos poderiam reconhecer a data histórica (587 AEC) facilmente.

Não, embora esses artigos da *Sentinela* nunca admitam, o que a organização Torre de Vigia está realmente defendendo, nestas publicações e em muitas outras, é a *sua própria estrutura de autoridade*, que foi construída ao longo de mais de um século. Abandonar esta data agora seria destruir a pedra fundamental do "edifício" doutrinário que sustenta a autoridade desta liderança religiosa sobre milhões de cristãos na terra. Todo o "edifício" desmoronaria! Os líderes da Torre de Vigia sabem que se aceitarem a evidência histórica, serão obrigados a abandonar essa data e procurar imediatamente outra base para sua autoridade. É isso, então, que os leva a gastarem muitas páginas em suas publicações no esforço para defendê-la, mesmo indo contra todas as evidências.

Todo aquele que aceita este conjunto de ensinamentos, inclusive esta "data fundamental" de 607 AEC, coloca-se automaticamente sob a autoridade desta liderança religiosa específica. Não há dúvida de que isso pode ter um tremendo impacto sobre a vida dessa pessoa. No caso dos seguidores da Torre de Vigia, isso afeta profundamente a maneira como a pessoa conduzirá sua vida cristã, como ela encarará as outras pessoas, como usará o seu tempo de vida e recursos, e até mesmo decisões pessoais, tais como com quem se casará, ou se aceitará ou recusará algum tratamento de saúde (conforme mencionado pelo responsável no início desta parte).

Por outro lado, quem rejeita esta data e todos os cálculos e ensinamentos associados a ela (ou *qualquer outro ensino extra-bíblico* que seja usado por *qualquer outra liderança religiosa* como base para sua autoridade) não verá motivo algum para se deixar influenciar por ditames estabelecidos por outros homens.

De modo que a questão aqui não é saber em que ano a antiga Jerusalém foi destruída. Qualquer pessoa que estudar o assunto de maneira imparcial terá isso bem definido, do ponto de vista bíblico e histórico. Conforme já dissemos na *Introdução* a este folheto, para a fé cristã não faz diferença alguma saber qual é a data correta. As verdadeiras questões (que são do interesse não só dos associados à Torre de Vigia, como também de qualquer cristão associado a qualquer outra liderança religiosa) são as seguintes:

É a organização Torre de Vigia (ou qualquer outra instituição religiosa do mundo) a única representante legítima de Deus na terra, tendo autoridade espiritual sobre todos os cristãos, sendo a associação com esta liderança uma condição essencial para ser salvo, ou mesmo para se ter algum relacionamento com Deus?

Devem os cristãos estar sujeitos a uma estrutura organizacional, submetendo-se sem questionar às regras estabelecidas pelos líderes dessa estrutura? Ou são eles almas livres perante Deus, reportando-se unicamente à liderança de Cristo, sem quaisquer outros intermediários?¹¹

Se uma discussão que é só aparentemente técnica pode ter tanto impacto assim na vida de tanta gente, é claro que todos têm direito de conhecer *ambos os lados* dela. Esperamos que toda a informação suprida neste folheto tenha dado pelo menos uma pequena contribuição para isso. Que todos os que o lerem tenham mais condições de tomarem decisões em relação a este assunto com mais conhecimento de causa. Esse conhecimento é realmente libertador!

¹¹ Como um exemplo gráfico da existência de "intermediários" dentro do modelo de autoridade estabelecido pela Torre de Vigia, citamos aqui o *Nosso Ministério do Reino* de maio de 1986, págs. 7, 8: "*Discípulo é aquele que aceita e promove os ensinamentos de outro. Portanto, os batizados precisam não só ter adquirido um conhecimento básico da verdade da Bíblia, mas já devem estar demonstrando pelo seu proceder na vida que compreendem as normas justas de Jeová e se harmonizam com elas. Além disso, quais discípulos de Jesus Cristo, **reconhecem a organização visível de Jeová e a autoridade de Jesus Cristo exercida por meio do "escravo fiel e discreto"**.*

Resumo e Considerações Finais

O lançamento dos artigos sobre cronologia nos números da revista *A Sentinela* de 1º de outubro e 1º de novembro de 2011 resultou em mais um fracasso no empenho de provar a validade bíblica e histórica da data de 607 AEC. Isso porque os problemas na argumentação contida nessas matérias são os mesmos que os de todas as discussões anteriores sobre este assunto nas publicações da Torre de Vigia:

Na **Parte 1** constatou-se que as informações simples e diretas da **Bíblia** sobre este assunto ainda não estão sendo aceitas. O que os textos dizem sobre os 70 anos de Jeremias, no tocante ao significado deste período histórico e o momento em que ele começou e terminou continua sendo deturpado ou desconsiderado.

Na **Parte 2** foi mostrado que ainda se faz todo o esforço para tentar minar a credibilidade da **documentação histórica e astronômica** que estabelece a cronologia do inteiro período neobabilônico. Toda e qualquer informação presente nesse enorme volume de documentação que contradiga a data 607 AEC é ignorada. Em vez disso, apela-se para *possibilidades e conjecturas*, que são apresentadas às pessoas como se fossem fatos.

Na **Parte 3** foram considerados exemplos, um atrás do outro, de citações fraudulentas de **historiadores eruditos**. O exame cuidadoso dos escritos deles mostrou que, *na maioria dos casos*, os eruditos disseram *o contrário* daquilo que os artigos da revista *A Sentinela* atribuíram a eles.

A **Parte 4** complementou a análise (feita no final da Parte 2) de tudo o que a revista *A Sentinela* de 1º de novembro de 2011 disse sobre a tabuinha **VAT 4956**. Os leitores tiveram condições de confirmar visualmente, por si mesmos, quão desastrosa foi a tentativa feita na revista de usar este importante documento astronômico para apoiar a data 607 AEC.

Finalmente, a **Parte 5** tratou da verdadeira razão da escrita desses artigos, que em momento algum foi admitida: Atribuir à data de 607 AEC uma *força divina* não tem o objetivo de defender uma cronologia histórica. O que está por trás de todo esse esforço é a idéia de **legitimar uma estrutura hierárquica de autoridade espiritual**.

Assim como ocorreu no caso da defesa anterior da cronologia de 607 AEC (a que tinha sido publicada no livro *Venha o Teu Reino*, de 1981, págs. 186-190), é bem

provável que estes dois artigos da revista *A Sentinela* de 2011 sejam usados por muito tempo pelos apologistas dessa cronologia como a principal ou até *única* "referência erudita" em apoio dela. Por isso, fizemos aqui um esforço de considerar pelo menos os principais problemas na argumentação destes artigos. Outras informações pertinentes a este assunto podem ser encontradas em todas as demais matérias já publicadas em nosso site. O conteúdo deste folheto fica igualmente à disposição de nossos leitores para consulta, sempre que necessário.

Não se afirma aqui que todos os que defendem essa "cronologia de Deus" no momento sejam necessariamente pessoas mal-intencionadas, que desejam enganar outros deliberadamente. Pelo contrário, cremos que em numerosos casos o problema básico é *falta de conhecimento das evidências*. É um fato inegável que todos nós, que temos alguma participação em divulgar estas informações hoje, fomos um dia, em maior ou menor grau, defensores destas mesmas idéias que são apresentadas nestes numeros da revista *A Sentinela*. Muitos eram, inclusive, estudiosos sérios de todas as doutrinas religiosas derivadas da cronologia de 607 AEC, defendiam tudo isso com muita fé e convicção e orientavam sua vida de acordo com essas idéias. Não seria justo dizermos agora que estas pessoas agiam de maneira hipócrita, ensinando isso a outros com intenção de enganá-los. Elas faziam isso por realmente acreditarem que os ensinamentos eram corretos. E isso era uma *decisão pessoal* de cada uma delas, com base na informação que tinham à disposição.

O mesmo é verdade agora. Por mais que tenha havido um esforço de apresentar toda a discussão presente neste folheto de maneira imparcial, temos de reconhecer que as decisões que cada leitor tomará em sua própria vida com base nas conclusões apresentadas aqui, são (e devem ser) igualmente *decisões pessoais*. No máximo, o que podemos fazer é simplesmente apresentar *ambos os lados* da discussão. A questão de saber o que é que cada pessoa fará com base nessa informação (no caso de aceitá-la) é algo entre essa pessoa e Deus. Quanto a nós, sentimos-nos satisfeitos e gratos pela oportunidade de publicar isso, sempre com a idéia de beneficiar o nosso público leitor. Como sempre, estamos abertos a críticas construtivas e sugestões desse público. E caso haja realmente necessidade de algum esclarecimento adicional destas questões, poderemos publicar algo mais no futuro, em meios de comunicação pública tais como a internet.

Como exemplo adicional da grande importância que a data 607 AEC tem na doutrina da Torre de Vigia, a revista *A Sentinela* de 15 de dezembro de 2011 fez as seguintes declarações na página 31:

"Como sabemos a data em que a Jerusalém antiga caiu diante dos babilônios? Historiadores clássicos fornecem detalhes confusos e contraditórios sobre os reis babilônios e seus reinados. No entanto, eruditos concordam que Ciro II conquistou Babilônia em 539 AEC, uma data fundamental. Os judeus foram libertados e chegaram à sua terra de origem em 537 AEC. A Bíblia diz que seu exílio durou 70 anos. Portanto, Jerusalém deve ter caído em 607 AEC."

Espera-se que a informação deste folheto habilite todos aqueles que o lerem a examinar com mente aberta a validade bíblica e histórica de pronunciamentos como o acima, cujo impacto é tão marcante na vida de milhões de pessoas que os aceitam como verdade divina.

**Uma publicação do
*MENTES BEREANAS***